

LEANDRO KARNAL

PARA PENSAR E ESCREVER MELHOR



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

PARA PENSAR
E ESCREVER
MELHOR

LEANDRO KARNAL

PARA PENSAR
E ESCREVER
MELHOR

Copyright © Leandro Karnal, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Diogo Arrais
Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Wélida Muniz e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa e ilustração de capa: Brenda Macedo
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Karnal, Leandro

Para pensar e escrever melhor : pequenos textos [livro eletrônico]
/ Leandro Karnal. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
ePUB

ISBN 978-85-422-2638-6 (e-book)

1. Crônicas brasileiras 2. Escrita criativa I. Título

CDD B869.3

24-0444

1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo
responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Este livro é dedicado a Ava Prioli Mansur, minha afilhada. Que sua trajetória seja interessante e que escute sempre o vento (como queria Fernando Pessoa) – e, só de conseguir ouvi-lo, já sinta o valor total da vida.

Sumário

Prefácio

Apresentação

bloco um

Costumes sociais

Um casamento inesquecível
O Cordeiro de Deus
O tempo foi generoso com você
Dois amigos e um Peixe
As luvas do passado
Henrique aceita!
O macho muda
A equipe focada
A paz e o trono
Cuidado com os ditados

bloco dois

Ah, Leandro! Deixa de história!

As bolsas e o capitalismo
O árbitro da elegância
Os imbecis
Um ano ruim
Criticar no Brasil
Existem milagres?
O camarote mais sofisticado
Convivendo com o sucesso
As ironias da História
O fascismo é atual?

bloco três

Jacyr Karnal

O suporte da memória
Os ombros suportam o mundo
Família da foto
Natal da maturidade
Técnicas para a escassez
Essa eu conheço
O novo risco de rir
Quem se lembrará?
O boquirroto
Memória Magnética

bloco quatro Sou cínico!

A culpa é sua, leitor!
A dignidade dos mamíferos
O tango requer dois?
A ex
Os preços
Índices de maturidade
Como reagir
Náufragos do orgulho
A possuída
As palavras e nós

bloco cinco Às vezes, Leandro! Às vezes, Karnal!

O pior de todos
O grande teatro do mundo
É sina, Argeu
Há lógica no mundo?
Que homem irritante!
Talento e gênero
O Brasil é de Jesus
Carta ao jovem imperador
A face de tudo
O meu time

Prefácio

Certa vez, li na quarta capa de uma edição de *Vidas secas* um trecho de Graciliano Ramos que me marcou mais até do que a história de Fabiano, Baleia e os demais: “a palavra não foi feita para adornar, brilhar como *ouro* falso, a palavra foi feita para dizer”. O trecho é intrigante porque a prosa de Graciliano encanta. O português bem combinado por mentes astutas é capaz de produzir belezuras indizíveis, mas – e essa é, querido leitor ou querida leitora, a minha leitura de Graciliano – só há beleza naquilo que entrega mais que o simples cintilar dos termos bem combinados. Há que se ter mensagem. Dizer. Produzir reflexão. Construir algo novo.

Quem conhece Leandro Karnal sabe do seu amor pelas palavras. É um historiador que invoca sua história particular toda vez que nos explica a etimologia das palavras. E eu digo que invoca a sua história porque é como se trouxesse seu pai, Renato Karnal, para a roda toda vez que recorre ao latim. A conversa se amplia. Há mais interlocutores ali do que os olhos mais atentos podem notar. É preciso de outros sentidos para perceber o que não se tem diante de nossa vista.

E esse amor, entretanto, não ignora a relevância da mensagem. Karnal é definitivamente um homem que fala bonito e indubitavelmente alguém que não fala vazio. Há sempre, na mensagem, o que deve ser dito. “Palavras são feitas para dizer”, afirmou Graciliano. E Karnal diz muito.

Esta coletânea de crônicas que você tem em mãos nos apresenta o traço de personalidade pelo qual o autor sempre descreve a si mesmo: “Sou um professor”, ele afirma. “É um professor”, diz este livro.

Só um professor pensaria em organizar suas crônicas de modo que o leitor pudesse, com base nelas e no texto que a elas o introduz, compreender melhor os recursos de linguagem e ampliar a própria caixa de ferramentas para, quem sabe, adotar também o prazer da escrita ou da oratória. “Mas para que dominar tantos artifícios linguísticos se o que importa é o que deve ser dito?” Simples: quanto mais se sabe da língua, mais fácil se torna a comunicação. Ensinar a escrever é partir do pressuposto de que as pessoas têm o que dizer. O texto, ao fim e ao cabo, comunica que o autor tem fé nos seus leitores. Coisa de professor quando entra em sala de aula.

No privilégio de quem convive com o Leandro há três anos na condução de um Clube do Livro de alcance nacional, sei da sua convicção na difusão da leitura como ferramenta de aprimoramento intelectual e cívico. Ao ser perguntado: “Como começo, professor?”, ele sempre orienta: “Pelos textos curtos”. Ei-los aqui.

“Grandes contadores de história”, diz Karnal nestas páginas, “preveem esse sentimento alheio, ou seja, em que lerá; quanto mais detalhes, com menos palavras, maior será o final aplauso”. Fica, então, o alerta para que a brevidade do texto não induza ao erro o observador desatento. Ser profundo dizendo pouco é para poucos.

Também é qualidade rara a cultura que dá ensejo a um passeio por cenários tão diversos. Há contextos tão variados que penso ser impossível terminar esta leitura sem sentir-se contemplado por um texto sequer. Para mim, uma das maiores qualidades de uma vida de leitura é a certeza da não solidão: a leitura nos acolhe porque nos apresenta, no modo de vida ou na forma de pensar, os nossos iguais.

Os recursos linguísticos permitem conhecer um Karnal que a presença digital nos nega. A ironia do último bloco justifica por que os textos que o compõem foram deixados para o final: é que o Karnal que conhecemos na leitura

dessas crônicas aparece com mais frequência na intimidade. E intimidade demanda tempo. É preciso ir até o final.

Tenho um costume curioso. Quando leio algo que me impressiona muito, decoro. Gosto de ter o texto na cabeça para que ele fique à mão. Às vezes decoro apenas uma frase solta, insuficiente para munir o interlocutor do contexto necessário para a compreensão da ideia completa do autor, mas o pedaço me basta, porque o que me encantou foi a beleza da construção literária, não tanto a ideia em si. E, afirmando a minha convicção de que a vida é feita das narrativas que nos contam e daquelas que contamos a nós mesmos, narro para mim uma história na qual esses trechos da literatura marcam momentos especiais. O momento surge, eu tenho um trequinho ali no bolso – ou na cabeça – pra dar o tom, estreitar o laço.

Meu encontro com Karnal foi marcado por *Eros e psique*, de Fernando Pessoa (Rio de Janeiro: Ibris Libris, 2006). Não é todo dia que Pessoa te convida pra uma conversa mais íntima com um professor que você tanto admira. Fernando me deu Leandro. Eu, agora, neste texto, tenho a chance de apresentar um pouco de Leandro.

Retomo Graciliano. A palavra foi mesmo feita para dizer. Sorte das que encontraram a boca e a pena de Leandro. Sorte a nossa, que podemos, agora, encontrá-las ditas por ele.

Gabriela Prioli

Apresentação

Plim! É assim a onomatopeia representante de uma nova mensagem no aplicativo de mensagem urgente. Naquela manhã, a sineta eletrônica servira de despertador.

Ainda sonolento, tentei checar o remetente, mas o aparelho telefônico continuava travado, para um breve surto meu de ansiedade, típica dos tempos intitulados como modernos. Liguei a lâmpada e vi a figura representativa da notificação: LK.

A sigla, caro leitor, adotei como rubrica do professor autor (e autor professor), amante das sintáticas heranças de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: Leandro Karnal. Se já lhe é possível sentir a minicrônica do parágrafo primeiro e a intertextualidade deste, há um amor à primeira vista. Se (ainda) não, fica o desejo de que se sinta conquistado, ao longo desta coletânea, pela história, pela língua portuguesa e pela literatura brasileira.

Na etimologia, ou seja, na origem do termo, crônica tem relação com o grego *chrono* (tempo). Pelos nossos dicionários, no campo literário, representa uma breve narrativa sobre temas cotidianos e atuais. O adjetivo “breve”, diante da peculiar importância desse gênero, faz-se injusto. Para que, ao fim de todas as próximas páginas aqui, sob a constituição do seu júri textual, você – leitor – dê o veredicto de que crônicas não têm superficialidade (mas um clique sagaz), trouxemos cinco blocos, com explicações pré-leitura.

Como o professor autor chegou ao posto de colunista fixo em um dos jornais mais importantes do Brasil – *O Estado de São Paulo*? De onde surgem tantas ideias criativas, lúdicas e

referências admiradas por acadêmicos, críticos, comunicadores e jovens? A resposta começa com leitura, persistência nos estudos históricos e respeito enorme à língua materna (seu pai, Renato Karnal, além de advogado, foi professor de Latim, Língua Portuguesa e Língua Inglesa).

As cinquenta crônicas são reflexos de uma observação peculiar, aperfeiçoada pelo legado de filósofos, romancistas, historiadores, etimólogos, políticos, líderes religiosos, professores e gente do dia a dia. O singular e o plural dos conflitos cotidianos tupiniquins não passam despercebidos aos olhos afiados daquele que acorda às 4 horas e vive intenso para ler e educar.

Em que autores e autoras seus escritos tomaram esta maturidade? Como, por mais que ele ainda negue, diversos de seus textos chegaram ao posto do que é, de fato, arte? Para isso, convém apresentar a nascente deste gênero tão brasileiro.

Jorge de Sá, na obra *A crônica*, registra: “A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento”.

Além, vai o grande mestre Antonio Candido, um dos principais estudiosos da nossa literatura: “É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram no fundo do significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social”.

Joaquim Ferreira dos Santos, em pesquisa, nota o ano de 1828 como a pré-história da crônica brasileira, pois era a época em que o jornal *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro) manteve uma seção fixa para a reflexão sobre usos e costumes sociais.

Com o passar dos anos, em pleno século XIX, surgem os escritos de José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo. Para Candido, o princípio de “cães vadios, livres farejadores

do cotidiano”. Não à toa, tantas décadas depois, o qualificativo vira-lata tomaria tantas sentenças do reticente observador (gênio) Nelson Rodrigues.

Como numa ode à Seleção Brasileira de Cronistas, é por demais complexo escalar os craques. No entanto, todos estes aqui têm uma grande contribuição cultural com esta obra e com o aprendizado daqueles que buscam escrever e pensar textos com mais habilidade. Sigamos!

Entre os séculos XIX e XX, Machado de Assis, Lima Barreto, Olavo Bilac, João do Rio, Rachel de Queiroz, Humberto de Campos e Rubem Braga reluzem para o despertar de textos “breves” inesquecíveis (por vezes, mais cativantes que romances feitos com milhares de vocábulos). Em um dos blocos deste livro, à visão histórica do professor autor, você perceberá que a fina crítica de LK tem influência desses escritores seculares.

Os estímulos de Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Vinicius de Moraes, Sérgio Porto (o cirurgião de criatividade Stanislaw Ponte Preta), Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos (presentes no avançar século XX) são vívidos quando Karnal decide repensar os costumes sociais – como se vê no bloco que inicia a obra.

Ler crônica é admitir a vivacidade do legado de Millôr Fernandes: “Deus projetou o Brasil como uma sala de estar. Mas os proprietários preferiram usá-lo como depósito de lixo”. Em seu time de influências, esta obra tem um pouco de João Saldanha, Otto Lara Resende, Zuenir Ventura, Ignácio de Loyola Brandão, Mario Prata, Ferreira Gullar, Caio Fernando Abreu, Chico Buarque e Caetano Veloso, os quais nunca vieram à toa na vida, já que roçaram a língua de Camões para gols inesquecíveis.

Para os já mais íntimos do tema, é de dar gosto saber como LK transforma em palavras seu conhecimento e suas percepções, tendo por base a sensibilidade literária de Lygia Fagundes Telles, Martha Medeiros, Danuza Leão, Djamilá

Ribeiro e Maria Adelaide Amaral: pois saiba o leitor que muito da cultura do nosso país se deve a essas escritoras.

Há mais gente fina, elegante e sincera que se passa no caminho das crônicas de Karnal: Carlos Heitor Cony, Arnaldo Jabor, Xico Sá, Tati Bernardi, Milton Hatoum, Marcelo Rubens Paiva... Bem, a lista é extensa, mas conta muito daqueles que tanto contribuíram para o território atual da nossa literatura.

Feita essa cronologia influente, talvez o leitor questione: “O professor autor bebeu dessa fonte?”. Sim! Sem moderar-se em conhecê-la, a certeza é a de que textos, domínio gramatical e ideias agradecerão. Um acervo de crônicas é, antes de tudo, uma fonte de aperfeiçoamento.

De forma mais específica, esta obra abre-se com “Costumes sociais” (bloco um): em “A paz e o trono”, o recurso da polissemia garante o humor; intertextos, futebol (uma não paixão de LK) e muita ironia fazem parte do cardápio metalinguístico. Curiosidade: em cada canto dos parágrafos, uma constante preocupação no modo como a língua portuguesa é percebida.

No bloco dois (“Ah, Leandro! Deixa de história!”), o detalhamento de episódios ao lado de amigos (como Fafá de Belém) traz o que Ignácio de Loyola Brandão chamou de “um dos melhores textos que [ele leu] ultimamente”, para saudar o texto “O camarote mais sofisticado”. Rituais, crenças, períodos históricos, dias sagrados, vertentes, etimologia e neologismo dão o ritmo para uma parte do livro, em que nos sentimos amigos ao lado do autor professor, redigindo a vida pela história. O título do bloco? Uma homenagem aos sentidos vários da sentença “Deixa de história!”.

É impossível conhecer esta obra sem se emocionar pela vida de uma mulher, a mãe de LK: Jacyr Karnal. Ela é o âmago do amor de diversas cenas em que a família foi constituída como a mais fina sinfonia clássica. Nesse bloco, chamado “Jacyr Karnal”, nome e sobrenome da geratriz de

tantas fotografias ternas, finitude, saudade e poesia escancaram a importância da estrutura familiar.

No quarto bloco, um tempero à criatividade: “Sou cínico!”. Nele, o leitor terá contato com o cerne do bom humor do professor autor. Aliás, caso tenha uma imagem dele à mente, verá o sorriso. A cada sentença, uma pitada metafórica, irônica, hiperbólica, cheia de recursos (linguísticos) a discutirem a diplomacia dos que vivem na terra da Ordem e do Progresso. Aviso mais que exposto: o leitor estará diante de um fanático por estilística.

No quinto e último bloco (“Às vezes, Leandro! Às vezes, Karnal!”), o leitor verá o autor professor já artista: “É sina, Argeu”, “O Brasil é de Jesus” e “Carta ao jovem imperador” são o resultado mais recente de todo o processo criativo e amadurecimento linguístico conquistado com muito suor pelas centenas de publicações no *Estadão*. Nas crônicas mais subjetivas desse bloco, a juventude e os amigos garantem a reflexão tão esperançosa sobre o que merece ser vivido em cada instante. Aliás, o termo “esperança” é usado, em todos os fechamentos das crônicas, como assinatura.

Em momento anterior ao início da excursão por todos os próximos textos, serão feitos – antes de cada bloco – apontamentos sobre o que você, caro leitor, pode observar ao ler uma crônica, ao pensar ou à hora de analisá-la. Nossa pretensão é, também, a de que você note a profundidade do gênero e a importância dos recursos que compõem esse tipo de texto.

Ah, da mesma forma que aquele *Plim!* no meu telefone celular emocionou-me com o convite para fazer a seleção textual e parceria nesta obra, que você possa sorrir, aprender e apaixonar-se pelas palavras.

Boa leitura,

Diogo Arrais

bloco um
Costumes sociais



Polissemia: multiplicidade de significados de uma palavra. Esse recurso é amplamente usado para dar amplitude a uma sentença. Em um título como “A paz e o trono”, o leitor é levado ao símbolo do poder soberano; porém, mais adiante na leitura, verá que as descrições tomam um rumo distinto.

Nesse caso, trono pode trabalhar com o jocoso e referir-se a um assento, digamos, mais íntimo.

Em todo este bloco, os títulos das crônicas ganham um sentido maior (além de reflexões sobre os costumes sociais) depois da leitura. Mais um exemplo: o substantivo peixe nem sempre indica o animal, mas também o símbolo do clube de Santos.

Outro recurso presente, ao notar os costumes sociais, é o exagero (hipérbole). Descrições exageradas em simplicidade, como em “Um casamento inesquecível”, são uma ótima estratégia para escritos criativos.

Por fim, perceba como o cronista é afeito aos detalhes: cor, memória exata, cheiro, hora, datas. Tudo isso garante a atenção de quem lê.

Um casamento inesquecível

Um convite de casamento é um ato de alegria e um anúncio de sacrifícios. Quem oferece a festa gasta o que tem e o que nunca possuiu de verdade. Os convidados estarão empenhados com presentes, roupas, arrumação de cabelos e unhas, cerimônia longa... O amor do casal tem um custo alto para todos os envolvidos. Até as memórias (fotos e filmes) serão acompanhadas de cifrões.

Tânia e Rodrigo sabiam disso. Foram a muitos casamentos. Sempre compartilharam a “intoxicação de esperança” diante das cerimônias. Igrejas, sinagogas, festas na praia, fazendas alugadas: cenários lindos e muito custosos. Tramas de orquídeas e rios de champanha: os sorrisos nunca foram gratuitos.

Tendo um histórico longo de amigos estressados com os longos preparativos, decidiram que fariam um casamento inesquecível. A palavra foi pronunciada em família e aumentou a ansiedade: “Inesquecível? Quanto vai custar?”, indagou o pai de Tânia. O casal explicou que seria o contrário. “Aguardem e verão!”

A data? Um sábado, para não incomodar as pessoas com cerimônias no meio da semana, mania de certo grupo social. O convite? Feito por calígrafos maravilhosos, em envelopes com lacre luxuoso? Não! Foi pelo Zap mesmo. Algumas pessoas ligaram, achando que fosse trote.

O breve texto informava a data: 16 de setembro. A noiva iria com um vestido branco usado, algo de quatro *réveillons* atrás. Era bonito, leve. O noivo? Tinha decidido por uma camisa também usada, igualmente branca, que lhe caía bem. Usaria uma calça jeans e um tênis confortável. Pedia-se aos

convidados evitar trajes de festa. Indicaram uma roupa confortável. Maquiagem? A cotidiana para quem usava. Cabelos sem armações. Nada de salto alto.

Buffet maravilhoso com camarões e cascatas de gelo? Nada! Negociaram alguém que faria pizzas de vários sabores. Sem orquestras: uma *playlist* feita pelos noivos a partir da história deles. O sítio gratuito de um tio seria o lugar. Chamaram um padre amigo.

No dia marcado, evitaram uma entrada triunfal dos noivos. Ninguém ouviu os acordes de Mendelssohn. Ambos estavam conversando com todo mundo e, à hora determinada, sentaram-se ao redor de uma mesa à qual ocorreria a cerimônia. Sem pompa. Sem circunstância. O celebrante fez uma reflexão linda sobre a vida a dois. Alguns casais amigos falaram das dificuldades que tinham enfrentado nos casamentos e como as tinham superado. No fim do ano, os avós de Rodrigo celebrariam sessenta anos de casados. Falaram do que tinham mudado ao longo das décadas. Houve choro. Os casais presentes apertavam mais as mãos entrelaçadas. Nos solteiros aumentava a vontade para seu futuro matrimônio. Respirava-se otimismo sobre o triunfo do amor. Era um metacasamento a emergir naquele sítio. Todos concordaram: a cerimônia mais bonita que já tinham visto.

O momento ápice foi planejado assim. Um primo de Tânia, com apenas 12 anos, tocou na flauta uma música de Glück (a “Dança dos espíritos bem-aventurados”). O autor alemão tinha imaginado como os seres dos Campos Elíseos viveriam em harmonia. A cena hipnotizou o grupo. Passaram a dançar como se também fossem espíritos bem-aventurados, e os ventos do Paraíso soprassem naquele fim de tarde.

Foi uma festa sem fotógrafos profissionais. Cada convidado fazia as fotos. Alguém reuniria todas depois. Sem luzes fortes sobre as pessoas. Sem poses. Houve muitas

selfies, necessário registrar, porém uma ou outra chegaram a ficar curiosas.

Fez parte da novidade da celebração que cada pessoa presente levasse aquilo que desejaria beber. Apesar disso, viu-se uma festa de comunhão. Enólogos tomaram cerveja trazida por outros. Alguns experimentaram um bom vinho; outros se decidiram pelas caipirinhas. Uma minoria se serviu de um pouco de cada. Com delicadeza, depois de goles fraternais, foram sendo colocados em redes, assim que chegavam ao estado de inconsciência.

Eu falei da *playlist* dos noivos? Sim, ela brilhou por uma hora. Depois disso, imperou a democracia absoluta. Uma senhora de 64 anos foi ao som e pediu “Dancing Queen”, do Abba. Era uma música da sua juventude. Aparentemente, mais gente tinha isso no inconsciente... Foi um sucesso extremo! Prosseguia o álcool; foi tocada “Como nossos pais”, na voz de Elis. Houve tempo para Roberto Carlos, Rihanna, Anitta e Beyoncé. Surpresa: um pedido de Jane e Herondy, para reproduzir a comunhão inicial que a música de Glück havia inaugurado. Cento e dezesseis pessoas sabiam a letra de “Não se vá”, com uma exatidão notável. Estaria Jung correto – o inconsciente coletivo poderia ser acessado por elementos simbólicos em comum?

Enfim, ao amanhecer, com pessoas felizes, começava a se desfazer o melhor casamento que todos já tinham frequentado. Fora mais, porque se desejara menos. Brilhara, pela falta de máscaras e de fantasias. Em roupas simples, sem reboco no rosto, livres de saltos destruidores da coluna, abertos para todas as músicas, os convidados tinham aprendido a celebrar o amor. O sol nasceu feliz sobre os últimos convidados.

Não acho que esse casamento inventado seja possível. As máscaras são necessárias cada vez mais. Casamos com as redes sociais. E... se um dia casássemos com o amor? Que linda esperança!

O Cordeiro de Deus

Na família, ele era diferente. Todos se cuidavam: alimentação, exames regulares, atividades físicas. Alberto somente havia estado em um hospital ao nascer. O obstetra foi o último médico que o viu nu. Até hoje, aos 45 anos, jamais medira colesterol ou açúcar. Quando a visão fraquejou, supunham que buscaria um oftalmologista. Nada! Passou em uma banca de jornais e experimentou óculos de grau 0.75. Conseguiu ler. Comprou.

Os irmãos e a esposa eram zelosos dos legumes saudáveis. “Couve e brócolis”, preconizava a mais velha. “Frutas de cinco tipos por dia”, era a receita do cunhado. “Aveia com mirtilos”, defendiam os pais.

Alberto? Gostava de picanha, sobretudo da capa gordurosa. Vegetais? Sim, as batatas da maionese ou a mandioca da farofa. Tudo regado a cerveja e caipirinha. Só comia carne vermelha? Calúnia! Ele descobriu o valor da coxa de frango bem frita. “Carne branca!”, ironizava diante dos irmãos horrorizados.

Exercícios? Sim! Caminhar até o carro, abrir a geladeira, carregar um saco grande de pipoca com manteiga para ver, on-line, suas séries favoritas. Os hábitos fizeram emergir a corpulência.

Podemos piorar? Sempre! Desde os 16 anos, ele fumava dois maços diários de cigarro. Tio Júlio o apelidou “nosso *kamikaze*”. Como os guerreiros suicidas do Japão, ele se lançava ao ataque das comidas, como se não houvesse riscos no amanhã.

Num dia, ao fim de um almoço familiar no qual ele consumira bacon em quantidades para invalidar todo o

código bíblico das impurezas, Alberto “passou mal”. Correram para lá e para cá. Ouviram-se muitas pessoas: “Eu sabia, isso tinha de acontecer”. Era uma profecia autorrealizável. A crise de Alberto confirmara tudo o que os familiares temiam ou – sejamos honestos – desejavam. A vida saudável, os quilos de folhas cruas e caminhadas precisavam de um cordeiro imolado, um “porco expiatório” talvez. O dia da justiça tinha chegado. Alberto morreria, ou teria um derrame, ou um enfarte, ou uma vida de vegetal que, ironicamente, seria o castigo por ter desprezado... os vegetais. Era estimado, sim, porém deveria morrer para salvaguardar os anos de privações e sacrifícios. Alberto precisaria enfartar com dores fortes a fim de ser o exemplo final para as próximas gerações.

Colocado na ambulância, foi para o hospital municipal. O médico mandou avaliar sangue e urina. A família aguardava o laudo do laboratório que seria enquadrado na porta da geladeira como advertência a quem desejasse, no futuro, excessos. Todos foram acompanhar, ansiosos. Em regime de urgência, os exames ficaram prontos. O paciente estava conectado a um monitor cardíaco. Os parentes olhavam a luzinha, supondo que, como nos filmes, a qualquer momento, surgiria uma linha reta com um alarme. Viriam médicos, enfermeiros e dariam, em vão, choques poderosos. Teria chegado o fim.

O médico entrou com os resultados. Disse que Alberto tinha sobrepeso e que havia uma leve esteatose hepática. Seu fígado acusava uma camadinha gordurosa previsível para a idade. As perguntas prévias revelaram que ele consumira aspirina e caipirinha com cerveja. Isso era a causa do mal-estar. A surpresa: o colesterol bom estava alto, o ruim baixo e o pulmão completamente limpo. Ao ouvir as siglas como HDL e LDL explicadas, houve uma indignação familiar. “Como assim? Os índices estão melhores do que os meus... Eu, que sou triatleta e só como peixe grelhado com legumes orgânicos certificados!”, bradou o irmão.

Sim, Alberto era um abençoado da genética. O pequeno desgaste de uma articulação no joelho, pelo sobrepeso, e... só. O médico anunciou, satisfeito, que via condições de o paciente chegar, no mínimo, aos 90 anos. A vovó, que nadava todos os dias, tinha morrido aos 84. Ele iria mais longe? Havia raiva e decepção no quarto. Como poderia existir um Deus justo, que preservava o pecador fumante e levava a piedosa anciã atleta?

O cordeiro não fora imolado. Não haveria Páscoa moral e higienista. O pecado não tinha recebido sua paga. O ímpio triunfava. Feliz e com certa ironia, Alberto sacava um cigarro para comemorar. Contabilizava quantas caipirinhas consumiria ainda naquele domingo.

A família foi abandonando o ambiente e decidiu parar no bar à frente do hospital. Todos se entregaram a coxinhas com catupiry. O mais decepcionado dos cunhados pediu torresmo, outrora inexistente na sua dieta. Pela primeira vez, todas as crianças tomaram refrigerante.

O mundo estava fora do eixo. A moral fora conspurcada pelos fatos. Ação e reação deixaram de ser leis universais. O acaso vencia, e demônios tripudiavam sobre anjos. Não haveria uma Páscoa redentora; apenas um longo tempo comum em que cada membro da família deixaria de vigiar a dieta alheia e viveria a própria vida. Alberto, afinal, tinha se tornado o Cordeiro de Deus, aquele que tira os pecados do mundo, com esperança e picanha.

O tempo foi generoso com você

A etiqueta é clara: ao encontrar alguém que não vemos há anos, deveríamos dizer algo amável como “o tempo foi generoso com você”. Já sinto o vozerio do time que contesta fórmulas retóricas da amabilidade. Preciso desenvolver.

O tempo passa para todos. Primeiro dado que justifica a gentileza: você e seu velho conhecido estão vivos! Tivemos trânsito, família, homicídios, covid, governos e cá estamos os dois andando! Essa é a maior generosidade da vida: sobreviver.

Tenho de destacar: o rio fluiu em invernos longos, mas vocês ainda se reconhecem em meio a névoas da memória? O tempo foi generosíssimo! Louvado seja o cérebro que navega, identificando passageiros atuais e antigos do cruzeiro biográfico.

Argumento da sobrevivência e da memória enunciados, precisamos ressaltar um recurso retórico: a *captatio benevolentiae*. A expressão latina indica que todo palestrante (ou vendedor) tem poucos segundos iniciais para angariar a simpatia do público. Uma frase amável ajuda. Logo em seguida, um pouco de humor. Aplainado o vale da distância, superado um natural estranhamento e restabelecida a ponte de comunicação, você pode abandonar estratégias retóricas.

A frase sugerida (“o tempo foi generoso”) pareceu artificial e fora da sua zona de conforto? Sem problemas! Crie algo bom para um primeiro contato. Em 1970, o conjunto vocal MPB4 lançou (Aldir Blanc e Silvio da Silva Jr): “Amigo é pra essas coisas”. Escute a linda música como um diálogo menos formal e de enorme fluidez poética. Ali há outras fórmulas, mais brasileiras. Mas... existe um ligeiro

erro: um dos amigos reclama, logo no começo: “Rosa acabou comigo”. Você deve evitar enunciar problemas nos primeiros instantes. O término de uma relação, um diagnóstico desagradável, a falência ou o problema com os filhos devem aparecer ao longo da conversa. Pior: o ouvinte ainda diz, sabendo do fracasso matrimonial do outro: “Dei mais sorte com a Beatriz”. Aqui a regra é de ouro: se alguém confessar um câncer, jamais diga: “Felizmente minha saúde é de ferro”. Erro crasso e grosseiro.

Em resumo, lembranças breves de uma época antiga: a comunicação olho no olho, sem *emojis*, atenta ao rosto de outra pessoa. Houve um mundo que era assim. Creiam-me! “Meninos, eu vi!” Hoje, a frase virtual seria “Oi, sumido!” acompanhada de rostinhos sorridentes. Esperança?

Dois amigos e um Peixe

Imagine dois amigos parecidos em idade, altura e peso. No resto? Um é politizado. Lê tudo sobre cada novo problema em Brasília e (talvez nem o presidente consiga repetir a façanha) sabe de cor o nome de todos os ministros. Mais! Carlos conhece o custo político de cada ministério e das negociações envolvidas. Lê e sabe muito, pensa com fervor, considera quase todo mundo alienado. Carlos é um “animal político”.

Rodrigo gosta de Carlos. São amigos há quase vinte anos. Torcem pelo mesmo time: o Santos. Ambos pertencem à mesma classe média. Nada falta de essencial, entretanto pouco sobra do dinheiro, fruto de uma vida em trabalho. Mas... Rodrigo detesta política. Focado no trabalho, amante do seu time, fã de cinema de ficção científica e fotógrafo amador, evita toda conversa sobre partidos. Nas campanhas polarizadas dos últimos anos, olhava com um democrático tédio para os dois campos envolvidos.

Rodrigo e Carlos contaminaram suas famílias. As fotos de Carlos manifestaram apoios políticos a cada eleição. As de Rodrigo mostravam pets e almoços em família.

E... são amigos. Abraçaram-se às lágrimas, em 2004, no título do Peixe no Brasileirão. Em 2011, na Libertadores, passaram dias, flutuando em euforia, com a taça conquistada. A palavra Pelé produz um silêncio quase religioso entre eles. É o Rei e está no Céu, à visão dos dois amigos. Analisam, com zelo e paixão, a melhor defesa de João Paulo, Diógenes, Paulo Mazoti ou Vladimir. Nada discordam no futebol ou sobre qual seria a melhor marca de

cerveja. De tudo divergem quando a conversa é a respeito de política.

— Você é um alienado, Rodrigo. Deveria ler o poema de Brecht sobre o analfabeto político!

— Brecht? É um jogador alemão? Um novo reforço para a Vila Belmiro?

— Não tem jeito mesmo! Você é o típico inocente útil, o eleitor que só vota porque é obrigado!

Sim, Rodrigo só votava porque era obrigado. Ele nem conseguia entender como alguém, com mais de 70 anos, livre do ditame legal de ir a uma fila em um domingo de sol, preferia ir lá apertar teclas na urna. De outra sorte, Carlos colocava os pais, com mais de 80 anos, no carro e levava-os à zona eleitoral para garantir o voto deles. “Cada voto é um passo na caminhada da cidadania. Todo cidadão conta! Quem não vota concorda com o que está aí.” Carlos prosseguia doutrinando os pais, que aceitavam a carona e o discreto suborno de um almoço dominical com os netos, em troca do apoio ao candidato do filho.

Gostavam-se e tentavam evitar o tema da discórdia. Porém, era inevitável. A amizade sofria entre a indiferença olímpica de um e a paixão absoluta do outro. Era um desafio que causava até graça entre as esposas.

O argumento central de Rodrigo era o choque entre a realidade imediata e a macropolítica. Sim, como pessoa inteligente, ele entendia que leis e jogos de poder afetavam a realidade. No entanto, costumava pensar no mundo familiar e profissional; igualava quase todos que mandavam em Brasília. “Se X vencer, continuarei ajudando meu filho com as lições de Física. Se Y vencer, irei com minha mulher ao Guarujá no verão. A vida segue e não depende do governo.” O argumento enervava Carlos até o limite. Era o sumo da alienação para ele, típico de uma classe média protegida que não entendia o valor das decisões sobre SUS e vacinas. O “alienado” comparava a política com um condomínio: havia síndicos simpáticos, antipáticos, evangélicos e ateus. A vida

dele e da família, dentro do apartamento, prosseguia igual. Carlos ouvia e quase gritava. Como Rodrigo poderia comparar a complexidade de um país (habitado por quase 215 milhões de pessoas, em dimensões continentais) com a mediocridade de um prédio na Pompeia, em São Paulo? A visão de Carlos descia do Monte Caburaí, em Roraima, até as margens geladas do Chuí, no Rio Grande do Sul. Rodrigo se limitava ao apartamento e era tranquilo.

Um era tachado de alienado, inocente útil, indiferente à miséria humana. O outro era alcunhado de chato, catequista, autoritário. Ambos, de alguma forma, mereciam os apodos.

O aniversário de 15 anos do filho mais velho de Carlos encontrou a dupla de amigos, já aproximada do rompimento. A divergência tinha chegado ao limite. Era insuportável a ambos a insistência do tema que os dividia. Carlos queria votos, e Rodrigo anelava pela paz. Mesmo assim, Rodrigo foi com a família à festa no salão do prédio do amigo. O abraço, ato frio, demonstrava que o obstáculo de tema era sentido por eles.

O primogênito de Carlos recebeu o presente de Rodrigo. Era uma caixa retangular bem embalada. Abriu com o tédio que os adolescentes sentem quando suspeitam de roupa como oferta. Rasgou o papel, enfastiado. Dentro, surpresa geral, uma camiseta do Santos, autografada por todos os jogadores. O cartão trazia: “Pelé é maior do que Maradona!”.

O regalo emocionou mais o pai do que o filho. Carlos passou a mão sobre as letras dos craques obtidas com esforço por Rodrigo. Olhou para o amigo e abraçou-o com uma força renovada. Ambos choraram, reconciliados. Havia a política e o negacionismo dela. Pairava sobre ambos o Rei Pelé. O Chuí fluía para o Caburaí. A vida, enfim, encontrava uma esperança afetiva no Peixe.

As luvas do passado

A jovem Heloísa tricotava. Era um hábito adquirido da avó. Sua habilidade tinha-se dirigido para um campo específico da arte das agulhas: fazer mitenes.

— Mitene? — perguntavam as amigas, que nunca tinham ouvido a palavra.

— Sim, uma meia-luva. Se preferirem, uma luva em que as pontas dos dedos ficam de fora. Ótimas para aquecer a mão, sem perder o toque da ponta dos dedos.

Dava mitenes para todos que estavam partindo para algum inverno rigoroso no exterior. Era louvada por pianistas e digitadores de celular.

Ao tricotar sua especialidade, a moça conhecia um efeito colateral. Entrava em uma espécie de transe pelo gesto repetitivo de produzir a trama com o fio de lã. Como se fosse um mantra físico, o entra e sai das agulhas produzia um devaneio que se desligava do campo racional imediato.

Naquele dia chuvoso de inverno, ela fazia um par de mitenes para Paula, que partia para Bariloche. As primeiras carreiras de pontos trouxeram um pensamento incômodo: *E se eu nunca tivesse conhecido a Paula?* Sim, era uma amiga querida, mas também tiveram alguns atritos no escritório (ambas eram advogadas). Fazendo um balanço objetivo, Heloísa deduziu que excluir a amiga da biografia não teria sido negativo.

Surgiu um gosto de reengenharia no cérebro da tricoteira. Repassou seus namorados. Tivera alguns. *O corpo do Arthur era lindo dormindo, mas, assim que acordava e falava, a magia se desfazia. E o Humberto? A avareza dele era irritante. Certa vez, pediu uma única pizza para as sete pessoas que estavam na casa*

dele... Um arrepio de horror percorreu o braço que operava enquanto a consciência de Heloísa tramava.

O exercício prosseguia; as mitenes já tomavam forma. Os novelos desenhavam os dedos (ou os semidedos) enquanto ela redefinia tudo no passado. Cada ponto que entrava era uma memória que saía da sua vida. Namoros, parentes, colegas: se pudesse refazer a trajetória, optaria por não ter conhecido as pessoas. Nada escapava ao artesanato do abandono. Exageramos. Seus pais seriam os mesmos, mas o atenuante do *sursis* era o fato de que já tinham morrido mesmo. Entre os vivos, foi um genocídio de memória.

Enfim, terminadas as mitenes. Belíssimas. Decidiu ficar com elas. A amiga não merecia. Heloísa saiu de casa ativa e feliz, apesar do frio. Estava leve, em um mundo sem outras pessoas, e pronta para encontrar novos amigos que receberiam as suas luvinhas graciosas. E você? Já pensou em apagar alguém do passado? Use mitenes no inverno, com esperança.

Henrique aceita!

Há pessoas críticas e altivas. A palavra atribuída a João Pessoa, “Nego”, mostra a indignação com a escolha política do sucessor do presidente Washington Luís. João Pessoa encarnou os valores de luta paraibanos e contestou o fato. A palavra está até hoje na bandeira do estado. O assassinato do governador rebelde foi lido como consequência da sua posição política, ainda que não fosse bem assim.

Henrique era o oposto. Funcionário público de carreira, se tivesse uma bandeira, existiria nela a palavra “Aceito”. Descobriu que se adequar ao fato consumado era sábio. Sua espinha tornou-se elástica. Leitor da Epístola aos Romanos, repetia com fé o trecho do capítulo 13: “Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se opondo àquilo que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos”. O texto sagrado e sua natureza estimularam seu caráter adaptado a toda mudança. Mais do que interesse pessoal, seu colaboracionismo era uma estrutura de alma.

Subia governo, caía governo e lá estava Henrique a aceitar a nova situação. Era o amado dos chefes. Nunca atacava, criticava ou sequer murmurava contra o poder constituído. Seria um pecado! Era o antirrevolucionário. Louvara um diretor de esquerda indicado por um governo e, logo em seguida, ei-lo a tecer elogios a um conservador de direita. “Deus dá, Deus tira, bendito seja o nome do Senhor!”, repetia o nosso Jó da cooptação política. Quem seria o Senhor

no cérebro dele? Deus? O governo? As urnas? O golpe? Tanto faz, se estava no poder... era legítimo.

Bom leitor e informado, Henrique tomou conhecimento do texto do jurista José Renato Nalini: “Um dos exercícios mais frequentes na rotina brasileira é o da bajulação. Diante de qualquer partícula de poder, inclinam-se aqueles que têm complacente espinha dorsal”. Achou belas as palavras do artigo. Onde o leitor arguto entendia a crítica do autor aos bajuladores de plantão, nosso funcionário viu elogios a ele e ao caráter nacional. *Sim, temos espinha dorsal elástica como o junco da lenda que, diante da tempestade, se inclina e não quebra, diferentemente do carvalho orgulhoso*, pensou Henrique. No que Nalini lascou uma crítica contundente, Henrique contemplou um louvor extremo ao caráter pacífico da nossa gente.

Indo em ônibus à Esplanada dos Ministérios, em Brasília, vira algumas manifestações contra o governo. Era contrário à violência. “Não gosta de um governo? Basta esperar!”, ponderava com a família. O tempo era o único fator de mudança que ele aceitava. Os maus governantes perdem eleição, são derrubados, morrem ou o que vier primeiro. Valeria arriscar a integridade física em uma passeata? Deus reinava no alto, e o tempo era o agente para Henrique.

Não era conservador, jamais fora de esquerda, abominava radicalismos. Henrique era o homem do “Aceito”. Sempre, permanentemente, sem dor. Cumpria ordens, horários e tarefas. Entregava tudo sem erro e... sem brilho. Jamais fora advertido por trabalho malfeito, contudo nunca elogiado por ideia original ou produtiva. Jamais despertou ódios nem afetos. Sempre era o “Henrique do Aceito”.

Ele se tornou *slogan*. Quando alguém testava os limites de um sistema, o outro dizia: “Alto lá, que eu não sou o Henrique!”. Sua virtude não era a paciência, era a acomodação. Não era sábio, era plástico. Adotava a forma da água, o novo vaso poderia ser profundo ou triangular, redondo ou raso: Henrique se amoldava.

Assinaram o Acordo Ortográfico? No dia seguinte, Henrique já grafava sem trema “consequência” e sem acento “ideia”. Quando questionado como se posicionava sobre aquelas mudanças, argumentava: “Assinaram o acordo, eu vou escrever assim, não sou o dono da Língua”. Ao alterarem nomes que aprendera, em Anatomia, no Curso Ginásial, de imediato mudou rótula para patela; omoplata para escápula. Nem um pio. Jamais um saudosismo. Tinham mandado alterar? Ele aceitava.

Henrique nunca irritara ou incomodara qualquer outro ser humano. Ao se aposentar, deixou de ir ao trabalho no dia seguinte. Não houve festa. Ninguém perguntou onde ele estaria. Sumiu, sem nunca ter existido.

Envelheceu e adoeceu. Aos 86 anos, encerrou sua existência com um ataque cardíaco fulminante. Sua alma compareceu diante dos juízes do além. Foi lembrado, em sua defesa, que nunca fizera o mal. Porém, como era “morno” (e o Apocalipse rejeita quem não é bom nem mau), foi levado à danação eterna.

A alma do funcionário público caiu em um vale tenebroso de fogo e de sofrimento. Ali, Henrique ouviu outros condenados gritando, raivosos, contra os demônios ou contra Deus. Ele ardeu lentamente. Pensava que, por ter sido condenado, havia motivos. Assim, aceitava estar ali. A alma eterna de Henrique continuava sendo de subserviência a tudo. A eternidade seria como o mundo da sua vida na Terra: sem esperança de rebeldia. Mesmo no Inferno, ele não entendia a bandeira da Paraíba.

O macho muda

Fernando tinha apenas 27 anos e foi criado com valores antigos. Seu pai e seu avô insistiam: “Homem paga a conta!”. Viu a perfeita divisão de tarefas, por gênero, na sua família e achava que fazia parte do mundo natural mais do que um dado de cultura.

Apaixonou-se por uma colega da faculdade. Namoraram firme por dois anos. Nos vinte e quatro meses do amor, Marília nunca colocou a mão na carteira. Nas primeiras vezes, sendo jovens, ela ainda fez a cena de perguntar quanto seria a parte dela. Ele sorria e, entregando o cartão ao garçom, insistia que “a parte dela era ser linda e amá-lo”. Além das contas, o namorado levava e buscava sua eleita.

Uma amiga feminista saiu com o casal e ficou chocada. Fez um discurso forte contra tais práticas, falou de isonomia, de Simone de Beauvoir, da objetificação da mulher etc. De boa índole, Fernando e Marília ouviram em silêncio. Ao se afastarem da militante, prometeram nunca mais a convidar.

O tempo desgastou quase tudo e, infelizmente, esfriou a chama do amor do jovem casal. O mundo de Marília estava indo em outra direção profissional. Sem grandes estardalhaços, decidiram pelo fim do namoro. Como sabemos, ambos eram de boa índole. Fizeram um post em conjunto, nas redes, como pede a nova etiqueta. Trocaram votos de estima e consideração. Nunca mais se encontraram.

Bem, não se encontraram corpo a corpo. Viram-se num fatídico dia. Fernando estava distraído na Paulista, esperando para atravessar a faixa de pedestres. Do outro

lado, viu Marília de carro zero-quilômetro. Era um automóvel chamativo, grande, vermelho. Brilhava contra a luz do fim da tarde, em frente à Fiesp.

Fernando teve um grande impacto. Por dois anos, Marília não gastara um centavo em jantares, bares ou motéis. Por vinte e quatro meses, ele gastara gasolina, mas ela, prudente, tinha economizado o suficiente para ter um supercarro. Ele não trocava o dele havia cinco anos e estava indo de metrô, para economizar. A boa índole deu lugar a uma raiva surda. Sua criação o empobrecera. Seu “machismo”, como acusou a amiga feminista, dera um carro de luxo de presente para... a ex!

Aquela cena foi uma revelação. Seu pai e seu avô eram de outra geração. O mundo tinha mudado. No próximo encontro com uma menina, ele falou na conversa do aplicativo: “Sou a favor da igualdade de gênero, tá? Cada um paga sua parte”. Alguns avanços foram por Simone de Beauvoir; outros, por Adam Smith. Democracia e avareza poderiam tomar um drinque esperançoso.

A equipe focada

A líder estava orgulhosa: nunca a equipe trabalhara tanto em conjunto. Todos estavam rapidamente atingindo metas. A CEO ganhara o apelido de “Rainha”, como parte da cultura interna da empresa. Os empregados (Ops! Os colaboradores) tinham funções claras na pirâmide produtiva.

Diante deles, a tarefa de poderem vencer uma nova licitação no ramo madeireiro. Era um desafio maior do que o comum. Vinham do ramo dos móveis simples e, agora, a empresa poderia se dedicar a algo mais vasto.

“Nosso objeto está lá fora, e precisamos tomá-lo. A concorrência está acirrada, e empresas similares viraram pó rapidamente. Vamos sair da caixa, gente, vamos derrubar as barreiras com protagonismo e convicção! Vocês são guerreiros e guerreiras, dotados do mais puro empreendedorismo!” Eram assim as falas da “Rainha”.

A nova meta no campo da indústria madeireira foi encarada por toda a equipe. Havia um zumbido de felicidade no ar. Houve promessas de bônus, de 14^o salário. Quem desistia era ironizado como fraco, sem foco ou como *loser*.

Que equipe se lançou ao novo trabalho! Que foco! Um verdadeiro exército alinhado com objetivos, sem ninguém ocupar o espaço que era do outro. Sem invejas, com harmonia, muita força em esquadrão de combate disciplinado. Seriam os reis daquele setor madeireiro. Entrariam de qualquer forma no segmento e mostrariam que não eram menores do que outras equipes. E assim fizeram durante semanas e semanas. Horas extras? Não! Ali não existia CLT: “Somos pelo *job*, jamais pelo emprego! Chega de

crença limitante e mentalidade arcaica!”, gritavam em uníssono. Grupo? Não! Era uma família! Os corações pulsavam em conjunto como se todos compartilhassem o mesmo DNA.

Deu certo! Vitória do trabalho! Meritocracia absoluta! A imensa tipuana tombou nos Jardins, em São Paulo. Corroída pelo ataque conjunto de milhões de cupins incentivados pela rainha, a árvore não teve chance. A união triunfou, e o vento levou ao chão da rua Batataes aquele portento botânico. O ambiente tinha sido destruído sob ação dos devoradores da madeira. Animados pela esperança de manter o ritmo, um pequeno grupo sobrevivente voou com a rainha para a árvore ao lado. Nada resiste a uma equipe focada e sem mimimi. Havia várias árvores na mesma rua; alguns sonhavam com florestas maiores. Cupins focados fazem a diferença!

A paz e o trono

Todos os líderes mundiais se reuniram, em Roma, na cúpula. Convocados por iniciativa do Papa, havia uma expectativa com os objetivos do encontro. O local escolhido foi a gigantesca sala Paulo VI. Quase duzentos chefes de Estado e assessores variados estavam lá, misturados com tradutores. Era um evento mundial.

Francisco entrou lento, claudicando. Foi aplaudido. Era a festa católica de Pentecostes. O Papa pegou o microfone, e ocorreu algo miraculoso: todos entendiam nas próprias línguas a fala. Os tradutores não tinham iniciado o seu trabalho e, por força de algo desconhecido, compreendiam-se na sala de audiências. Um som geral de espanto e algum terror percorreram o ambiente. O Papa falava no seu espanhol platino de origem; o Embaixador de Israel ouvia em hebraico; o do Irã, no mais castiço farsi. Sutilezas do milagre: os representantes da França ouviam com sotaque de Paris, mas o Embaixador do Canadá – nascido no Quebec – ouvia com perfeição seu acento local. As maravilhas do mundo fluíam para aquela sala. A humanidade retornava ao dia anterior à Torre de Babel.

Sentada, Sua Santidade disse que um anjo anunciara três milagres, como uma graça especial às pessoas. O primeiro já era admirável: o dom das línguas atingindo a multidão ali presente. O segundo, confessava o romano pontífice, ocorreria naquela noite, e nem Francisco saberia detalhes. Saberá, sim, que ocorreria algo forte que facilitaria a felicidade.

O vasto corpo político e diplomático retornou aos seus hotéis e embaixadas. Estavam estupefatos pelo milagre da

comunicação. O Embaixador da Argentina chegou a pegar carona com o britânico; vieram tratando das Malvinas/Falklands. O representante ucraniano caminhou até o Castelo de Santo Ângelo, ao lado do enviado russo. Entendiam-se muito bem. Era algo fora do comum!

Instalados nas suas acomodações, chefes de Estado e assessores, secretários, primeiras-damas e amantes aguardavam o segundo fato. Ocorreu às 23h00. A maioria estava já deitada. Em todos, surgiu uma vontade forte de ir ao banheiro para o chamado “número-dois”. Nada excepcional foi sentido; afinal, atender ao apelo da natureza era comum. O Embaixador alemão fez um ar de surpresa, pois só defecava às 6h20 da manhã: *Deve ser a comida italiana*, pensou, dirigindo-se ao vaso sanitário.

O que ocorreu a todos? Nunca os intestinos funcionaram tanto (e com tanta eficácia). Todos os homens importantes tiveram a experiência profunda de ficarem mais leves. Uma lavagem coletiva, de profundo efeito de alívio, tomou cada um. De fato, de alguma forma, todos estavam “enfezados”, e o segundo milagre foi atender ao peristaltismo intestinal. Leves como jamais se sentiram antes, entregaram-se a um sono profundo de um corpo desintoxicado. Livre da pressão do chamado “segundo cérebro”, o cérebro-titular produziu sonhos fascinantes. Foi um despertar inédito dos poderosos.

O segundo dia do encontro começou com risadas e muito humor. O próprio Papa mancava menos. Todos comentavam a ida libertadora ao banheiro. O alívio era visível nos rostos cansados de estadistas com abdômens submetidos a tantas adversidades. A política flutuava etérea, as peles pareciam mais brilhantes.

O Bispo de Roma, em voz firme, disse que o anjo prometera um terceiro milagre para aquela tarde. Mesmo os líderes céticos tinham testemunhado uma maravilha direta (o milagre das línguas) e um inexplicável alívio coletivo. Era impossível duvidar sem parecer pura teimosia. Os

precedentes tornavam a expectativa do terceiro fato incrível algo viável. O que seria?

A conferência prosseguia depois do início alegre. A compreensão ainda era notória, e ninguém precisaria de intermediários. Inimigos seculares olharam-se nos rostos e entenderam-se pela primeira vez. Ninguém estava enfezado. Armênios e turcos se abraçavam e celebravam acordos. Chineses de Taiwan congratulavam-se com os continentais. Coreanos e japoneses colocavam uma pedra sobre ódios antigos. A delegação da Venezuela dançou Joropo com a de Washington. Uma festa!

Ao fim do dia, com a paz do mundo celebrada, eficiente e alegre, em meio a brindes eufóricos, alguém se lembrou de perguntar pelo terceiro milagre. O Papa, que tivera nova revelação, reproduziu a fala do seu anjo tutelar: “O último milagre foi feito por vocês. Eu dei um empurrão. Agora vocês são coautores da paz mundial”.

Os olhares se cruzaram. Quase por acidente, ocorrera um renascimento da humanidade. A imprensa denominou de *pax romana*, resgatando o termo do século primeiro da Era Comum. No mundo inteiro, o processo se multiplicava. Tutsis e hutus, sunitas e xiitas, católicos e protestantes: por todo lugar emergia um júbilo pacífico. Era a epifania da paz! Até quem há pouco fazia o “L” ou a “Arminha”, na terra brasílica, agora, celebrava a harmonia.

E você, esclarecida amiga e iluminado leitor? Tem vivido enfezado ultimamente? Talvez uma boa ida ao banheiro possa trazer luzes inéditas. Viva a fibra! Viva a ameixa! Viva a paz mundial. Minha esperança é profunda.

Cuidado com os ditados

Ditados são uma sabedoria consagrada? Vejamos! “Devagar se vai ao longe”, afirmam. No mundo de resultados imediatos e metas ousadas para ontem, a lentidão pode ser vista como um defeito profissional. O caráter direto e imediato virou virtude central da comunicação. Lento, em 2023, não leva a lugar de destaque. De brinde, a modernidade derrubou também “a pressa é inimiga da perfeição”. Esta última jamais será alcançada; fazer rápido, pelo menos, encurta o sofrimento. No mesmo campo semântico da constância, “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” caracteriza mais insistência, assédio e abre caminho para processos. A pedra resistiu? Não é não! Desista e parta para outra.

“Para bom entendedor, meia palavra basta.” Errado! É necessária uma figurinha no Zap para entender. Meia imagem basta!

“Por ele, ponho minha mão no fogo.” Verifique antes as redes sociais, veja publicações passadas, avalie com muita ponderação antes de arriscar a sua epiderme.

“Não julgue um livro pela capa.” Primeiro, explique aos jovens o que seria um livro e, depois, o conceito de capa. Os infantes atuais leem pelo celular – a capa é irrelevante. Nunca vi alguém ficar muito tempo examinando a cobertura inicial de um livro eletrônico.

“Mentira tem perna curta”, mas o ditado parece ser capacitismo puro, da mesma família de “em terra de cego quem tem um olho é rei”. Evite, na mesma toada, “quem não é visto não é lembrado” e “o pior cego é o que não quer ver”. Em defesa dos ciclopes e seu olho único, seria prudente

nunca enunciar que “pimenta nos olhos dos outros é refresco”. A visão é um campo muito sensível. Por isso, lembre-se de esquecer-se de: “o que os olhos não veem o coração não sente”.

Para públicos veganos, cuidado com “um dia é da caça e outro do caçador” ou “não se faz uma omelete sem quebrar os ovos”. Para intolerantes à lactose, pode ser estranho dizer em tom de consolação que “não se deve chorar pelo leite derramado”. Mesmo motivo para fugir da expressão “o peixe morre pela boca”, para não desencadear lamentos fúnebres pela criatura aquática.

“O homem é senhor do que pensa e escravo do que diz.” Ihhhh! Todas as luzes de alerta ligadas diante da palavra “escravo”. Prefira escravizado! No campo laboral, também há que se ter mil dedos diante do “roupa suja se lava em casa”, algo que pode soar machista ou um desencorajamento do empreendedorismo das pequenas lavanderias.

Minha avó católica dizia que, “quando a esmola é demais, o santo desconfia”. Bem, devemos evitar o incentivo à mendicância. Poderia dizer que devemos ensinar “alguém a pescar, mas não dar o peixe”, ressurgindo o campo de atrito com vegetarianos e veganos. Por que não dizer “dar a rúcula”?

O mundo está tomado de dedicados pais e mães de pets. Assim, “quem não tem cão caça com gato” traduz violência de fazer corar defensores sinceros dos nossos queridos animais. Caçar? Por quê? Melhor adotar do que machucar. Evitem também “gato escaldado tem medo de água fria”, porque o banho é sempre traumático para felinos.

“Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és” é só para quem tem poucos seguidores. Como controlar o caráter de muitos que curtem sua publicação? “Antes só do que mal acompanhado” é uma verdade psicanalítica, contudo prejudica o marketing pessoal do Insta.

Aliás, falando em marketing... o pessoal de lá deve atacar a ideia de “quem desdenha quer comprar”. O produto pode

ser ruim mesmo! “Rapadura é doce, mas não é mole” é tema estranho, de significado amplo. Em todo caso, há diabéticos que podem ser humilhados pela lembrança do doce interdito e homens com disfunção erétil sensíveis ao item dureza.

“Quanto mais alto, maior a queda” traduz preconceito com pessoas de elevada estatura. Mesmo argumento para fugir de “quem ama o feio bonito lhe parece”, especialmente em reunião de pais na escola. “Seguro morreu de velho”? Bem, existe certo etarismo ao identificar o velho como alguém na mesma frase que a palavra morte.

“O apressado come cru e quente” indica racismo ou xenofobia contra a cozinha japonesa, na qual quase tudo carece de cozimento. Nada mais antidemocrático do que “quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas”. Sabemos que nunca devemos insultar alguém com exemplos de animais. Evite trazer os belos exemplares das antas e das capivaras ao seu ataque, ou você terá de enfrentar muita gente. O fã-clubes dos mamíferos é sólido.

“Quem cala consente” significa ignorar que algumas pessoas perderam a voz e, se você não domina o código de libras, não deve ser agressivo. “O barato sai caro” é uma defesa do alto poder aquisitivo das elites brasileiras e um ataque direto ao comércio popular. Pura demofobia!

Eis os meus conselhos a você. Claro, “fossem bons, não seriam dados, seriam vendidos”, todavia isso é uma exaltação do capitalismo, um ataque ao igualitarismo das comunidades indígenas. Assim, é sábio calar mais, pois “em boca fechada não entra mosca”. Isso (claro!) é preconceito contra os animais que se alimentam de insetos... puro especismo. Enfim, “seja como macaco velho que não pula em galho seco”, mas muito cuidado com a idade do interlocutor. Tenha esperança e cuidados...

bloco dois

Ah, Leandro! Deixa de história!



Quanto contato você, caro leitor, tem com a origem de termos? O nome desse estudo é Etimologia. É um recurso muito eficiente para o início de textos; quanto mais criativa (ou educativa) a história de um vocábulo, mais o receptor da mensagem ficará atento ao parágrafo.

Além disso, textos atraentes têm – apesar de simples – manifestações pautadas por fatos históricos, datas, governos, cientistas. Isso garante autoridade para o olhar crítico que ele dará à frente, na conclusão da ideia.

A crônica precisa gerar o sentimento interjetivo, pelo detalhamento das percepções sábias (por pesquisas de coisas aparentemente inúteis): “Que absurdo! Minha nossa!” Essas sensações, somadas à empatia com quem passou situação semelhante (no trânsito, no trabalho, na escola, nos relacionamentos), garantem o vínculo entre palavra e leitor.

Grandes contadores de história preveem esse sentimento alheio, ou seja, em que lerá; quanto mais detalhes, com menos palavras, maior será o final aplauso. Tentar produzir crônicas, depois da leitura destas próximas, será um prazeroso desafio para se aperfeiçoar sobre concisão e objetividade no uso de vocábulos.

As bolsas e o capitalismo

A discussão é verdadeira. Altero apenas alguns dados para ocultar os participantes reais. Uma pessoa segura uma bolsa cara. Melhor seria dizer: caríssima. A amiga exclama e indaga:

— Nossa, sua bolsa vale uns 120 mil reais! Quanto você paga à sua faxineira?

— Pago o valor de mercado. O salário não é proporcional à renda do contratante. Se assim fosse, a funcionária que limpa a mansão da família Safra deveria receber 70 mil dólares por mês? O salário é fruto de um diálogo com o mercado, com minhas necessidades, com a realidade da funcionária e tem uma certa “lógica”.

— Mas... você não se sente mal por isso? Há crianças passando fome...

— Sim, e essas crianças ficariam felizes também com o seu celular. Você deixaria de produzir bastante se não tivesse o aparelho. Ele é seu instrumento de trabalho. Com ele, você consegue contratar quatro pessoas para a sua casa e doze para o escritório. Você gera muitos empregos, e as pessoas recebem pelo trabalho que fazem. Claro: você pode doar todos os móveis, computadores e bolsas. Pode enviá-los para uma área pobre de Bangladesh. Você condenaria aqui várias pessoas à fome, mas salvaria outras na Ásia.

— Sei lá! Mas você e eu estamos indo bem nos nossos negócios. Não seria bom ir aumentando os salários?

— Talvez, se todos concordassem em diminuir o salário quando houvesse queda de receita. Há dois anos, durante a pandemia, perdi 30% da minha renda. Eu poderia chegar à empregada e dizer: “Vamos baixar seu salário?”. Ela acharia

ruim. Dividir lucros e assumir crises não seria um caminho irracional? Eu a mantive, pagando o mesmo valor, ainda que ela tenha deixado de vir por alguns meses. Faz parte de uma responsabilidade recíproca.

— Você me parece muito objetiva e capitalista. Acho apenas que poderia existir mais justiça social.

— O sistema está dado. Você deve pagar seus impostos previstos, honrar com os compromissos trabalhistas, respeitar as pessoas e oferecer o que é viável. Você é livre para fazer trabalhos voluntários ou doações para entidades assistenciais. Mas... a regra de ouro é nunca abraçar de tal forma o afogado para que ele não lhe arraste para o fundo. Isso expandiria a pobreza, não a riqueza.

— Porém doar cestas nunca resolverá a fome.

— Doar minha bolsa também não. Se minha bolsa ou o valor a incomodam, por que você não faz uma artesanal em casa? Você é boa em costura. Isso estimula o criativo e até a sustentabilidade, mas... pode diminuir vagas de empregos. E, sim, pode vender tudo o que possui e dar aos mais necessitados. Você é livre!

— Já refleti. Lá no nosso escritório de advocacia, alguns pareceres custam uma fortuna. O trabalho é feito por muita gente; apenas eu e meu marido recebemos o grosso dos pagamentos, porque somos os proprietários. Sei que essa é a lógica social. Por vezes, parece que a gente está tirando das pessoas.

— O cliente procura vocês pela fama, rede de relações, capacidade gerada pelos conhecimentos, certeza de qualidade e peso do seu sobrenome, com notório saber, ou seria por causa do estagiário?

— Ah, com certeza pela gente!

— E os advogados que estão lá, assalariados, podem sair e abrir os próprios escritórios, como vocês, não é?

— Sim, podem. Alguns se tornaram sócios minoritários. Outros fundaram uma empresa. Um foi para o exterior e prospera. Alguns que ficaram são excelentes e aumentavam

a produtividade. Estes nós fomos promovendo, dando uma parcela maior na participação nos lucros do escritório.

— E outros foram ficando e apresentavam pouca iniciativa. Você nunca ofereceu sociedade a eles, não é?

— Verdade! Mas... sua ideia de meritocracia parece fazer um jogo de cada um por si e “que vença o melhor”. Nada mais podemos fazer a não ser aceitar a miséria como um dado pétreo?

— Você pode me acusar de tudo, menos de idealista. Meu mundo é o real, e nossa chance de atingir um paraíso é limitada. Minha ação tem poder cerceado, e o custo de todo “admirável mundo novo” é muito alto. Prefiro reformar e melhorar o que temos, fazer o certo em vez de, em uma tacada, imaginar que o sistema pode ser derrubado hoje e amanhecer melhor, daqui a uma semana. Não acredito nisso. Minha experiência de vida me indica, até hoje, que as rupturas possuem valor muito alto, quase sempre excessivo.

— Sim, você já defendeu sua posição de conservadora não reacionária. Lembro-me da festa lá em casa: você não idealiza o passado, tampouco acredita que todos eram mais felizes. Logo, não é reacionária. Não crê que o paraíso esteja logo à frente e que possa ser atingido rapidamente. Logo, tem pouca identidade com o pensamento tradicional de esquerda. Você acredita que o presente é uma negociação entre o que recebemos e o que legaremos. Apenas acho que tudo isso é muito teórico, coisa de europeu.

— Sim, a fonte é europeia, mas a esquerda também nasceu na Europa durante a Revolução Francesa. O anarquismo é europeu, o marxismo é europeu, o nacionalismo é europeu etc.

— Assim como essa sua bolsa, né, amiga? Posso pedir emprestada?

É vocês, querida leitora e estimado leitor: qual é a sua esperança sobre bolsas e capitalismo?

O árbitro da elegância

Petrônio foi um patrício romano, ou seja, um membro da alta aristocracia da capital do mundo de então. Viveu no século primeiro da nossa era, tendo chegado ao máximo da influência no governo de Nero. Escreveu um texto muito popular, o *Satyricon*, famoso pelas cenas sociais. Se você leu o episódio da “Ceia de Trimalcião”, entende o título do famoso restaurante do Rio de Janeiro.

Petrônio foi referência em modos e maneira de se vestir. Os mais velhos lembram-se da personagem no filme *Quo Vadis* (1951). Os romanos chamavam Petrônio de “árbitro da elegância” (*arbiter elegantiarum*). O mundo contemporâneo iria preferir o termo *fashion influencer*.

Como surge um influenciador de moda ou de comportamento? Bem... nenhum de nós sabe, de verdade, qual a quantidade certa de dourado na decoração, o tipo de flor adequada, o drinque que seja – de fato – elegante ou a roupa inatacável. Por quê? Porque são fatos aleatórios. Não existe um método infalível. Querem um exemplo? Plantas de plástico em um jardim eram ícones do cafona, quase tão graves como anões de gesso acompanhados da Branca de Neve em cores berrantes. Você e eu aprendemos isso. Jantando em Los Angeles no ano passado, alguns amigos advertiram que gramado natural, em uma área de escassez de água, era um novo tipo de cafonice. O chique, o *cool*, o *gnarly* (aprendi a gíria no jantar em LA: algo bom, descolado) era uma grama artificial, sustentável e sinal de boa consciência. Viu? Os critérios mudam. O *influencer* é quem edita a nova lista, com as tendências corretas.

Certa vez, nos banquetes romanos, foi o escritor Petrônio. Em outro momento, eram os costumes de Luís XIV e da sua corte. Na Inglaterra do início do século XIX, era Beau Brummell. A frívola sociedade londrina (época da Regência e do rei Jorge IV) observava tudo o que o famoso dândi (outra variante de um influencer de moda) vestia e dizia. É curioso supor que grandes artistas desse tempo possuem discretas lápides em cemitérios, mas Brummell ostenta uma imponente estátua na Jermyn Street (paralela à Piccadilly).

A vida de um influencer não é fácil. Criador do culto ao efêmero, acaba sendo vítima dele. Indisposto com o rei, o outrora elegante morreu pobre e louco na França, em Caen.

No século XX, o poeta Gabriele D'Annunzio exerceu o papel de influenciador do comportamento. No mundo atual, há uma floresta de árbitros da elegância. As Kardashians seriam um bom exemplo contemporâneo. Não sabe quem são as irmãs? Parabéns! Você tem minha genuína admiração.

Onde houver uma carência e uma dor brotará um influencer. E você? Tem esperança de ditar alguma moda?

Os imbecis

Um jovem casal passava horas lendo em conjunto. Encontrava grande prazer na tarefa. No meio de um dia frio de quase primavera, ele diz a ela:

— Amor, você já leu Georges Bernanos?

— O católico monarquista francês?

— Sim. Acabei de ler esta frase dele: “A única diferença entre um otimista e um pessimista é que o primeiro é um imbecil feliz, e o segundo é um imbecil triste”.

— Que forte a ideia!

— Forte mesmo. Mas eu me lembro de outra frase de um homem oposto, Bernard Shaw: “O pessimista? O homem que se ressent de todos os outros porque os acha tão desagradáveis como ele”.

— Bernanos é um tipo de moralista, e Shaw traz um pouco de psicanálise.

— Uma ideia interessante, amor. Eu anotei aqui outra ideia, de Lewis Mumford: “Os conservadores são pessimistas em relação ao futuro, e os otimistas, ao passado”. Assim, ele volta a Bernanos, pois imagina que todos temos um ponto negativo. Se sou um conservador, o futuro e até o presente podem ser tenebrosos. Se sou um otimista, o que já ocorreu é inferior ao que pode ocorrer; logo, sou um pouco negativo com o vivido e ansioso pelo que virá.

— Na semana passada, você deu uma palestra para professores de uma escola pública. Recordo-me do seu roteiro, que lembrava a importância da educação e como cada professor poderia construir um futuro melhor para si, para os alunos e para o Brasil. Pense bem: você acha mesmo que o entusiasmo que você despertou vai durar? Que o

sistema permitirá que saia algum empreendedor vitorioso dali?

— Claro que acho! Não creio que ser empreendedor seja o caminho exclusivo da felicidade e único indicativo de mérito. Porém, o melhor caminho para que surjam boas lideranças comunitárias, empreendedores de todo tipo, pessoas realizadas e felizes, é lembrar a todos que somos senhores do nosso destino.

— Sim, amor, é a sua cara falar isso. Eu poderia dizer que você azeitou uma máquina de exclusão. Os professores ganham muito mal, e os alunos naquela região sempre tiveram um ensino complicado que foi piorado pela pandemia. Que um ou outro possa fazer algo diferente faz parte do desvio-padrão de todo experimento. Todavia, veja: ao dizer que os professores são maravilhosos e agentes do futuro, você substitui a dignidade material que eles não têm, o apoio que não chega e a realidade dura por uma espécie de ópio entusiasmado. Seu otimismo pode estar ajudando o mundo a permanecer como sempre esteve! Você virou um analgésico social.

— Ah, querida, sempre trazendo uma nota de enxofre para meu paraíso... Retirar a capacidade de sonhar ou o horizonte de esperança de alguém é matar a alma. Seria como desistir de uma luta, antes de ela começar, por ser complicada. Pessimismo é covardia, quase uma preguiça mental.

— Meu querido Cândido — disse ela sorrindo ao citar a personagem quase ingênua de Voltaire —, “nunca sei se eu te beijo ou te esbofeteio quando você diz essas coisas...” — comentou a companheira com um olhar ambíguo.

“Sei que você tem a melhor intenção. Imagine que você dissesse algo oposto: ‘Meus queridos colegas professores: o sistema de ensino público foi montado para não funcionar. O salário é ruim, a estrutura física da escola é péssima, faltam coisas básicas e os alunos não têm condições de apoio em casa para transformar o conhecimento em alavanca de

mudança. O maior objetivo aqui nesta escola é oferecer um treinamento mínimo de leitura e hábitos para que cada aluno vire um bom empacotador de mercado ou vendedor treinado de fast-food. Caso vocês discordem dessa máquina de perpetuação de desigualdades, não melhorem o cárcere: derrubem-no! Para construir uma nova escola, eu tenho de rejeitar a antiga. Não sejam melhores carcereiros, sejam libertadores e se libertem!'. Isso seria algo útil a dizer.”

— Nossa, Cláudia, quanta amargura. — Pedro estava assustado. Amava a noiva, porém ficava espantado com o que considerava uma incapacidade de pensar com leveza o mundo. Pedro acreditava, genuinamente, naquilo que dizia nas palestras. A mulher desenvolvia um argumento que o tornava um ser perverso, alguém que animava presídios ou tocava como a banda do *Titanic* a afundar.

O casal já tinha conversado muitas vezes sobre o tema. Cláudia tinha postura radical: os alunos não deveriam ser enganados com promessas falsas. Eles estavam ali para garantir certa aparência de igualdade do Brasil com suas escolas públicas para “todos”. Porém, era um jogo viciado, com dados que nunca dariam o número vencedor a eles. A crise da educação não era um acidente, era um projeto, como tinha destacado Darcy Ribeiro havia muitos anos. Tudo era montado para que a política e o capital continuassem com seu trajeto sem atritos. Claro, pensava ela, nosso Capitalismo não podia, hoje, contar com pessoas escravizadas analfabetas. Os funcionários tinham de saber enviar um e-mail, receber um vídeo ou até acessar o treinamento da lanchonete em um aplicativo. Os antigos escravizados tinham de ser minimamente alfabetizados. Aqui entrava a escola pública. Pedro, pensativo, não se cansava de incentivar alunos e professores. Seria um imbecil alegre, e sua noiva, uma imbecil triste? Sua amada queria libertar todos de uma falsa promessa de melhoria, e seria ele um dourador de venenos? Eis uma dúvida legítima para

vocês, querida leitora e estimado leitor. Qual o seu imbecil preferido? O com ou o sem esperança?

Um ano ruim

Não! Não me refiro ao ano passado ou aos anteriores marcados por pandemia e desastres políticos. Sou historiador. Tenho mais interesse em certo distanciamento para avaliar uma data histórica.

Olhando com serenidade, amainadas as paixões, vou indicar como ano ruim o de 1672. Os holandeses chegaram a criar um termo: *Rampjaar*, o ano do desastre. Ainda que haja ambiguidade, tratarei como sinônimos Holanda, Países Baixos, República Holandesa e Províncias Unidas. Adoro os termos flamengo e batavo também. Algum especialista vai apontar como a generalização dos termos é imprecisa. O especialista está certo. Ignore e siga a leitura.

A República Holandesa tinha experimentado antes intensa prosperidade. Em leitura que sempre recomendo para amar um bom texto de história, Simon Schama escreveu *O desconforto da riqueza* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992). A época de ouro flamenga está ainda presente nos quadros de Vermeer, Hals ou de Rembrandt. Era o apogeu de uma sociedade que disputava bulbos de tulipas em leilões com valores astronômicos. Era uma pequena terra que desenvolveu braços econômicos e militares extensos que atingiam Pernambuco, a Ilha de Manhattan e o atual arquipélago da Indonésia. A Holanda era uma potência em todos os sentidos.

A prosperidade atrai inveja e guerra. Os franceses de Luís XIV fizeram um pacto raro com os ingleses. Pela terra avançaram as tropas do Rei-Sol (com apoio dos bispos-príncipes de Munique e Colônia) e, pelo mar, o bloqueio naval da armada britânica. Para piorar, os suecos aliaram-se

às forças anglo-francesas. Era muita força estrangeira abatendo-se sobre o pequeno território batavo.

A longa guerra anterior contra a monarquia espanhola tinha encontrado o povo holandês relativamente unido. O ano 1672 mostra as cidades dos Países Baixos divididas entre grupos políticos rivais. Os franceses viviam os efeitos positivos das reformas militares do Marquês de Louvois, medidas quase sempre ignoradas pelos livros de história, todavia fundamentais nas guerras do século XVII.

Os holandeses criaram a tática militar de inundar áreas. Fortificações, eclusas, canais e outras armadilhas tinham certa eficácia estratégica (*Hollandse Waterlinie*), mas tiveram custos posteriores para a agricultura. A linha de água das Províncias Unidas era como uma quimioterapia forte: atacava o organismo ruim, contudo, sem dúvidas, tinha seus danos sobre o sistema saudável também.

O povo queria bodes expiatórios para as tragédias. Encontrou-os nos irmãos De Witt, líderes da facção que enfrentava o príncipe de Orange e ajudava a dividir as forças locais. Uma multidão enfurecida (e instigada por orangistas) linchou os dois membros do patriciado holandês em Haia, no verão de 1672. Os corpos dependurados de Johan e Cornelis de Witt foram retratados por Jan de Baen e podem ainda impressionar o observador contemporâneo no célebre *Rijksmuseum* de Amsterdã. Procure o quadro “De lijken van de gebroeders De Witt” e fique impressionado com o registro (em óleo sobre tela) de um colapso. O século XVII pintou; o XX fotografou. Dá para fazer um estudo comparativo com as cenas de Mussolini e aliados dependurados em um posto milanês de gasolina, no ocaso do fascismo italiano.

Quando se estudava Filosofia da História (que desapareceu dos currículos), falava-se em uma lógica de ascensão e queda dos impérios e de uma busca por uma “moral da história”. Pouca gente ainda defende um sentido pedagógico moral do estudo sobre os fatos pretéritos. Quase sempre a busca de um sentido verificável dos fatos ocorridos

indica uma preocupação do presente e pouco trata do que podemos ver no “país estrangeiro do passado”.

Com os riscos inerentes, indico a regra de que todas as prosperidades passam. As desgraças também não são eternas. Apesar disso, em lugares com estrutura cultural e educacional, as baixas são superadas. As Províncias Unidas sobreviveram ao *Rampjaar* e prosperaram de novo. Os quadros dos museus ilustram o ouro e o sangue do século XVII. As tulipas, importadas do Império Turco, estão associadas à paisagem batava – como memória da primeira bolha de consumo do capitalismo moderno. Os holandeses voltaram a pintar muito, com Van Gogh, no XIX, e Mondrian, no XX. Depois dos desastres da invasão nazista, os Países Baixos reencontraram a paz.

A monarquia foi popular com a rainha Beatriz e continua com seu filho Guilherme. A esposa argentina do rei atual conquistou os corações flamengos. A princesa Catarina Amália, que fez 20 anos no fim de 2023, é a primeira na lista de sucessão em uma terra, de novo, rica e próspera. O *Rampjaar* foi resolvido ou dorme na forma de um bulbo de tulipa... Escrevi comendo um delicioso biscoito chamado *Stroopwafel*. Quando existe educação, a esperança renasce com um pouco de açúcar.

Criticar no Brasil

Nunca me esqueço do primeiro congresso internacional de História do qual participei. Eu era um pós-graduando e, como tal, tinha limites claros para uso da palavra diante dos “grandes”. Ouvíamos em silêncio religioso os professores. A pirâmide do poder era alta, e eu ficava na base olhando para cima...

Qual foi minha surpresa: doutores titulares, respeitados em grandes universidades, faziam suas falas e, logo em seguida, colegas estrangeiros “desciam a lenha” (adoro a expressão brasileira). Era impressionante: “O trabalho tem méritos, sim, mas é completamente equivocado na conclusão”. Não era uma discreta correção ou suave apontamento: era “porrada” da boa! Eu, brasileiro da gema, imaginava que haveria um duelo armado ao fim do encontro. Segunda surpresa: o crítico e o alvo eram vistos tomando café e sorrindo. Uma diferença com nossa tradição era visível.

No Brasil, a crítica é quase sempre vista como pessoal. “Não gostou do que escrevi? Só pode ser meu inimigo; por isso, não podemos mais conversar. Mais: não elogiou em abundância? Também não conte com o meu afeto. Todos os meus amigos devem, em adoração, concordar com tudo aquilo que digo e escrevo. Caso contrário, seriam amigos?” Na Europa e nos EUA, são...

As raízes são diversas. Sérgio Buarque apontou nosso caráter cordial, que, nunca é excessivo lembrar, não é de ser cordato e gentil, mas passional, pensando sempre com o coração. Assim, o mesmo povo que sorri sem parar (nós) é o que mata mais no trânsito, em comparação a outros países

onde os dentes não são mostrados com frequência, mas os carros atropelam menos. Nosso homem cordial cumprimenta e mata por ser... cordial.

Existe outra questão: pouco hábito com o contraditório na democracia. Vamos imaginar dois períodos de abertura: 1946-1964 e 1985 em diante. Somando as datas, temos aproximadamente cinquenta e sete anos de democracia imperfeita. São cinquenta e sete anos em quase quinhentos e vinte e quatro de história, que constituem uma experiência menor do que a minha vida de articulista. É pouco! A tradição é de ditadura, coronelismo, oligarquias e mandonismo. Formalidades argumentativas esbarram-se nas conhecidas expressões: “Você sabe com quem está falando?”, “Quem é você para me falar assim?” ou “Eu sou filho de fulano...”.

Temos uma forte tradição autoritária; ninguém pode contestar o coronel. O não a um poder monocrático equivale ao risco de violência e até de morte. Os coronéis clássicos da literatura e da novela escasseiam. Seus filhos e netos cobrem todo o território nacional. Há os “neocoronéis” nos departamentos das universidades, nos clubes, nos condomínios, nas igrejas, nas famílias, no transporte público e em outros lugares. Contestados, reagem com extrema agressividade, fazendo crer que leram Bossuet; consideram que todo poder emana de Deus.

As fraquezas estruturais do ensino brasileiro aumentam a parca capacidade abstrata de discussão. Entender de briga escasseia nosso domínio da argumentação.

A política aqui é pouco dada a ideias e muito apaixonada pela “fulanização”. Não queremos correntes e posições, desejamos nomes. “Fulanizar” significa desviar a atenção de uma ideia para a identificação de um nome. Abstraímos pouco, acusamos muito. Quem foi acusado de um comportamento ruim defende-se “fulanizando”.

O que impressiona em um debate, entre nós, é o recurso *ad hominem*. É uma falácia, mas que sucesso de falácia!

Insultos pessoais constituem tática válida para “lacrar”. Assim: “Ele está atacando a autonomia do Banco Central? Impossível! Você soube que a esposa o trai?”. E assim: “Você defende o superávit primário porque é de Santa Catarina!”. Querem mais: “Como você pode ser contra o racismo se você é branco?”. Focar o campo pessoal é garantia de sucesso dos que acompanham a “treta”.

Construir uma sociedade crítica implica muita maturidade. Meu colega apresentou um trabalho com um tema que eu também pesquiso. Se tenho indicações bibliográficas que o ajudem, forneço. Se ele conclui algo muito diferente do que eu acredito, escuto os argumentos e, se for o caso, apresento os meus. Superada a vaidade da autoria, ficando na ideia científica de um trabalho perfectível, aprimoro-me, ouvindo teses das quais discordo. Não incluo o fígado. Não ataco a pessoa. Não “fulanizo”. Fico no campo das ideias. A pesquisa pode ser boa, mesmo que esse ser humano seja conservador ou de esquerda, católico ou do candomblé, hétero ou gay. Ouvir muito, criticar sem paixão, analisar de acordo com os próprios limites, sem se considerar porta-voz da verdade. Aceitar aprender e, de quando em vez, ensinar. Ninguém perde nesse jogo, pois aquele que tiver mais dados e argumentos mostrará um caminho melhor para seguir. Apegar-se ao remédio que você inventou por pura vaidade, rejeitando um mais avançado, é estupidez forte.

O parágrafo anterior traduziu ideais. Ainda não chegamos lá. Dentro de nós todos, há um coronel potroso (expressão que aprendi com Gabriel García Márquez), lento e autoritário, cansado na origem e desejoso de ser deixado na cadeira patriarcal que ocupa. Existe um mundo fora de Macondo. Tenho esperança de que consigamos, num dia.

Existem milagres?

Os egípcios viam as margens do Nilo serem fertilizadas pela cheia anual, mesmo sem chuvas. Desconheciam as nascentes do grande rio em áreas mais úmidas da África. Viam apenas o efeito miraculoso e atribuíam-no a alguma intervenção divina. O curso d'água era divinizado como deus Hapi.

Ler a natureza a partir de uma chave mágica é uma tentação constante na história. Caso não se consiga explicar, deve ter origem divina. Tácito escreve: *Omne ignotum pro magnifico*. Tudo aquilo que se ignora é tomado por magnífico ou mágico. A imaginação, sem dados verificáveis, corre solta para a poesia e a religião.

Ocupar o lugar do desconhecido é um argumento ruim para a fé. Se a crença egípcia no poder do deus Hapi fosse ainda viva, a descoberta das nascentes do Nilo e do regime de chuvas da África Equatorial representaria um golpe poderoso no poder da entidade. Sabemos que os relâmpagos não possuem origem na ira de Zeus. Entendemos, hoje, que as meninas que lidavam com vacas com varíola estavam protegidas da forma mais grave da doença, por um princípio similar às vacinas, mas não por um anjo da guarda mais forte do que o normal. Há muitas coisas que ainda escapam a uma explicação científica; completar essas lacunas com a narrativa do milagre é um risco.

Não acredito em milagres. Já estudei fenômenos ainda inexplicáveis. A falta de dados ou o erro na leitura deles costuma criar o ambiente para a narrativa miraculosa. O que quer dizer? Não ter explicação racional não implica dizer que é inexplicável, apenas reforça que ainda não alcançamos um fato pelo método científico. Os cometas já foram eventos

metafísicos portadores de mensagens ocultas. Eclipses solares já causaram pavor em muitas culturas. As manchas na Lua já foram identificadas como São Jorge.

A crença no milagre é um horror ao vazio da explicação e – algo interessante – nasce de um desejo racional. A fé em fatos miraculosos que me preservaram em um acidente, por exemplo, é meu narciso atuando. Certas curas excepcionais nascem de diagnósticos ruins. Premonição é chute bem-sucedido. Para cada profecia correta, poderíamos identificar milhares de erradas. Uma pista: anuncie todo dia a data da sua morte. Tenho certeza de que, um dia, você acertará. Você é um profeta?

O milagre é uma tentação racional, curiosamente. Busco algo que o explique. Não encontrando de imediato no mundo visível, vou em busca do invisível. Todas as religiões possuem milagres: isso seria prova de que estariam corretas? No Candomblé e no Budismo, há narrativas de fatos inexplicáveis. Satanistas alegam operar coisas fora da lógica formal. Católicos enchem com milagres volumes. Curas milagrosas são diárias em cultos neopentecostais. Estariam todos corretos?

Creio que a fé seja uma escolha pessoal. Nasce de um desejo do indivíduo e, se não violar a lei e a ética, é válida. O argumento para pregar sua religião sempre deve ser sua felicidade ao encontrar respostas pessoais dentro de um código teológico, jamais o poder milagroso. O verdadeiro bem-aventurado, segundo o próprio Jesus, não é a testemunha do milagre que crê depois de ter visto. Tomé acreditou porque viu. Acreditou nos olhos próprios, mas não na promessa de Jesus. O homem de fé, na frase do Evangelho, é aquele que não viu e, mesmo assim, acreditou (Jo 20:29). Quem precisa de milagres para crer recebe uma certa desconfiança do próprio fundador do Cristianismo.

“Ah, Leandro, mas meu Deus ressuscitou!” Perfeito! Você precisa, então, ser um pouco mais específico, já que – durante mais de três mil anos – os egípcios defenderam a

ressurreição de Osíris. “Ah, Leandro, meu Deus nasceu de uma Virgem.” Sem problema, mas você deve ser um seguidor de Mitra. Ele nasceu de uma virgem, no dia 25 de dezembro. Quando Krishna nasceu, sábios e pastores vieram adorá-lo. Isso não é um ataque à sua fé; é apenas trazer um pouco de perspectiva histórica. Você pode, sem problema, dizer: “Eu sei que há semelhança com outras narrativas, entretanto eu tenho Jesus no meu coração e creio Nele!”. Perfeito! Sua fé é seu direito e é uma liberdade fundamental. Ninguém pode atacar crença e, provavelmente, sua vida é melhor diante da sua convicção. Perseguições a religiosos violam a dignidade da pessoa humana e são inadmissíveis.

Eu não acredito em milagres, mas sei de milhares que ocorrem em todas as religiões. São fatos inexplicáveis como saber o que existe depois de um Buraco Negro. Se você crê que existe um devorador de matéria depois de um Buraco Negro, como os egípcios pensavam na deusa Ammit, você é livre. Religião do outro sempre será mitologia para quem se acredita possuidor de toda a verdade. Alegre-se: entre milhões de deuses, apenas o seu é o correto e opera milagres por ser vivo. Reflita sempre, com esperança e tranquilidade, na frase de Montaigne: “O homem está, decerto, louco; ele não pode fazer um verme, mas faz deuses às dúzias”. Confesso reconhecer certa beleza na nossa capacidade de olharmos para o céu e dizermos: “Faça-se a luz!”.

Nossas crenças podem ser fonte de esperança. Esse é o grande milagre da vida, o único em que acredito.

O camarote mais sofisticado

Mestre Houaiss informa que o termo vem do espanhol e finca raízes no século XVI. Camarote é um espaço reservado em um teatro, aberto, em direção ao palco. O mais importante: possui divisórias que demarcam uma exclusividade. Fundamental: mesmo que poucos possam entrar nele, é de extrema relevância que os demais espectadores vejam que há um camarote. Fechado para evitar o afluxo dos indistintos abaixo, mas aberto para gerar a necessária admiração que fortalece o narciso dos ocupantes. O camarote isola para exhibir.

Ver a “vida de camarote” é ter uma posição confortável diante dos fatos. No seio de uma sociedade desigual, é vital mostrar o privilégio. Critica-se, no Carnaval, a “camarotização” de um festejo que deveria ter essência popular. Na década passada, Alexander de Almeida ficou famoso (e atacado) como o “rei do camarote”.

A “camarotização” do mundo acompanhou o crescimento da igualdade. A sociedade pós-Revolução Francesa foi desenvolvendo o cidadão e sua isonomia diante da lei. Não havia mais títulos, roupas, genealogias que precediam, demarcavam e separavam o duque dos plebeus. Sua Graça era diferente, ainda que nu. A guilhotina aparou arestas, porém manteve o sonho: “Como posso escapar do comum?”.

Em um mundo de cidadania horizontal, precisamos nos defender do ataque. Ficou famosa a resposta de uma “pessoa” no Rio: “Cidadão, não! Engenheiro civil, formado, melhor do que você”. Título honroso em 1789, como o conceito pode ter sido interpretado, em 2020, como ataque?

Não posso e não quero ser cidadão, pois sou a pessoa que conquistou uma luz diferente pelo meu estudo. É vedado que eu invoque um título de nobreza, ainda que ele abunde até para venda na internet. Onde posso escapar da insuportável igualdade? A resposta é o camarote.

O carro é um tipo de camarote que me redime do grupão no transporte público. As classes executiva e primeira são camarotes. Abundam privilégios como entrada VIP. Nos aeroportos do Brasil, surge um novo modelo de fast-track para quem tem determinado cartão de crédito. Até na prisão, existia o camarote para o dono de um diploma de curso superior (aliás, para quem não sabe, esse privilégio foi extinto).

O dinheiro antigo valoriza a exclusividade mais do que a ostentação. Melhor, diante do arrivismo do capital recente, carrega um novo tipo de exibicionismo: não o preço, todavia a tradição e o conhecimento. Mesmo entre ricos, insiste-se em fazer separações, criar gavetas, estabelecer hierarquias. O orgulho existe, olhando para baixo e para o lado.

Dizem que dinheiro jamais comprará tradição. *O que seria tradição?*, pensa alguém maroto. É quando sua origem humilde já foi apagada pelos anos e não deixou rastros. Paupérrimos imigrantes portugueses do século XVIII enriqueceram e olham com desdém absoluto para estes recém-chegados do XX. Quando os traficantes de escravizados, todos os grileiros de terras, os apresadores de indígenas e os toscos em geral tiverem apagado tais manchas das suas árvores genealógicas, serão bem-vindos ao mundo exclusivo do camarote da nobreza tropical. Tradição familiar é, quase sempre, esquecimento penal.

O camarote é um sonho. Nunca devemos confundir os cidadãos como se fossem os porcos de *A revolução dos bichos*, de George Orwell (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). Sempre haverá um suíno sábio para adular o sétimo mandamento da igualdade. Alguns serão mais iguais do que os outros. O porco do camarote é a prova da universalidade

da aspiração mamífera. Igualdade é slogan político, raramente desejo universal.

Talvez o camarote seja a grande questão da ordem social. Quem pode acessá-lo? Quem tem direito a ele? Com base em qual critério? No momento em que substituímos a noção política iluminista pelo direito do consumidor, o grande sentido de exclusividade diz respeito ao poder da compra. O ataque aos “privilégios” esconde nosso desejo de expulsar aquele grupo indigno de um áureo espaço isolado para que possamos estar lá. Mais do que justiça social, queremos migração de corpos. Abominamos a igualdade e desejamos a exclusão, desde que ela não nos atinja.

Num dia, acompanhando o fenômeno do Círio de Nazaré no Pará, isolado no lindo camarote da minha amiga Fafá de Belém, observava aquela massa extraordinária. Era uma varanda alta e bem separada do grande grupo. Um colega famoso disse que ia descer e acompanhar o cortejo da imagem, segurando a corda benta. Eu indaguei: “Por quê?”. Ele me disse que apenas lá, no empurra-empurra plebeu, de fato se sentia a epifania do Círio. Fiquei no espaço reservado, pensando: *Será que o futuro da exclusividade é poder abrir mão de todo o privilégio para dizer aos amigos, em São Paulo, que eu me entreguei entre fiéis ao festejo diluído?* Talvez o camarote mais refinado seja este: eu peguei na corda, mas você ficou isolado. Esperança de uma experiência ainda mais sofisticada: ser parte da corda que arrasta, mas não mais do muro que separa.

Convivendo com o sucesso

Existe uma afirmação muito repetida entre nós. No Brasil, o sucesso é visto com desconfiança. Uma pessoa vitoriosa no campo profissional (ou simplesmente rica) é tratada com certa reserva. Nos EUA, afirma-se: o sucesso não é causa de críticas similares. Seríamos uma nação de ressentidos; os EUA, de pessoas educadas para certo “capitalismo meritocrático”.

Lembro-me de um clássico livro: *Bandeirantes e pioneiros*, de Vianna Moog. O autor, nascido em São Leopoldo (RS), fez uma comparação entre os estadunidenses e brasileiros. Moog tem forte influência da explicação de Max Weber. Este associa a economia de mercado ao protestantismo, sobretudo de matriz calvinista.

No ascetismo calvinista, o sucesso é sinal de predestinação divina e de trabalho. Na tradição brasileira, o homem vitorioso deve ter dado golpes ou ter tido uma sorte muito grande. O dinheiro é visto com desconfiança no nosso país.

As leituras com ênfase na geografia que o gaúcho fez ficaram bastante datadas. O debate sobre o papel do calvinismo tem muitas coisas boas para despertar análises. Um dos problemas é a construção de uma minoria (os viajantes puritanos do Mayflower) como modelo de toda nação.

Correndo o risco de generalizações, vamos lá. Um cidadão dos EUA fala com muita facilidade de quanto ganha ou de quanto consegue obter em um ano. No século XIX, Alexis de Tocqueville ficou espantado com a facilidade comunicativa daquele povo. Nós, em geral, não sabemos o valor anual dos

ganhos, e nossa renda é segredo de Estado (salvo para o Estado que tudo vê e tudo recolhe).

No seu prédio, surge um carro reluzente e caro na garagem do condomínio de classe média? Raros comentários seriam elogiosos. Isso pode significar que temos uma ideia negativa sobre o êxito alheio?

Crimes contra o patrimônio existem aqui e lá. Há ladrões nos dois países. Será que nossos bandidos seriam mais ressentidos do que os de lá? Prevaleceria ainda um espírito de coletividade no Brasil, dentro do qual as diferenças seriam menos bem-aceitas? Consideraríamos, como em algumas comunidades indígenas, que o grupo não comporta diferenças tão extremas como o capitalismo urbano nos convida a naturalizar? A pobreza existente no nosso país convidaria a uma culpa maior? Não tenho as respostas (e o caso é longo), mas ainda me intriga o motivo de o sucesso alheio ser tão incômodo – não apenas aos que pouco possuem, porém igualmente aos que estão no mesmo patamar econômico. Esperança de resposta? Alguém ainda lê Vianna Moog?

As ironias da História

O filósofo Denis Diderot (1713-1784) foi um importante iluminista. Sua vida foi marcada por contradições. Aluno dos jesuítas, foi educado em línguas clássicas e, dessa base sólida, surgiria um pensador contrário ao poder eclesiástico. Ele chegou a ser tonsurado (um corte especial de cabelo que marca o começo de uma carreira religiosa). Seria conhecido como um dos ateus das luzes.

A obra mais conhecida do Iluminismo foi *Enciclopédia*, e Diderot está associado a ela. As críticas ao Antigo Regime acabaram colaborando para fazer surgir a Revolução Francesa. No tenso inverno de 1793, a onda de anticlericalismo e impiedade estava provocando saques nas igrejas. Diderot havia morrido na década anterior (o que restava do seu corpo jazia na igreja de Saint-Roch). A Revolução que ele tinha ajudado a configurar intelectualmente acabou profanando seu túmulo.

Apreendi, no livro de Andrew S. Curran, o episódio do túmulo: *Diderot e a arte de pensar livremente* (São Paulo: Todavia, 2022). Produzindo de forma quase secreta, no sótão de um prédio da rua Taranne, o filósofo adiantou vários temas que só seriam tratados nos séculos seguintes. Ele cruzou arte literária com imaginação poderosa, produzindo de cartas de amor comoventes até ficção científica. Apenas para pegar um dado do livro de Curran, o famoso texto “O sobrinho de Rameau” foi encontrado na forma manuscrita, em 1890, em uma banca de documentos e livros ao lado do rio Sena, em Paris. Outras obras seriam achadas em um castelo da Normandia a partir de 1948. De alguma forma, “ele escolheu deliberadamente renunciar a uma conversa

com seus contemporâneos de modo a estabelecer um diálogo mais frutífero com gerações posteriores – conosco, em resumo” (p. 130).

São muitas as ironias da História. A primeira é ele ter sido amparado financeiramente por uma soberana absoluta, Catarina da Rússia, uma déspota esclarecida. Suas ideias colaboraram para o processo que acabaria por profanar seu túmulo. Querendo dialogar com o futuro, de alguma forma, evitou influenciar ainda mais o século XVIII, por considerar muitas coisas excessivamente ousadas; em contradição, no fim do século XX, algumas já estavam datadas. A História é povoada de ironias, e raramente mostra muita esperança conosco. O jeito é ler o livro de Curran e vingar-se com cultura das vinganças históricas. *Just in case*, acho melhor ser cremado. Vai que...

O fascismo é atual?

Há muitas questões quando se discute o conceito de fascismo. Uma delas seria os “historiadores puristas”; os fascismos são fenômenos do período entreguerras, tendo como base o pioneiro fascismo italiano e o nazismo alemão. O Franquismo, o Salazarismo, o Estado Novo brasileiro e o Peronismo teriam traços como o corporativismo ou como a legislação trabalhista em comum, mas o fato histórico puro do fascismo só existiu entre 1922 e 1945. Assim, posso ter uma “atitude inquisitorial”, mas a Inquisição como fato histórico pertence à Idade Média e Moderna. “Caça às bruxas”, “nazista”, “iluminista” são metáforas ou metonímias de coisas únicas no passado.

Outros pesquisadores oferecem um campo distinto. Wilhelm Reich (1897-1957), psiquiatra, lançou um livro ainda em 1933 sobre a *Psicologia de massas do fascismo* (São Paulo: Martins Fontes, 2015). Ali, vemos questões da repressão sexual e do controle das ansiedades das pessoas. O texto indica, assim, uma leitura psicologizante do fascismo. Se a raiz dos movimentos autoritários – conhecidos hoje como nazismo ou salazarismo – está na repressão sexual, podemos dizer que, onde houver mecanismos psíquicos similares, existirá adesão ao projeto fascista. Assim, de fato único, o fascismo se torna algo mais atemporal, que pode se repetir sempre.

Na década de 1950, Hannah Arendt fez análises aproximando o stalinismo como movimento totalitário para controle das massas. *Origens do totalitarismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2013) é um livro que aumenta as vendas quando, por exemplo, Donald Trump sobe ao poder

nos EUA. Essa postura, de alguma forma, está contida na ideia de Bertolt Brecht (*A resistível ascensão de Arturo Ui*): a cadela do fascismo está sempre no cio. Os fascismos e os totalitarismos são como as herpes que retornam quando a resistência baixa.

Circunscrito ao período entre as duas guerras mundiais do século XX (ou um tipo de “ovo da serpente” que se choca em muitos momentos), o fascismo vem a ser elemento retórico de largo emprego. O filósofo Leo Strauss criou a expressão *reductio ad hitlerum* como um tipo de falácia em que se afirma: o argumento contrário (ou a pessoa adversária na discussão) “é/são igual/iguais a Hitler”. Exemplo curioso? O nazismo foi pioneiro em estudos sobre os efeitos negativos de tabagismo (Hitler odiava cigarros). Assim, se alguém manda apagar um cigarro, seria, claramente, uma atitude nazista. Um mesmo tema volta com a chamada Lei de Godwin de 1990: “À medida que uma discussão on-line se alonga, a probabilidade de surgir uma comparação (envolvendo Adolf Hitler ou os nazistas) tende a 100%”. É fácil entender: o autoritarismo, a violência, o racismo e o Holocausto promovidos por Hitler são tão medonhos que usar a transposição da figura hedionda do pintor austríaco basta como argumento.

Em 2020, em pleno começo da pandemia e ainda sem horizontes de vacinas, Alexandre Gossn lançou o pequeno livro *Fascismo pandêmico – como uma ideologia de ódio viraliza? Um breve ensaio sobre a alma fascistoide* (Rio de Janeiro: Autografia, 2020). O autor destaca que o fascismo (na esteira parcial de Reich) é um fenômeno psíquico de massas e, como tal, não exclusivo do passado. O fascismo é uma paixão que necessita de uma fagulha como uma pandemia ou como uma crise social. Para enfrentar o drama do momento, alguns líderes e movimentos inventam um passado idealizado unificado (tudo era melhor quando) e usam o ressentimento do “zé-ninguém” para combater a angústia das ideias plurais e cheias de matizes. Para manter a unidade, apela-se

à ideia de Pátria como suprema unidade. Como diz o autor: “O fascismo é universal. É um dialeto que fala à alma humana” (p. 35).

Para Gossn, o ódio tem poder galvanizador e transforma adversários políticos em inimigos a serem destruídos. Curiosamente, o fascismo é romântico, pois “não se assenta na realidade, mas sim em premissas idealizadas de um universo que será pacificado pela força, para depois se transformar no reino da paz” (p. 63). O mundo real ao redor é frágil, cheio de mimimi, ambíguo e coloca em risco a certeza de ideias concretas. Contra isso, usam a unidade e a sedução da força. Assim, abrindo mão de um tipo de ortodoxia histórica, ele define que o fascismo “não é a causa, mas a consequência de movimentos psíquicos nos esgotos da alma coletiva” (p. 76). O fascismo histórico morreu, mas deixou bisnetos – pondera o autor.

Óbvio que o livro tinha um alvo político específico que paira sobre o texto, como o fantasma do pai de Hamlet. As análises são bem-feitas, ainda que misturem pessoas que conversariam pouco sobre o tema, como Freud e Jung. Talvez galvanizados por modelos tão terríveis como Hitler, nós tenhamos perdido de vista que o ódio é anterior ao fascismo, bem como que o antissemitismo tenha nascido antes do nazismo. Os esgotos da alma humana, como diz o autor, recebem nossos medos muito antes dos horrores de Auschwitz e dos gulags; vermelhos ou verde-amarelos mostram que o medo pode ser transformado em força política sempre. Minha esperança é: gente lendo, com senso crítico.

bloco três
Jacyr Karnal



“O cérebro é uma máquina prática” – metáfora no desenvolvimento de “O suporte da memória” (a primeira crônica neste bloco).

Esse recurso de linguagem tem por princípio estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, ou seja, a associação de semelhança (“cérebro” e “máquina”).

Durante a leitura destes dez próximos textos, existem diversas associações sensoriais; o cheiro da natureza; o visual da poeira (como em diversas lembranças da infância e dos momentos ao lado da mãe). Quando há essa integração de domínios dos sentidos, ou seja, associação com cor, gosto, sabor, vê-se a sinestesia.

Análoga à metáfora, a sinestesia é uma tática de muitos escritores para a crônica, principalmente para um teletransporte sensitivo do leitor àquela determinada cena. Com isso, a consequente emoção pela descrição do genuíno.

Para o aperfeiçoamento vocabular, tentar criar metáforas e sinestésias é um recurso capaz de despertar (e muito!) a criatividade.

O suporte da memória

Em 2011, passeava com minha mãe. Aproximava-se o seu aniversário. De repente, encontramos uma linda árvore reconhecida por ela. A espécie, base do medicamento que tomava para a memória, era uma planta fácil de identificar. Minha mãe louvou os efeitos da medicação, mas não se lembrava do nome da árvore... Era uma *ginkgo biloba*. O vegetal de origem chinesa fazia maravilhas para recordações, menos evocar o próprio nome.

A memória precisa de suportes. Perdemos neurônios todos os anos. Bebedeiras e outros hábitos aceleram o genocídio cerebral. Meu pai recomendava estudar: “O que você sabe nunca lhe tiram!”. Mentira. O tempo tira tudo, até o que eu sei. A data da Revolução Francesa é meu marcador pessoal para saber se estou em colapso de memória. Quando some algum dado da minha consciência imediata, repito 1789 para me acalmar. Ainda é passageiro. Num dia, definitivo.

Há duzentos anos, um papel poderia ser lido e comparado aos de séculos anteriores. Aliás, feitos com base de linho e outras fibras, os papéis do Renascimento eram mais permanentes do que os de celulose, mais atuais. O papiro egípcio pode ser lido por especialistas. Está lá, três ou quatro mil anos depois, acessível.

Fui guardar caixas antigas e encontrei grande quantidade de CDs. Alguns eram de música; outros, com fotos. Descobri que não havia mais leitores dessa mídia aqui em casa. Os computadores recentes são alheios ao mundo do CD. Não tenho mais um aparelho de som que possa rodar um. Nos

carros, também se foram esses leitores. A memória encontra um obstáculo real técnico.

Falei de CDs. Há pessoas que ainda possuem discos de vinil. Existem fitas cassete e DVDs. Na sua casa, ainda resta algum vídeo que use o verbo rebobinar? Em que momento uma “tranqueira” de 1980/1990 se torna uma antiguidade desejável? Qual a fronteira cronológica entre lixo e peça de museu? Arrumar caixas antigas implica pensar em critérios de conservação.

Vou mais longe: tenho uns trinta álbuns de fotografias reveladas. São maravilhosos e emocionam-me quando os manipulo. Se quero mostrar para mais gente, preciso fotografar o retrato ou pagar a alguém que o digitalize.

O salto analógico-digital é possível, com mais trabalho e dinheiro. A perda da memória possui o critério tradicional do tempo. Desponta novo obstáculo: o suporte técnico. Decifração de técnicas antigas demanda novos Champollions, sem uma Pedra de Roseta confiável. A amnésia pode derivar da falta de leitores adaptados.

Invoco outro elemento devastador: poucos jovens cultivam o mesmo apreço pelas fotos da família. Ainda gostarão de registros das pessoas conhecidas ou alguma em que apareçam. Porém, aquelas imagens que eu tenho dos bisavós, que nem eu conheci, eles tratarão como algo curioso, merecedor de uns quatro segundos de atenção entediada.

O cérebro é uma máquina prática. Memórias pouco usadas serão soterradas para planos menos acessíveis. Podemos estudar estrutura cerebral ou ver o adorável filme *Divertida mente (Inside Out, 2015, Pixar-Disney)*. A cabeça de Riley Andersen é uma lição de neurociências.

Esquecemos, porque há coisas mais importantes a lembrar. A chamada “memória eidética” perfeita é um acidente raro: pessoas que se recordam em detalhes de tudo. Nikola Tesla (1856-1943) era famoso pela memória surpreendente. As muito boas podem atrapalhar relações.

Precisamos esquecer algumas coisas para viver em grupo. Memória é a base de muitos rancores.

Para algumas fontes gregas, o rio do esquecimento, o Lete, estava nos Campos Elíseos. Tomar da sua água de pura amnésia era condição para a felicidade. Esqueço-me e estou livre para viver. No mundo do além, criado por Dante Alighieri, a pior dor é a memória do tempo feliz na miséria (*Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria. Inferno, V canto, vv. 121-123*). Assim se lamenta Francesca sobre o desfecho infeliz do amor por seu cunhado. Logo, lembrança pode ser dor, e esquecimento pode implicar libertação.

Os jesuítas amavam uma técnica chamada Palácio da Memória. Era uma arte mnemônica que associava uma recordação a um lugar e, dessa forma, poder-se-ia refazer o trajeto com identidades entre conceitos e lugares. Para glória e desgraça do homem contemporâneo, nosso Palácio da Memória está no bolso, o celular.

A grande diferença entre o palácio inaciano e o do celular é que aquele era construído pela pessoa que desejava a reminiscência; este, por uma empresa do Vale do Silício. O deus Toth do Egito advertiu que os homens esqueceriam tudo quando aprendessem a escrever. O deus californiano adverte que você se lembrará na ordem e sequência decididas em outro lugar, com base em interesses estranhos.

Nossa amnésia não pode ser curada por *ginkgo biloba*, porque ela interessa a pessoas maiores do que aquela simpática árvore, vista com minha mãe. Você tem esperança de continuar lembrando?

Os ombros suportam o mundo

Carlos Drummond de Andrade refletiu muito sobre a maturidade. Em 1940, com apenas 38 anos, criou o poema “Os ombros suportam o mundo”. Como quase sempre, sua temática é a relação do eu com o mundo ao redor.

O mundo de 1940 estava em guerra. O otimismo era um desafio em meio ao avanço do Eixo. O risco da vitória nazista existia. Quando o futuro fica nublado, costumamos reforçar o momento presente, aquilo que chamamos de imanência. As coisas iminentes possuem sentido em si mesmas, seu princípio e seu fim, sem pretensão de transcendência.

Na maioria das vezes, a maturidade reforça o aqui e o agora. O mundo está caindo? Ele afirma: “As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios/provam apenas que a vida prossegue/e nem todos se libertaram ainda./ Alguns, achando bárbaro o espetáculo/prefeririam (os delicados) morrer”. Não é alienação a proposta, mas a consciência do fato de a vida seguir em meio ao caos. A maturidade é a consciência de certa impotência diante do desenrolar do grande drama cósmico.

Melancólico, o autor oscila para a ideia da morte. Acaba registrando no poema “Chegou um tempo em que não adianta morrer./Chegou um tempo em que a vida é uma ordem./A vida apenas, sem mistificação”. A morte é uma solução que o mineiro de Itabira abandona. Querer morrer é dar certo relevo à minha presença.

O sentimento de encontrar sentido pleno naquele instante, sem pensar muito além, está presente na “Tabacaria”, de Fernando Pessoa: “Come chocolates, pequena;/Come chocolates!/Olha que não há mais metafísica

no mundo senão chocolates./Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria./Come, pequena suja, come!/Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!”.

Sim, qualquer ser minimamente psicanalisado sabe que o chocolate não resolve o problema. O drama de envelhecer é – sabemos que a salada também não resolve. Comer chuchus, caminhar muito e tomar água... uma bela estratégia para a corrida da vida. No entanto, quando a linha de chegada está logo adiante, o drama do planejamento diminui.

No fim de 2010, com minha mãe caminhando rapidamente para o final, estávamos no café da manhã de um hotel. Chegou bacon frito e crocante. Ela resistiu. Alegou colesterol. Depois, pensou um pouco e comeu com prazer: “Não fará diferença!”. É tranquilizador quando tiramos o mundo dos ombros. A esperança da vida é sempre ela em si, nunca o futuro. Aquele foi o melhor bacon que ela comeu na vida, sem peso nos ombros.

Família da foto

Minha mãe dizia que, ao se casar, sonhava ter doze filhos. Ela afirmava que uma mesa, com o casal nas pontas e uma dúzia de crianças, era uma cena linda. Teve quatro, todos de parto natural. Talvez a experiência real tenha sabotado a fantasia. Reduziu sua vida materna a um terço do projeto no dia de bodas.

Era indisfarçável a alegria dela quando, em todos os almoços, via os filhos (dois de cada lado), com ela e meu pai à cabeceira. Tratava-se de um mundo ordenado, belo e, diante dela, com pratos e talheres, perfilava-se a obra máxima da existência: sua família.

Com o tempo, fomos saindo de casa. As datas, como o Dia das Mães e o Natal, passaram a ser o momento de reconstituir o grupo. Com o surgimento de genros, noras e netos, o número de doze filhos foi atingido com a inflação da fertilidade da geração seguinte. A foto com minha mãe, cercada da família, era um nirvana especial. Se alguém precisava passar uma festividade em outro lugar ou com outra família, ela dizia entender, mas, como uma Virgem Dolorosa, aquilo seria uma espada em seu coração.

O fenômeno dos Karnais, creio, deve se multiplicar em todas as casas. A mesa completa (com toda a família) agrada, em especial, aos pais. Há mais ambiguidades entre os netos. Muitos dos que estão abaixo dos 25 anos conseguem imaginar dez mil opções melhores de Ano-Novo do que com a avó. Noto que amam a matriarca, mas não gostariam de “queimar” uma data tão significativa estando na casa dela. O argumento “pode ser o último Natal dela”

passa a ser um peso, especialmente se a derradeira festa ampliar a possibilidade por uma década.

A “família da foto” passa a ser um ideal, uma essência. O filósofo francês Sartre aconselhava a colocar a existência antes da essência. Quem realmente deseja estar ali não precisa ser conquistado com subornos materiais (a comida estará ótima) ou chantagens emocionais (ela fez tanto por você). Os netos, primos entre si, terão menos intensidade de desejo, porque não cresceram naquela casa. Não compartilham de uma história tão íntima. A geração anterior, a dos os irmãos, possui mais vontade da foto coletiva. Os avós, a primeira geração, não possuem sociabilidade fora da família. Ao contrário dos netos, ou passarão o Natal ali, ou passarão sozinhos. Para alguns netos, a família é a solidão absoluta. Para fugir do vazio, alguns avós/pais forçam os netos/filhos ao vazio...

Em resumo, minha ideia esperançosa é de que a foto da família que vai para as redes sociais deveria combinar essência e aparência. Seria um erro sacrificar uma pela outra.

Natal da maturidade

Num dia fui criança. O Natal era perfeito. Comidas especiais, presentes, música na nossa casa. Eu amava tudo: férias, casa cheia e o cheiro dos biscoitos natalinos assados em forma de pinheiros, estrelas e Papai Noel. A última semana do ano era maravilhosa.

Na juventude, aumentou minha vida religiosa. O Natal passou a ser uma manifestação do Verbo Encarnado, a chegada do Rei da Paz e o mistério do Deus Menino na manjedoura. Cantava “Noite feliz” e “Adeste Fideles” (Cristãos, vinde todos) com devoção. Escrevi peças teatrais natalinas e atuei nelas. Os reis sábios do Oriente e os pastores traziam o coro angelical de “glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”.

Anos correram... e a vida de adulto me afastou de muita coisa. Passei Natais no exterior muitas vezes, aproveitando o hiato de aulas, no fim de ano, para viajar. Busquei bons restaurantes e concertos natalinos. A fé tinha saído do horizonte, todavia a intensidade do “Magnificat”, de Bach, ou do “Glória”, de Vivaldi, continuava sendo uma fonte de emoção. Aliás, experimente ouvir essas duas músicas degustando um bom chá ou, se for adequado, vinho. Ajuda muito no fim do ano tocar de forma pura na beleza.

O novo século XXI veio acompanhado do declínio da saúde dos meus pais. Passamos a nos concentrar no endereço original dos Karnais. Sempre nos rondava o espectro de “este pode ser o último”. Deixei de viajar por mais de uma década para estar com eles. Em 2009, celebramos as bodas de ouro deles (casaram-se em 26 de dezembro de 1959). Era o “Natal Dourado”, como batizei. De

fato, foi o último do meu pai. Em 2010, minha mãe estava viúva; nós, órfãos.

Os anos seguintes foram de foco total na minha mãe. O primeiro Natal sem meu pai foi difícil. O segundo foi uma reação da vida e da vontade de continuar. As festas foram se tornando mais fortes; nós, os filhos, nos encarregávamos de tudo. Como tanta gente aprendeu, a perda de um dos pais aumenta a consciência de que a vida passa e de que nada será assim “para sempre”.

No ano em que minha mãe completou 80 anos, comemoramos em um lugar onde ela tinha sido feliz, no passado: o hotel Llao Llao de Bariloche, Argentina. A festa familiar foi perfeita, em julho de 2017. Ela já estava mal, mas a neve cobria a paisagem e, por um instante, acreditamos na eternidade do afeto. A foto dela, olhando a janela e o lago à frente do quarto, já era uma despedida. O horizonte já avançava. De fato, ela saiu do mundo em novembro daquele ano. O Natal de 2017 foi um jantar dos irmãos unidos e com lágrimas. O luto sempre piora no fim de cada ano.

A vida teima em avançar. A dor é uma rocha dura que o tempo desgasta, aplaina e diminui. Ela permanece lá, sim, mas toma outras formas. Há anos, todos os dias, em alguma tarefa ou devaneio, penso nos meus pais. As fotos deles me falam de amor e do tempo. Os mortos proclamam a ideia profética “és o que fomos, serás o que somos”.

O Natal veio de novo. Estamos todos bem. A indesejada foi passear em outras paragens. Sabemos que, num dia, ela volta. Os Natais voltaram a ter certo brilho. A vida segue com as inevitáveis mudanças no elenco. Saem os patriarcas, surgem namoradas e namorados dos netos. São pessoas alegres para quem aquela foto de uma senhora, olhando o lago em Bariloche, nada significa. Elogiam o vestido e as pérolas na mesma frase que indica a beleza do pinheiro de Natal. Tudo é decoração; fotos viram um signo esvaziado da memória biográfica.

E a fila anda... Perdi cabelos, fé, meus pais e outras coisas. A pergunta que fica em mim, em muitas leitoras e em muitos leitores é se o que adquirimos compensa o que perdemos. Afinal, o que ganhamos com tantos Natais se a memória faz brilhar no passado, empalidecendo o momento atual? Seria a memória dos Natais da infância uma construção melancólica do adulto?

Só posso responder por mim, mas cada diletta leitora e preclaro leitor vão dar a própria explicação. O primeiro benefício da idade é a perspectiva. Tive Natais plenos de alegria e outros tristes por luto recente. A idade ensina que as coisas mudam com o tempo. Uma dor afetiva, por um namoro rompido na adolescência, é o fim do mundo. Hoje? Todo rompimento é o fim de um mundo e recomeço de outro. Choramos em todas as idades, mas pessoas maduras sabem que lágrimas secam, chegam sorrisos, e os olhos marejam de novo na próxima curva. Este Natal foi muito bom na nossa família. Outros, nem tanto...

Outro tesouro da idade é o rosário de memórias. Tenho fotos, gravações, lembranças e frases que ecoam de muita coisa vivida no meu cérebro. Sou uma biblioteca de mim mesmo. Talvez por isso tenha encanto em ficar, de quando em vez, sozinho. A solidão é a solidão bem macerada e aproveitada. A prática da solidão é um exercício aprimorado com o tempo. Um sábado à noite em casa, aos 18 anos, é diferente de um sábado à noite com quase 60. Ler, ver um bom filme, pensar nas coisas vividas e percorrer fotos pode ser, com o tempo, um programa muito bom.

Hoje, meus Natais possuem uma pequena multidão de memórias e de ecos. Há uma linha que divide os presentes entre visíveis e invisíveis. Eu a atravessarei daqui a algum tempo. Espero fazer parte de todos os Natais futuros.

Ah, o cheiro da mesa do Natal e as músicas... Viva a vida que foi, que é e que sempre será. Viva a esperança natalina. Feliz Natal!

Técnicas para a escassez

Quem nasceu em berço de ouro e não vislumbra risco de declínio deve evitar seguir a leitura deste meu texto. Será inútil para tais pessoas, a não ser por um vago interesse antropológico. Tratarei de um mundo estranho, mas desnecessário aos bafejados pela fortuna abundante e permanente.

Imagino que muitas leitoras e leitores sejam como eu: já possuíram bem menos do que hoje conseguem obter. Quando somos estudantes ou no nosso primeiro emprego (o meu foi aos 16), temos menos posses do que quando temos 50 anos, em geral. Naqueles momentos de, digamos, CPF mais anêmico, desenvolvemos técnicas de crise ou estratégias diante da escassez.

Meus exemplos são abundantes. Havia café da manhã na pensão onde morei ao chegar a São Paulo. Estava incluído no preço. Era formado de café com leite, pão francês à vontade e margarina. A expressão “à vontade” era um oásis de abundância, uma tentação... Comendo vários, muitos, era possível pular o almoço. Juventude pode ter dois pilares: pouco dinheiro e ausência do medo de engordar. Ainda bem que eu não tinha doença celíaca, pois eu comia farinha branca em quantidades impressionantes. Hoje, não consumo mais pão francês, não sei se é trauma ou memória.

Vamos a outra técnica. O chuveiro elétrico simples, no inverno, tem uma delicada estratégia. Abrir um pouco mais torna a água gelada. No outro sentido, fecha o fluxo hídrico. Há um delicado e único ponto que combina água e temperatura. Quem nasceu com chuveiro a gás não domina o processo.

Havia um dia da semana em que o cinema era mais barato. Eu sabia de uma sessão final que ficava ainda mais em conta. Minha agenda era dada não pela relevância do filme no campo da sétima arte, todavia pelo meu bolso. Viu? São técnicas de crise que os de renda alta permanente não imaginam. Vivi o entretenimento ditado pela pechincha.

Certa vez, começando a pós na USP, precisei de um livro ausente na biblioteca e indisponível para meu bolso. Solução? Sentar nas cadeiras de uma grande livraria na Paulista e ler o livro, lá, em prolongadas sessões.

No futuro, lançando minhas obras naquele espaço, relembrei, várias vezes, as horas ali passadas: lendo sem quebrar a lombada do livro.

Houve um momento no qual, em janeiro, eram apresentadas peças teatrais a valores muito populares em São Paulo. Na minha memória, os ingressos custavam um real, porém pode ser falsa lembrança. Os lugares não eram marcados e tínhamos de chegar bem antes. Lá estávamos na fila, umas quatro vezes por semana, para ver tais peças que, durante o ano, eram inacessíveis, mesmo com a carteira de estudante. Usando expressão quase arcaica, era uma “lambança”.

Fazer trajetos a pé para economizar ônibus, tomar água na torneira do banheiro em uma balada (que já tinha consumido a renda para entrar) e, claro, comer bem quando era convidado a uma casa mais bem abastecida. De novo, estamos no campo das técnicas de escassez. Vocês têm alguma indicação, ó leitora e leitor?

Um passeio ao litoral, dividindo a gasolina com todos, era obrigatório. Éramos acompanhados pelo refrigerante em litro, de São Paulo, para evitar preços altos no destino final.

Lembro-me de um dia em que, com meu amigo Sergio Bairon, compramos coxinhas e vitamina de mamão em um bar da avenida Angélica. Era um raro e feliz banquete. Éramos estudantes e dávamos aulas em escolas que pagavam mal.

Entro em uma distinção mais sutil. Falei, desde o começo do texto, daqueles que nunca passaram por privações. Desenvolvi o meu caso similar a tantos: gente que, durante o período de estudante ou passando por crise, tinha de achar maneiras de comer e até de encontrar diversão em algum oásis no deserto da pouca renda.

Existe um terceiro tipo, o mais numeroso no Brasil. São as pessoas que não atravessam um deserto rumo a regiões mais úmidas e abundantes. Refiro-me aos que moram sempre em meio ao sol e à areia.

Eu já viajei com pouco dinheiro e já andei a pé para economizar passagem de ônibus. Eu sabia, e isso me animava, que eu estaria melhor. *Quando eu concluir a pós...*, eu pensava, *quando estiver em escolas que pagam mais, quando eu lançar meus livros... terei meu carro*. Muita gente de classe média sabe que pode crescer, ascender, reforçar renda e expandir dividendos. A escassez era um episódio, não um horizonte. Há muitas pessoas cientes de que, com sorte, no ano que vem, estarão no mesmo ponto difícil de hoje, ainda que exista a chance de piorarem. Não é um momento ou uma fase juvenil convivendo com a formação. Trata-se da vida toda.

Fazendo atividade voluntária com pessoas em situação de rua, pensei nos momentos que eu considerava de escassez, morando em uma pensão e comendo pães com margarina. Uma cama, chuveiro e pães todas as manhãs seria a ideia de ascensão de muitos que encontrei.

Sim, há quem nunca tenha desenvolvido técnicas de escassez. Existem muitas pessoas que não ampliam o patamar da esperança além do desejo de sobreviver até o fim do dia. Como firmar a base de uma sociedade sobre um patamar sem perspectivas? O inverno sem nenhuma chance de primavera ou esperança de abrigo é a mais rigorosa e assustadora de todas as estações.

Essa eu conheço

“Estava à toa na vida, o meu amor me chamou, pra ver a banda passar, cantando coisas de amor.” Você sorriu e cantarolou esses versos? Provavelmente tem certa idade. Músicas revelam muita coisa da nossa trajetória e idade.

Por que uma música de 1966 – que não está entre as mais elaboradas de Chico Buarque – tem o poder de me fazer sorrir? Gosto dialoga com memória, sempre. Os pratos da minha infância embasam minhas afinidades afetivas com a culinária. Minha mãe seria uma sofisticada *chef* de cozinha, capaz de assombrar os grandes mestres de Paris? Não, com certeza, porém os cozinheiros franceses não me serviram feijão em um prato fumegante com um sorriso na rua São João, em São Leopoldo (RS). Se eu tivesse sido exposto a *escargots* à provençal na primeira infância, teria o mesmo apreço? Não sei... Na minha infância, as lesmas nunca subiam à mesa.

Como aprendemos com Marcel Proust e sua cena famosa dos bolinhos Madeleine, o cheiro de uma comida evoca recordações e reconstrói memórias.

“Essa eu conheço, essa é do meu tempo”, remete a uma construção cerebral afetiva que associa o passado – refeito e reformado – a uma alegria. A música-prato-memória reconstrói minha infância e juventude. Estabelece uma falsa estética: “Naquela época, as músicas eram bonitas, hoje não se faz mais algo assim”.

O mundo fez e faz valsas brilhantes. Sorrimos com o “Danúbio azul”, de Strauss.

Está em ascensão o “ovo perfeito” nas cozinhas estreladas do mundo. É uma elaborada versão que faz a

iguaria cozinhar em duas temperaturas diferentes: uma para a clara; outra para a gema. Maravilha!

Lembro-me sempre do ovo frito que minha mãe fazia em uma frigideira um pouco amassada e pretejada ao fundo. Se meu último pedido antes de um pelotão de fuzilamento fosse escolher uma refeição, eu dispensaria o cardápio de Ferran Adrià. Pediria, incontinentemente, feijão, arroz e ovo frito da dona Jacyr. Memória é sutil e define gostos.

Em ano eleitoral, nossos políticos tentarão controlar a memória e afirmar que houve um período muito mais feliz associado a eles. “Vote em mim, eu restauro sua infância e juventude perfeitas.” “Apoie-me, e o cheiro do bolo da vovó voltará à mesa.” Sabemos que é sempre uma falsa promessa. Saímos do paraíso e, talvez, nunca tenhamos de fato estado nele.

Enquanto isso? Fico à toa na vida, olhando a banda passar, pensando naquilo que era bom... Esperança para o futuro e alguma melancolia para hoje.

O novo risco de rir

Tudo foi transformado de forma radical. Em poucos anos, nossas referências sofreram metamorfose profunda. É natural que o humor acompanhasse o ritmo. Não rimos mais das mesmas coisas.

A minha infância transcorreu no interior da classe média gaúcha. As piadas na escola eram, quase sempre, preconceituosas. Achávamos natural rir do que percebíamos diferente. Nem posso dizer que éramos politicamente incorretos, pois, na verdade, nem sabíamos que poderia existir uma correção. Repetíamos o mundo ao nosso redor. Meu pai era um zeloso católico e muito sensível às necessidades das pessoas. Não obstante, quando dizia piadas, dr. Renato era o modelo daquilo que, hoje, seria a base para um cancelamento total. Talvez sofresse processo nos dias de hoje. O que houve?

Eu sou a geração de borda. Vivi um mundo e vi o nascimento de outro. Cresci com piadas incorretas e humor que não poupava a diferença e, hoje, respiro o ar do novo mundo. Claro: dei “foras” por causa da minha adaptação. Funciona como a mudança de nomenclatura de estudos: você disse “Primário” por tanto tempo que a “primeira etapa do Ensino Fundamental” fica estranha. A metáfora tem limites: não há ofensa se eu trocar Ensino Médio por Segundo Grau.

Novos tempos implicam desafios para um humor. Imaginem uma piada que não incluía portugueses, loiras, negros, indígenas, gays ou judeus. Suponham um humor que não ofenda. Conseguiram? Muito difícil, querida leitora e estimado leitor.

É importante lembrar que as vítimas de piadas sexistas, racistas ou homofóbicas dificilmente lamentam a transformação da nossa sensibilidade. Propagandas “vintage” são assustadoras no preconceito. Há uma imagem das gravatas Van Heusen dos anos 1950 em que um homem está na cama, e uma mulher ajoelhada lhe traz o café da manhã. A chamada insiste: ele deve mostrar a ela que este é um mundo dos homens. Há material publicitário de automóveis falando do preço baixo dos consertos de lataria porque, afinal, mulheres também dirigem. É um show de horrores que hoje causaria filas de protestos nas concessionárias. Um dia, no entanto, já ajudou a vender.

Reforço o desafio. Encontre (e treine) piadas não ofensivas. O esforço ajudará na sociabilidade; tende a diminuir problemas. Se precisar rir de alguém, ironize a si.

Moacyr Scliar, por exemplo, era brilhante em buscar o melhor do humor judaico. Se o custo de causar graça passageira for arrasar com a autoestima de alguém, de um grupo, a decisão racional você sabe qual é. O palhaço deveria causar graça em toda a plateia, não apenas no público branco, hétero e masculino. É uma escolha errada de mercado fazer rir meia dúzia e ofender quase todos. Tenha esperança na graça coletiva.

Quem se lembrará?

Minha avó paterna, Edyth Hacker Karnal, nasceu a 12 de junho de 1904, em Porto Alegre. Estaria fazendo improváveis 120 anos em 2024, caso não tivesse deixado este mundo em 1978.

É dever do cronista universalizar o que imagina para que seus textos não sejam de interesse apenas da família. O que dona Edyth pode trazer fora do círculo estreito dos que a conheceram?

Eu sei o aniversário dos meus falecidos avós. Todos. Meus pais também sabiam. A geração depois da minha e os bisnetos da personagem em questão não a conheceram. A data morrerá comigo. O túmulo no cemitério de São Leopoldo? Lá amarela uma foto dela com essas informações. Duvido de que algum bisneto saiba qual o lugar do sepultamento ou esteja disposto a gastar na manutenção dos locais fúnebres da família Karnal. Sem pagamentos futuros de taxas, os ossos, talvez, sejam desalojados. Um despejo macabro de restos, com descendentes sem interesse.

Será uma característica específica dos jovens Karnais? Na sua família, querida leitora e estimado leitor, quem, pleno de colágeno e usuário de TikTok, vai a cemitérios espontaneamente?

Faço profecias. Nos sistemas culturais e religiosos que permitem, deve crescer a cremação. As cinzas podem ser jogadas em qualquer lugar. Túmulos imponentes estão fadados à fadiga de material. Colocar a fotinho de vovó na lápide é condená-la a uma nova morte. A primeira é no dia do passamento; a segunda, ao longo dos anos seguintes.

Não! O tema do texto não é triste. Eu imagino a ideia libertadora. Não seremos lembrados. Haverá, claro, pranto imediato, saudades por algum tempo, homenagens e alguma melancolia. Depois? O eterno e vasto continente do esquecimento é a parada final. Do pó ao pó, como se diz em contexto similar. Porém, insisto, o tema não é triste. Por quê?

Seus medos existem. Sua ansiedade é real. Sua dor lhe acompanha. Sua fama é importante em família, no emprego e nas redes sociais. Todas essas angústias somem em um único dia. A memória de tudo some nos anos seguintes. Em poucas décadas, nem sua data de aniversário fica. Enfim: liberdade para ser feliz.

Temos de ter cuidados, sim. Com o corpo, com a reputação, com as palavras emitidas. Porém, passamos meses e anos remoendo mágoas sobre coisas ditas e ouvidas. Repetimos mantras como: “Que vão pensar de mim se eu fizer isto”? Bem, pensarão o pior, quase sempre. Depois? Nada. Por fim, o esquecimento do que foi dito de você e até daquilo que você foi. E fofoqueiros e vítimas passarão ao olvido com minha avó. Minha ideia hoje é inscrever nossa vida sob o lema spinoziano de “*sub specie aeternitatis*”. Não quero recuperar o sentido original dado pelo filósofo. Sob a perspectiva do eterno, deveríamos ficar mais tranquilos. As coisas feitas ou evitadas terão destino similar em algumas décadas. Apenas, tão somente, deveriam ter significado agora. Não se trata de “presentismo” permanente. Insisto na perspectiva da eternidade.

Quer usar aquela roupa? Quer declinar do convite chato para o almoço de domingo? Quer evitar a formatura do filho da prima com quem você tem pouco contato e que o convidou por mera formalidade? Faça! Dentro da lei e da ética, construa uma vida com a consciência do presente. Não trabalhe com a permanência, ó meu irmão-pó; ó minha irmã-fogo-fátuo! “*Sub specie aeternitatis*”, você deve ser feliz agora – antes de ser uma memória evanescente.

Imagino as coisas que minha avó citada, jovem viúva, teve de passar e enfrentar na sua época. Olho para suas fotos e imagino coisas variadas.

Já vi muita gente reclamando que idosos se tornam inconvenientes por dizerem o que pensam. Laço a hipótese de que seja um primeiro clarão de sabedoria. No momento em que acumulamos muita experiência, a opinião do mundo começa a perder importância. O adolescente acha que todos ficam observando tudo sobre ele. O idoso sabe que, se olharem ou não, tanto faz. Quase ninguém, de fato, olha.

Por que esperar pela festa de 75 anos para ser mais livre? Tente agora! Diga não ao que você realmente tem ojeriza. Passe as festas com quem desejar, ou sozinho. Evite a grosseria sempre; todavia, evite a vida como teatro social. Todos serão esquecidos. Sua nota dez ou sete, na etiqueta do mundo, será varrida de toda lembrança. A vida é agora! Não estamos em um ensaio. Nunca cultive arrependimentos. Viva! Estimule relações genuínas. Leia o que deseja. Evite ler se lhe aborrece. Não prejudique ninguém, mas jamais viva pela cabeça de terceiros que também virarão pó absoluto. O julgamento moral de terceiros fala da dor de quem emite o juízo. Críticas, quase sempre, são construídas com pedras da inveja e argamassa da dor. Ouça e faça do seu jeito. Não deixe para se arrepender no leito final. Viva o momento! O futuro apagamento de tudo nos dá um poder imenso de tentar a felicidade. Você morrerá. Eu morrerei. O importante está antes disso. Depois? Quero que me esqueçam em definitivo. E os poucos que se derem ao trabalho de ir ao velório percebam em mim o sorriso de uma vida que eu considere significativa. Nunca temi a morte. Tenho pavor da vida vazia. Minha esperança é no presente, e não no próximo século. Lá, eu não existirei mais.

O boquirroto

Muitas crianças urinam na cama, bem além do que seria razoável para a idade. Debatem-se os motivos da incontinência. Outros infantes falam o que não devem, curiosamente, porque dizem a verdade. Crianças e bêbados, já foi escrito, possuem estranho compromisso com o verídico.

Há muitos anos, uma amiga decidiu carregar um pouco na tradição familiar. Ela me disse que acabava de retornar “da fazenda” do pai. A filha que nos escutava (tinha algo como 10 anos) quase gritou: “Fazenda, mãe? Aquilo não é nem sítio!”. Menina inconveniente, desagradável, pouco educada e, como descobri depois, mais exata na descrição da propriedade rural. Era mais uma casinha cercada de árvores singelas do que um latifúndio. Outro conhecido me descreveu que o filho pequeno anunciava, em voz alta: o “tio chato” tinha chegado. Não sabia ainda o sincero garoto que os insultos ácidos só podem ocorrer na ausência do parente.

Em uma festa de encerramento do ano letivo, entre brindes e alívio que nós, professores, temos em dezembro, um diretor exaltava todo o esforço da sua gestão. Um colega, apegado a caipirinhas frequentes, ouvia a autoridade e, tomado de boa pinga, levava o indicador à parte inferior da mandíbula e soltava ar ruidoso, dizendo: “Tudo papo-furado!”. Claro, o autor na pantomima não nos fez companhia no ano subsequente. Sim, como na criança que reduzia a fazenda ao seu tamanho matemático, o professor etílico tinha razão. Era “conversa mole” ou “diálogo para boi dormir”. Porém, as mentiras eram emitidas pelo ser no topo da pirâmide alimentar. A sinceridade deve sempre

avaliar o tamanho do poder de reação do mentiroso que denunciemos. Chamamos isso de prudência, boa educação ou, no extremo, zelo pelo meu emprego.

A pessoa que abre a boca de forma inconveniente, revelando contradições e trazendo à luz inconsistências, pode ser um... boquirroto. Também se aplica o termo a quem não guarda segredo. Quando o objeto da indiscrição não somos nós, nada mais divertido do que esse ser. Funciona como a criança do conto “A roupa nova do rei” (de Hans Andersen): diz o que todos viam e tinham medo de trazer a público. O indiscreto libera demônios coletivos reprimidos pelo medo e pela inconveniência.

Platão falou do anel de Gíges, o qual daria o poder de invisibilidade ao seu portador. E... se houvesse outro anel, aquele que nos obrigasse a sempre dizer o que pensamos de forma direta, sem medo de degradação moral, violência da reação ou rupturas afetivas? Seria possível a vida social ou um simples jantar entre amigos se não fizéssemos concessões à conveniência? Uma epidemia de “boquirrotice” seria melhor ou pior do que coronavírus? Que casamento sobreviveria a uma torrente contínua de sinceridade?

Aprendi muito cedo que a liberdade de expressão, quando anunciada, é um risco. “Aqui nesta escola você pode dizer o que pensa.” “A sinceridade faz parte da nossa cultura empresarial.” “Somos íntimos, meu amigo, você pode ser sincero!” Aprendi que o cuidado deve ser redobrado diante do convite à sinceridade.

Há barreiras intransponíveis, pontos cegos, muralhas impenetráveis no mundo humano. Identifico quatro entre centenas para ajudar a querida leitora e o abnegado leitor. Sinceridade, sim, uma virtude que deve ser pesada e ponderada muitas vezes diante dos seguintes obstáculos: a) o objeto da sinceridade é filho da pessoa que demanda a verdade; b) quem pede para dizer tudo tem poder acima do meu na hierarquia do estabelecimento; c) a pergunta envolve uma crença fundamental da pessoa (religião, por exemplo);

e, por fim, d) o pedido de sinceridade é apresentado com sinais ambíguos e, sim, faz parte de um desejo mais profundo de não ouvir.

Na infância, diante de uma nova pomada, minha mãe tinha um procedimento intuitivo com algum respaldo científico. Ela passava um pouco em uma área pequena. Depois, vendo que não havia reação, colocava as quantidades generosas que eram demandadas. Talvez seja um bom guia diante do pedido de ser sincero total: vá revelando aos poucos a sinceridade e avaliando o efeito. Já conheci pessoas psicanalisadas e maduras que podem ouvir quaisquer coisas. Na verdade, duas, em quase seis décadas de vida.

“Leandro, acho horrível este conselho! Eu digo a verdade na hora em que ela for pedida.” Minha iluminada amiga e meu onisciente amigo: invejo-os. Se vocês dizem o que querem, na hora que desejam, têm uma ou todas as seguintes características: riqueza extrema, poder político enorme, tamanho físico intimidador, equipe de segurança numerosa, total estabilidade afetiva, autonomia diante do mundo, saúde plena e coragem épica. Sem nenhuma das oito características anteriores, eu, humilde mortal, prometo, lacaniamente, dizer-lhe a verdade a que você está preparado, preparada, para ouvir. Da mesma forma, direi a minha verdade: limitada, cheia de impurezas e concepções equivocadas, ou seja, a que eu estou preparado para enunciar. O demônio é o pai da mentira, porque ele não é onipotente. A verdade total pertence a Deus. Nós? Adeus e alguma esperança...

Memória Magnética

Não sei como começou. Um dia, sem mais nem menos, minha geladeira tinha um ímã com uma lembrança de uma viagem. Era o soldado de vanguarda de uma imensa tropa. Passei a trazer mais a cada saída. Alguns eram fotos, outros tinham imagens curiosas esculpidas em resina, quase todos tinham a tendência à queda. De quando em vez, ao serem removidos para limpeza, notava-se que tinham se afeiçoado à superfície externa do meu eletrodoméstico. Deixavam marcas que obrigavam a mantê-los sempre ali para ocultá-las.

Quando alguém vinha tomar água ou café na cozinha, eu tinha um pequeno ciclo de itinerários para mostrar. Era um audiovisual instantâneo. Havia até reproduções de quadros famosos. Uma galinha de Porto de Galinhas conversava, alegre, com um Galo de Barcelos, de Portugal. Internacional!

A imaginação de quem elaborava era uma fonte de água que irrigava o interesse dos donos de pequenas lojas e chovia na minha geladeira. Cheguei a brincar que era chegado o momento de comprar outra para ter mais lugar para os famosos ímãs. Eram alegres e quase todos me encantavam. Apenas a moça da limpeza olhava para aquela galeria em miniatura com certa raiva.

Sei que há pessoas que exibem carros como fonte de afirmação. Há quem ostente joias, tapetes e até filhos. Eu ostentava ímãs de geladeira. Baratos, práticos, coloridos: passaram a povoar algum canto da mala. Cada um tinha uma história. “Este eu comprei no aeroporto de Paro, no Butão.” “Ah, você já foi lá?” Pronto, o ímã tinha dado o gancho para o pequeno-burguês discorrer sobre seu destino errante.

Quando foi a primeira vez à Europa, minha tia Dulce trouxe ingressos dos museus, folhas de árvores, fotos, notas fiscais e até colheres do avião. Colocou tudo em um álbum tridimensional como peça de memória do evento. Eu nunca guardei um ticket, todavia era dono de uma sólida coleção de ímãs de geladeira. Orientava quem viajava comigo: “A tendência são estes, compre!”.

Como explicar o que vem e vai? Um dia me mudei. O novo apartamento teria uma vistosa e vasta geladeira de porta dupla, suficiente para muitas milhas de aventuras. De repente, não mais que de repente, todos os ímãs foram doados à pessoa que mais os odiara pela necessidade de limpeza. Talvez funcionassem como currículo: quando somos jovens, colocamos tudo; mais velhos, eliminamos a maioria das memórias. Hoje, quando entro em uma cozinha e vejo aquela porta de metal coberta de imagens magnéticas, penso: Novo-rico! Por que detestamos quem fomos?

bloco quatro
Sou cínico!



Você sabe o que significa o adjetivo masculino “cínico”? Diz-se do sectário da doutrina filosófica grega de Antístenes de Atenas (444-365 a.C.) e Diógenes de Sinope (400-325 a.C.), caracterizada pelo total desprezo às convenções sociais e às leis vigentes, tendo como princípio o retorno à vida simples e autêntica, tomando como modelo, de forma polêmica, a vida dos cães.

Advertência: as próximas crônicas, bem como o título deste bloco e de cada uma delas, não devem ser guiadas pelo sentido denotativo, ou seja, literal. É conveniente abrir-se para o além do significado próprio ou primeiro.

Dito isso, há uma característica de quem escreve, obtendo enorme identificação com o leitor: o destemor diante da exposição. Humoristas, constantemente, riem de si; cronistas, expõem gostos, manias, receios.

De súbito, com essa confissão sobre o que lhe agrada e desagrade, existe aquele que odiará e aquele que amará (a depender da disposição para ver além das palavras). Cronistas não existem para bajular; são para causar o incômodo reflexivo. Um dos mais respeitados, em nossa Literatura, Rubem Braga, assim retratava.

Neste bloco, até mesmo sobre a falta de assunto, Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Chico Buarque aparecem. Três escritores (assim como Leandro Karnal) que têm apreço pela metalinguagem, ou seja, quando o ato de comunicação usa a linguagem para tratar da própria ou de outra linguagem.

Metalinguagem e intertexto são uma tática para a criação da crônica “A possuída”. Em suma, quando conhecimentos e textos de outras áreas e autores adentram a criação, o envolvimento do leitor é certo.

O ponto de partida para uma admirável criação pode ser uma frase de um estudioso de uma determinada área. As crônicas abusam (ainda bem!) desse recurso.

A culpa é sua, leitor!

“Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou meu dia. Que bela tarde para não se escrever.” Quem redige assim é Rubem Braga, um dos maiores nomes da crônica nacional. O texto abre a coletânea brilhante que Augusto Massi elaborou pela Editora Autêntica: *Os sabiás da crônica*. A antologia reúne, além do homem sem assunto, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta e José Carlos Oliveira. Uma aula completa de escrita e de pensamento. Para melhorar, o volume é precedido de um estudo no qual Augusto Massi faz um panorama da crônica, da cultura e da imprensa brasileira. Texto brilhante pela síntese e pelas ideias.

Volto à falta de assunto. Braga confessa que deve ser o Carnaval ou o calor. A busca de um tema também está no texto inicial de Vinicius de Moraes. Diz o poeta: “Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica ‘não baixa’”. Parece mal coletivo, pois o primeiro texto escolhido de Fernando Sabino trata do “estranho ofício de escrever” e daqueles “condenados à crônica diária”. Mais: o livro confessa que alguns dos grandes cronistas citados chegavam a pedir texto de outro para emergências!

Logo, vocês já perceberam, diletta leitora e estimado leitor: nomes brilhantes e de primeira linha reclamam da falta de assunto. Uma coisa é o literato bissexto que, um dia, ao entardecer, senta-se ao computador e, tomado de uma centelha divina, rabisca seu texto e depois vai limando, escandindo, reequilibrando e, por fim, considera terminada

a obra. Aproveitou uma inspiração e teve muito tempo para decantá-la. É a situação ideal: o texto flui dentro do espaço amplo e cômodo do momento.

É provável que o escritor descrito nas linhas anteriores não seja um escritor profissional. Pode até ser muito bom, porém vive de outra fonte. Namora quando a libido está em alta. O profissional namora porque chegou o horário de beijar, independentemente do desejo.

A crônica da falta de assunto do capixaba Rubem Braga é de 1934. O livro me impressionou por vários motivos, inclusive pelas dificuldades confessadas de grandes nomes da cultura brasileira. Outra coisa: mudou a liberdade com o público. Talvez seja efeito da nossa “felicidade tóxica” ou do “politicamente correto”. O grande Braga pertencia a outra cepa e, notando o texto emperrado, atacava... o leitor: “Eu quero, pelo menos hoje, dizer o que sinto todo dia: dizer que, se eu os aborreço, vocês me aborrecem terrivelmente mais. Amanhã, eu posso voltar bonzinho, manso, jeitoso: posso falar bem de todo mundo, até do governo, até da polícia. Saibam desde já que eu farei isto porque sou cretino por profissão; mas que, com todas as forças da alma, eu desejo que vocês todos morram de erisipela ou de peste bubônica. Até amanhã. Passem mal”.

Acho que estamos em outro momento. Não se pode desejar que o leitor morra ou tenha doenças graves. O escritor deve captar a benevolência do público, como definem as normas da retórica clássica. Quando Bernardo Carvalho disse, em mesa da Flip (2016), “não me interessa o leitor”, causou um alvoroço. A demanda do público e do mercado contaminaria a boa produção, e ele, bom autor da chamada “alta literatura”, queria estar um pouco distante das pressões. É um gesto ainda mais elaborado do que o desejo cheio de fígado de Rubem Braga.

Impossível não pensar com certa melancolia. Os escritores reunidos na coletânea estavam juntos para uma foto na cobertura de Rubem Braga, em Ipanema (RJ). O ano

era 1967. Um jovem estava junto do evento: Chico Buarque. Ele já começava os preparativos da célebre peça *Roda viva*. O evento da foto era a recém-fundada Editora Sabiá. Muita gente talentosa e inteligente reunida. Talvez seja a eterna melancolia do momento presente retratada no filme *Meia-noite em Paris* (2011, Woody Allen): o passado parece mais interessante e com gente mais brilhante pela perspectiva que a distância nos oferece. Retrocedo duzentos e cinquenta anos e vejo Thomas Jefferson, John Adams e Benjamin Franklin discutindo uma nova república. Analiso o jornal de hoje e noto o embate entre Donald Trump e Joe Biden. Pior: vejo o toque genial de autores que, se sentindo esmagados pela falta de assunto, fazem ótimos textos sobre o vazio e, hoje, ao passar os olhos pela internet, percebo que o vazio virou ponto de honra, motivo de vaidade e até de exibição orgulhosa.

Encerro com um toque dos velhos cronistas menos voltados ao ibope: a culpa é sua, leitor/leitora, exclusiva e totalmente sua. Trump, textos ruins, falta de gente brilhante no mundo: tudo culpa sua. Se você fosse mesmo agudo(a) e voltado(a) ao crescimento da espécie humana, estaria relendo Rubem Braga e Fernando Sabino, e nunca Leandro Karnal! Viu no que dá a falta de assunto? Hoje estou sem esperança.

A dignidade dos mamíferos

Vocês, queridas leitoras e estimados leitores, apresentam sangue quente, como este articulista. Quem registra ancestrais na Calábria ou Andaluzia costuma se orgulhar de ter o fluido vermelho alguns graus acima da média. Talvez seja apenas lenda. A frieza do corpo indica a morte. O calor nos aproxima da vida.

Nossos filhotes precisam ser amamentados. Em quantidades e locais distintos, temos pelos. Nosso coração é dividido em quatro cavidades. Se vocês se lembram do Ensino Fundamental, algumas dessas características nos classificam como mamíferos.

Somos também capazes de elaborar narrativas com nosso cérebro desenvolvido. A chamada Revolução Cognitiva foi fundamental para a ascensão da nossa espécie no planeta. Criamos códigos morais como o interdito do assassinato de outro ser humano. Caim será muito imitado na história; todavia, segue amaldiçoado em público. Matar outro humano é tema de quase todo debate penal. E os animais? Aí depende...

A identidade com os mamíferos é muito grande para vocês e para mim. Há mais gente criando cachorros e gatos do que cobras ou lagartos. O carinho escasseia ainda mais se tratamos de insetos. Animais quentinhos nos parecem mais agradáveis do que os frios. Alguém que maltrate um cachorro será alvo da muita raiva e, em alguns lugares, até pode se tornar um caso de polícia.

A Espanha aprovou lei que proíbe venda, em lojas, de animais de estimação. Vocês conhecem alguma norma

jurídica ou condenação moral contra empresas que eliminam ratos?

Desratização é palavra consagrada e parece contar com certo apoio social. Um restaurante pode ser multado se não exterminar ratos e, ainda, deixar de apresentar o certificado das mortes. Ratos perto das mesas espantam clientes. Permitir cachorros entre os comensais é gesto simpático. O restaurante vira *pet friendly* e conquista a aprovação.

Ratos, cachorros e felinos são mamíferos de sangue quente, inteligentes, amamentam filhotes e estão presentes em muitas casas. Uns estão no tapete da sala e outros escondidos em buracos. Ratos, por definição, não são “instagramáveis” (outro critério forte da defesa da vida ultimamente).

Há mamíferos pouco “fofos”. Morcegos são bons exemplos. Tirando o Batman, ninguém se identifica com os bichos voadores que podem conter vírus letais.

Descemos vários degraus e não identificamos inteligência ou utilidade nas repugnantes baratas. Há campanhas públicas contra os borrachudos e o mosquito da dengue. Nossa ética tem matizes, e nossa solidariedade é seletiva, sempre. O carrapato-estrela é um inimigo perigoso que transmite febre maculosa; a capivara que o carrega deve ser defendida a qualquer custo.

Jeremy Bentham falou dos direitos dos animais na transição do século XVIII para o XIX. O belga Georges Heuse elaborou regras contemporâneas acerca do respeito na convivência com animais. O esforço resultou na Declaração Universal dos Direitos dos Animais (D.U.D.A).

Maltratar animais pode expandir-se pelo tecido social. A violência é, quase sempre, contagiosa. Uma colega militante dos direitos dos animais expôs a relação de modelos contemporâneos de granjas de frangos com o surgimento de campos de concentração. Galinhas concentradas e exploradas até a morte teriam ensinado a *expertise* para campos de extermínio de prisioneiros humanos?

Em 2012, em Cambridge, um grupo expressivo de cientistas lançou um documento que expunha: “o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuírem os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos”.

Temos evidências científicas de que muitos animais sofrem e possuem elevada consciência disso. O relatório de Cambridge é sólido.

Nosso antropocentrismo cria maior sensibilidade com mamíferos que consideramos agradáveis. É uma ética por espelho. Amamos mais golfinhos e baleias do que sardinhas ou atuns. Não defendemos a vida em si, todavia a vida sentida e com expressões similares a nossa. Quanto mais “humana” for a experiência da dor, maior nossa identidade com a vítima.

As bactérias são seres vivos fundamentais para a existência de toda a cadeia dos seres do planeta. Um detergente bactericida não causa protestos. O que os olhos não conseguem ver a ética não contempla. Nossa moral precisa de sangue quente para identificar, e sistema nervoso central, e capacidade de gritar ao morrer. Quem não grita tem menos chance de solidariedade. Isso vale também para genocídios humanos: quem grita mais leva a taça do sofrimento e das reparações. Quem morre em silêncio falece duas vezes, durante o massacre e na memória. Entre os humanos, há golfinhos e bactérias também.

Os animais nunca deveriam sofrer. Vivemos dias em que temos de dizer isso de humanos também. Apenas indiquei nossas ambiguidades não para diminuir a proteção e a sensibilidade dada a alguns seres vivos, todavia para ampliar. O casal se separa e pode levar a juízo a posse do cachorro. Os ratos da casa dos divorciados? Eles (os camundongos) que lutem.

Usei o limite do absurdo para estimular o debate. Afinal, que argumento pró-gato excluiria o rato? Soberana, a barata nos contempla, sabendo que ela sobreviverá à radiação e nós, mamíferos, não. A esperança tem alguma ironia.

O tango requer dois?

O ditado existe em inglês: “*It takes two to tango*”. O significado é amplo. Exalta a parceria positiva e também que uma briga necessita do envolvimento de duas pessoas, ao menos. Existe adágio brasileiro próximo: “Onde um não quer, dois não brigam”.

Os estoicos concordavam. Marco Aurélio escreveu: “Hoje escapei das circunstâncias difíceis, ou melhor dizendo, rejeitei-as; pois elas não se encontravam fora de mim, mas em minhas próprias suposições” (Meditações 9,13).

A sabedoria dos ditados sempre encontra limites no real. A Rússia invadiu a Ucrânia. Kiev pode declinar do “tango”? Um adversário agressivo pode superar qualquer disposição pacifista de uma pessoa ou de um país. Diria que, na maioria das vezes, a dança exige a concordância de ambos. Nem sempre.

Fora de situações-limite, a ideia é ótima. O trânsito brasileiro, por exemplo, é mais do que um tango, é gigantesca quadrilha de São João que reúne entusiastas do ódio e da insegurança. Uma estrangeira comentou que os brasileiros deveriam transferir muito da sua raiva para o volante. Eu achava que tínhamos o pior trânsito do mundo até conhecer Cairo e Déli. Bem, talvez não seja o tango mais caótico, todavia estamos no pódio.

Em filas longas de dias quentes no supermercado, as notas da dança convidam todos com frequência. Basta um começar a reclamar, e a dança pode ser sentida no ar. Temos enorme impulso natural para a dança.

As redes sociais são o epítome do bailado do ódio. Lá vacilam os argumentos estoicos. Como eu quase nunca

respondo aos odiosos de plantão, sinto que isso causa o dobro de vontade de parceria no ritmo portenho. Será o silêncio uma forma refinada de ódio?

Filósofos afirmam que toda raiva agressiva é filha da ignorância. Cristãos devem oferecer a outra face ao agressor, um passo além de Marco Aurélio. Ser dominado pela paixão pode ser, para alguns psicanalistas, uma forma de se deixar controlar. Consciência afasta alguns impulsos negativos. Talvez, todo dia antes de sair à rua, deveríamos ler um filósofo estoico, um pouco do Sermão da Montanha e um bom texto de psicanálise.

Seríamos um país mais calmo, menos “dançante” no sentido negativo dado pelo ditado inicial?

As notas, todavia, estão no ar, o ritmo é delicioso, a dança convida, e a raiva envolve. Ódio é uma forma de comunicação intensa; existe gente que não consegue abrir mão da sua carência. Insulte-me, agrida-me que, enfim, saberei que sou importante para você. O prazer humano sempre foi inalcançável pela simples lógica racional. Esperança?

A ex

Ele era romântico em qualquer sentido do termo. Um homem dado a declarações de amor, oferta de flores e banhos de hidro, ao entardecer, com vinho. Heitor era um cavalheiro, um bom amante e muito atencioso aos detalhes. Estela, a namorada, parecia descobrir novo encanto a cada dia.

O namoro estava perto de completar dois anos e não poderia estar melhor. Ele tinha anunciado que ela estivesse pronta para um lugar especial naquele sábado frio de julho. Ela intuiu que seria pedida em casamento.

Sim: o plano do bravo Heitor era esse. Um anel foi comprado. Naquela noite, no lugar que ele amava, com vista para toda a cidade, ele tentaria o *upgrade* de namoro para noivado.

A Lua foi cúmplice dos enamorados e apresentou-se cheia em céu límpido de inverno. O anel exalava uma onda de emoção do seu silencioso estojo, quase gritando para ir ao dedo da eleita. O homem planejava o momento certo de fazer o pedido. A mulher intuía, arfante, que seria uma noite perfeita.

Um pouco antes do pedido do vinho, Heitor percebeu o vulto de Isabela em um canto do restaurante. Eles estiveram casados por seis anos. Amaram-se e, por decisão tranquila e consensual do casal, separaram-se. Isabela se casara de novo e tinha uma filha com o atual esposo, o qual a acompanhava na noite em questão. Perseguição? Não, Isabela era um modelo de equilíbrio e jamais faria algo assim. Pura e absoluta coincidência.

Havia um problema que chegava à consciência de Heitor aos poucos e tomava sua paz. Ele pedira Isabela no mesmo restaurante. Sim, podemos acusar nosso romântico de, talvez, pouco criativo.

Ele começou a ficar inquieto. Dissera à ex que a amaria para sempre e que seriam felizes até ambos ficarem velhinhos. Tinha prometido que iriam juntos ao geriatria, de mãos dadas. As promessas duraram seis belos verões. Ele sentira o amor absoluto no momento do pedido e, poucos anos depois, tinham formado um casal indiferente, sem que nenhum tivesse um deslize grave a acusar no outro. Separam-se não por colisão, simplesmente por falta de combustível, pane seca na estrada da vida, talvez.

Heitor passou a duvidar do seu futuro com Estela. E se Estela fosse, de novo, a história de Isabela? A quase rima pobre dos dois nomes o incomodava mais. Estela/Isabela agora dançavam na sua cabeça. Repetira o restaurante, escolhera nomes (e tipos físicos) parecidos e agora, quase oito anos depois, estava prestes a fazer a mesma cena no mesmo lugar. Uma angústia nova o incomodou ainda mais agora: o modelo do anel de noivado, a lapidação do diamante e as curvas da platina eram... quase idênticos nos dois pedidos. Ele se percebia uma cópia de si, uma farsa repetida, um apaixonado tomado pelo momento que encenaria a mesma pantomima – com risco idêntico de fracasso.

De boa memória, Heitor tinha exata lembrança de que sentia um amor intenso e que suspirava por eternidade quando pediu a mão da primeira esposa. Enganou-se. O que garantia que não estava equivocado mais uma vez? Nada, matematicamente nada. Era um salto no escuro, excessivo claro, em meio a todas as incertezas que o futuro sempre apresenta em alguma borda de abismo.

Heitor foi ficando lívido. Sua certeza do que fazer naquela noite de lua cheia tinha sido abalada. Mais: tinha dúvida de qualquer compromisso permanente agora que sabia que seu coração não era sólido, todavia um pântano inseguro de

promessas feitas e, depois, esquecidas. Ele não se considerava confiável e supunha que o amor não era mais um fato seguro. A presença da ex era uma fissura funda no bloco granítico do outrora decidido Heitor. Ela, Isabela, era a prova viva de que tudo passa e que Cupido, como bem advertia o Padre Vieira, era uma criança, porque os amores humanos não se tornavam adultos. Seu casamento morrera antes de chegar a alguma boda adolescente. Tinha terminado na primeira infância, com apenas seis anos de contato.

A namorada percebeu o incômodo do nosso dividido homem e perguntou se ele estava bem. O anel que fulgurava de forma invisível no bolso do blazer, agora, era uma pedra fria e incômoda. Quantos outros anéis ele daria a quantas outras mulheres, até que o fim tornasse o último casamento eterno, não por decisão de um coração romântico, porém por falha cardíaca mesmo? Só a morte seria o cumprimento de toda promessa matrimonial? Por isso, o padre dissera: “Até que a morte os separe!”. Heitor duvidava de tudo. Perdera a fé no amor, em si e em diamantes. Alegou um mal-estar por causa da comida e do vinho, pediu a conta e despediu-se apressadamente da atônita Estela. Ela, Estela, e ela, Isabela, tinham sido involuntárias placas tectônicas que rompiam a calma superfície do homem outrora romântico e talhado para o casamento.

Não preciso dizer, apaixonada leitora e enlevado leitor, que o sol da primavera não brilhou sobre o casal. Constrangido, ele rompeu três dias depois. Guardou o anel, para refletir – diante do óbvio – como pessoas volúveis apostavam em materiais permanentes como amuleto. “Fadiga de material humano”, comentou o desolado Heitor. Nunca mais daria diamantes.

Doravante, convidaria suas eleitas para um... sorvete. Sim, o doce gelado era efêmero. Funcionava feliz por alguns minutos e passava, como o amor. Lambiam a casquinha, beijavam-se e se separavam. “Assim deve ser, sorvete e

namoro, nunca mais diamantes e casamento...” filosofava Heitor.

No mundo, deveria existir a esperança de diamantes convivendo com sorvetes.

Os preços

Diz um ditado brasileiro: “A mentira tem perna curta”. Os americanos dizem que o defeito é ainda mais grave: “*A lie has no legs*”. Reconheçamos que, tendo pernas curtas, arrastando-se sem elas, a mentira anda. Por andar, compensa no mesmo instante. Claudicante ou reduzida, movendo-se para bem perto ou por outras metáforas, ela vai e, indo, resolve o problema do momento.

Quando eu minto, não penso em ir ao Nepal... Basta que a falsidade me retire daquele momento e lugar imediatamente. O mentiroso não busca uma estratégia de longo prazo ou uma viagem distante, quer apenas sair logo do aperto. A mentira não é uma ponte bem construída para outro território: é simplesmente uma boia medonha em um mar revolto. Sim, pernas curtas, entretanto a competição não coloca em jogo a medalha de ouro dos cem metros rasos. Basta sair dali...

E a verdade brilha soberana com suas pernas de Ana Hickmann. Orgulhosa, a verdade anda à luz do dia e vai aonde deseja, mesmo sem convite claro. Foi louvada por Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. É imortal: quando esmagada por ditaduras, recolhe-se ao fundo de um calabouço e, no momento certo, ressurgue gloriosa.

A mentira claudicante tem um preço. Quero trazer um dado incômodo: a verdade não é gratuita e, algumas vezes, custa mais. A mentira varia no bandejão das almas e depende do tamanho para avaliar seu custo. A verdade é quase sempre cara.

Na política, a verdade é quase a morte: “Terminou a carreira do deputado? Sim, morreu de sincericídio”. Nas relações amorosas, a verdade tem o poder da pimenta-malagueta: pode enriquecer ou invalidar um prato. No mundo do trabalho, a sinceridade absoluta entra em choque com o organograma do poder. Vista de cima, implica processo de assédio e, emergindo das bases, elimina a carreira no lugar. Destruidora de carreiras e de lares, a verdade seria uma defesa moral que fazemos para ocultar a verdade?

Foi dito que a polarização política semeou a cizânia em muitas famílias. Pode ser verdade. Camisetas vermelhas ou verde-amarelas enfrentaram maiores obstáculos para compartilhar o mesmo peru de Natal. Agora imagine o levantar do véu político e a exibição da verdadeira crítica que a disputa petista-bolsonarista mais velou que revelou. Imagine que os ódios eram anteriores e que, embasados em ideologias de direita ou de esquerda, apenas encontraram apoio externo a lutas intestinas. Aquele tio sempre foi um homem com ideias ofensivas ao artigo 5º da nossa Constituição. Vovô emitia opiniões inafiançáveis ou imprescritíveis desde o tricampeonato do futebol brasileiro no México. O que mudou foi a lei, mas não o caráter do patriarca.

Creio que ficou até mais fácil reduzir o atrito ao mundo bipolar. Mais fácil contemplar um Muro de Berlim doméstico do que dizer a verdade. Muito antes de Lula ou de Bolsonaro, tudo era assim. Tudo sempre foi assim: apenas mentíamos melhor, mais e com menos pudor.

A mentira custa, a verdade também. É preciso invocar o melhor dos Evangelhos ou da Ética de Aristóteles para ficar ao lado do custo da verdade. Dizer tudo que pensamos (que não implica sequer dizer a verdade, já que meu pensamento não é sinônimo da verdade) é tão devastador como mostrar o rosto da Górgona. Ser educado é mentir quase o tempo todo.

Conviver em família sempre implicará grupo B, C, D de WhatsApp, sem uma pessoa.

Fofocar é sempre mentir, mesmo quando o tema for real. É faltar com a verdade, porque implicará silêncio sobre o teor da fofoca com a única pessoa interessada. Ao reencontrá-la, sorrimos, cinicamente. Ninguém sai da fofoca e, encontrando o alvo, dirá: “Nossa, acabamos de falar de você, criticamos sua roupa, seu corpo, seus casos e sua orientação sexual”. Quanto pior a maledicência ou a detração, mais rasgado será o sorriso posterior com a pessoa atacada.

“Traí minha esposa, traí meu marido. Devo contar?” Existem a resposta do teólogo honesto e a resposta do cínico confesso. O primeiro dirá: “Sempre!”. O outro reforçará o pior em nós, falando relativismos: “Quem não trai? Esconda!”. Ambos são comprometidos com um princípio geral em relação à verdade e à mentira. Sempre diga (nunca fale) são cara e coroa de uma moeda de mesmo metal. Eu, que não sou teólogo nem cínico contumaz, diria: “Depende! Do quê? Do preço que você pode ou quer pagar”.

Há dez anos, você traiu, mas nunca mais repetiu, foi um deslize, o casamento oficial seguiu bom e produtivo. Quer demolir o prédio por causa da pedra malposta? Você pode ouvir o teólogo correto e o cínico convicto. Pode também ponderar por si e sem princípios absolutos. Não é um conselho direto: trata-se de uma avaliação subjetiva e individual.

“Sou gay. Devo dizer aos meus pais? Colei em uma prova da faculdade. Devo invalidar meu diploma obtido há alguns anos? Estacionei em lugar proibido. Devo me apresentar ao departamento de trânsito e exigir uma multa póstuma?” Para casos grandes e pequenos, sempre uma planilha de custos deve ser avaliada. “Leandro! Isso é cinismo puro! Eu jamais menti.” Fico feliz, nunca conheci uma pessoa de outro planeta. Prazer, sou daqui da Terra mesmo. A esperança é mais barata.

Índices de maturidade

Completei 60 e reflito sobre sinais de que estou, de fato, entre as pessoas chamadas “mais velhas”. Chamarei tais sinais de “índices de maturidade”, uma espécie de termômetro de mudança. Não me refiro aos óbvios como “no meu tempo era assim”; à ênfase em tópicos como “remédios e doenças”; a achar que toda música está muito alta. Buscarei traços menos evidentes. Veja se você se enquadra em, no mínimo, três dos indicadores seguintes.

Cresce na sua preferência o gosto por sopas à noite. Lembra-se de que chegou a gostar de churrascadas até de madrugada? “Isso não te pertence mais”, você ama caldos leves. Sopas noturnas trazem o selo Inmetro de maturidade.

O conforto derrotou a elegância. Sapato apertado, blusa colada, calça justa? Saiam! Que venham as roupas que abraçam, os tecidos com os quais o bem-estar derive menos do “caimento”, da “aparência” e mais do “eu gosto desta camiseta”.

O mesmo princípio anterior vale para a sociabilidade. Festas obrigatórias? Eventos longos e de pouco acréscimo à felicidade? Saem da agenda para encontros intimistas. Poucas coisas ficam tão sedutoras como a casa do indivíduo maduro. Quase sempre 22h00 passa a ser um bom horário para dormir, quando não antes.

A sinceridade cresce. As coisas incomodam menos, sim, mas quando emitimos opinião temos um compromisso conosco maior do que com a diplomacia. Crianças e velhos possuem essa aliança com o real imediato. Aos 10, dizemos “eu quero”. Aos 30, temos o “eu devo”. Aos 60, é frequente o “tô nem aí”.

Você gosta de relógio de pulso? Sente falta do rádio-relógio? Prefere livros em papel? De quando em vez, acha importante falar ao vivo, não apenas por mensagens no Zap? As figurinhas não são essenciais na construção dos seus discursos comunicativos? São sintomas inegáveis de outro patamar tecnológico e de comunicação. Existe uma retórica da velhice.

A televisão saiu dos canais que você curte regularmente, e o controle remoto oferece uma quantidade impressionante de funções místicas, obscuras? Façamos uma distinção curiosa: alguns maduros só gostam do *on-off*. Há casos excepcionais em que o usuário já tem direito a cartão de estacionamento, mas, mesmo assim, sabe dialogar na internet com o aparelho televisivo. São a vanguarda da terceira idade. Deveriam fazer workshops para todos.

Mais um sinal de avanço etário: a figura dos pais cresce e aproxima-se da perfeição. Em geral, na terceira idade, já se foram os progenitores... a memória melhora as lembranças. Citamos frases e procedimentos: “como dizia meu pai”, “como fazia minha mãe”. Chegamos a recomendar métodos pedagógicos para os que lidam com adolescentes rebeldes ou crianças mimadas: “Em uma semana com minha mãe, ele voltaria outro!”. Quando vivíamos limites educacionais estritos, dados pela geração anterior, achávamos tudo terrível; agora, exaltamos as práticas e ideais que antes nos fizeram sofrer. A mudança chama-se idade. A memória é sempre uma invenção.

O silêncio o seduz de forma crescente. Mais – é capaz de fazer sem voz coisas de longos períodos, como pescar, ver um filme, escutar uma música. Não precisa mais emitir opinião a toda hora? Pode ser que você seja uma pessoa experiente. A capacidade de esvaziar a cabeça e mirar o vazio infinito não é apenas budista, ela é da idade...

Para muitas pessoas, a maturidade é acompanhada do aumento do medo. Estou ficando obsoleto? Conseguirei continuar produzindo dinheiro? Meu corpo será acometido

de quais males? A violência física do mundo vai me atingir? Serei assaltado? Conseguirei defender minha casa, meus filhos, meus bens? Talvez o aumento do medo seja o mais complexo e mais firme indicativo da idade.

Por fim, creio, existem maneiras distintas, similares, de saber que estamos mais velhos. Um primeiro grupo adota a estratégia de nunca falar nisso. Fica incomodado com temas da senectude e silencia-se. Foge das palavras e das rodas em que o tema seja idade; evita símbolos, como o cartão de estacionamento de idoso.

Um segundo grupo nega de forma veemente a ação do tempo e proclama, sem cessar, que não se sente com tal idade, que sua cabeça é jovem, que possui mais energia do que “muito jovenzinho por aí”. Compara-se com pessoas mais novas, mostra como tem boa iniciativa e bons hábitos.

O terceiro grupo, por fim, exorciza seus medos, falando a todo instante sobre ter tal idade (e até escrevendo textos sobre isso). Diante de uma situação de medo, há quem emudeça, há quem negue e há quem fale muito. As reações são variadas, a ansiedade é a mesma.

Há muitas formas de lidar com o terço final da existência. Nenhuma afeta o tempo que passa. As amarguras existem e podem ser atenuadas pelo fruir mais consciente dos pequenos prazeres, da leitura e do encanto com o mundo. Devemos tentar ver a ave de Minerva que alça voo ao entardecer. Por fim, poética a constatação de que as melhores fotos são feitas no fim do dia. A luz deixa sua dureza, os contornos dela ficam mais suaves. É minha hora favorita. A esperança de sabedoria pode tornar a fase melhor.

Como reagir

Você abre a porta da sala. Seus filhos espalharam tudo pelo chão. Há brinquedos e papel de bala, biscoitos esfarelados e refrigerante derramado no móvel novo. Como você expressa seu espanto com a cena?

“Mas que chiqueiro!” Bem, a expressão ataca animais e pode incomodar os defensores dos porcos. Mesmo sendo um bicho impuro para islâmicos e judeus, pode ser uma frase inadequada. Humilha os infantes, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) interdita exposição pública de menores. Evite.

“Que baderna!” Poucos sabem, mas o termo é exclusivo do Brasil e diz respeito a reações do público ao talento de Marietta Baderna, célebre dançarina italiana no Rio do século XIX. O coro dos fãs, gritando o sobrenome da artista (Baderna! Baderna!), era visto com resistência pelas elites, que passaram a usar o termo para designar algo popular e perigoso. “Bando de baderneiros” é termo reacionário para insultar movimentos sociais. Assim, afirmar que seus filhos são “baderneiros” é estar alinhado com forças políticas obscuras.

“Que anarquia!” Pela mesma implicação política, recomendo também evitar essa expressão.

Dita pela autoridade paterna e materna, a referência aos ideais de liberdade dos séculos XIX e XX pode ser mais sedutora do que recriminadora. Quando um elemento moralizador enuncia o que é errado, pode ser lido (e geralmente o é) como um convite ao que está sendo combatido. Eu tive um professor de Teologia Moral que, ao

enunciar comportamentos errados no campo sexual, povoou minha imaginação erótica até hoje...

A riqueza da língua portuguesa é enorme. Você pode optar por patuscada, balbúrdia, caos, pandemônio, tumulto, rebuliço, barafunda, mixórdia ou zorra.

Recomendo algo menos comum. Quer atenção? Plena? Abra a porta e fale com voz firme: “Que furdunço!!!”.

Pronuncie com os três pontos de exclamação, um a um, sem nada omitir do espanto. Articule as sílabas: fur-dun-ço. O bico na segunda parte reforça o impacto. Seus filhos nunca ouviram o termo. Isso causará um estranhamento, origem da Filosofia. O vocábulo tem uma origem incerta; logo, ofende pouco. Termo sonoro, amplo, quase neutro, sem conotação animal ou política (e... sem ferir o ECA). Perfeito! Faça com voz clara e orgulho nacionalista: “O furdunço é nosso!”.

Por fim, estimule que os infratores colaborem na limpeza. Caso contrário, você estará criando “furduncentos” contumazes que podem até parar, no futuro, na política. Aí... seria furdunço sem esperança.

Náufragos do orgulho

Vejo pessoas tomadas de fúria. Observo outros humanos atacados de ciúmes doentios ou inveja corrosiva. A luxúria consome meus conhecidos e induz cada um deles a atos torpes. Por todo lado, o “humano, demasiado humano”, domina. Egoístas sempre, altruístas de quando em vez. E eu? Sinto-me igual (ou pior) a todos os que perambulam neste umbral chamado vida.

Ressalto: minha estrutura iguala-me a toda a mesquinhez do mundo. Minha vaidade é tão imensa que tenho vergonha de demonstrar a fraqueza em público. Como funciona? Alguém me diz algo desagradável na rua. Fico perturbado, sempre, mas... teria muita vergonha de reagir com raiva desmedida, demonstrando que o agressor acertou o alvo; eu acuso o golpe, sentindo afluir o sangue da “vendetta”. Prefiro fingir indiferença disfarçada por certo estoicismo de “minha paz me pertence”. Olhando de longe, pareço sábio; de perto, sou uma besta-fera amordaçada.

Tenho ciúmes vários, mas nada digo. Parece que seria uma humilhação pedir que evite encontrar alguém. É algo similar a “como o meu concorrente pode ser melhor do que eu, prefiro que você não o encontre”. Passar atestado de fraqueza, de medo e berrar ao mundo que não sou bom o suficiente? Minha máscara é a superioridade ocultando meu medo trêmulo: “Pode ir, amor... você quem sabe”.

Em meu favor, o fino verniz consegue ter efeito denso. Tive um colega invejoso que me atacava na universidade. Num dia, em meio a uma chuva de críticas gratuitas em almoço coletivo, respondi com calma, trocando o nome dele por um similar. Vi como ficou perturbado. O ódio é um

pedido de atenção, entretanto fingi, com sucesso, que ignorava a ação e o ser atrás de tal ação. Foi devastador, e ele perdeu o controle. Eu pisquei por último no fogo-fátuo das vaidades acadêmicas.

Sou vaidoso a ponto de controlar minha raiva. Meu orgulho é tão grande que gosto de emular a sabedoria. Insisto pouco se alguém não quer sair comigo. Disfarço e domestico, parcialmente, minha ira.

Uma pessoa sábia não pode ser atingida por ataques. Sua tranquilidade é profunda; sua paz é um lago sereno ao redor da consciência. O equilibrado de verdade é um monumento de granito que fica indiferente às ondas que se abatem. Não sou assim.

O segundo tipo é o ser impulsivo que enfrenta tudo e todos. Cada palavra seca é respondida com agressão verbal ou física. O raivoso imaturo deixa ao mundo a decisão sobre ter ou não equilíbrio. Basta um gesto e... lá vem a pororoca reativa. Essas pessoas são folhas frágeis que oscilam de acordo com o desejo do vento externo, carregadas para lá e para cá. Barulhentas, porém vítreas; brigonas, todavia dependentes. Causam mais incômodo e pena do que medo. Também não sou assim.

Sou um mestiço estranho entre os dois tipos anteriores. Nunca fui o perfeito equilibrado em um mar de dificuldades. Melhorei, porém estou longe do modelo do filósofo Epicteto. Da mesma forma, não encarno o segundo modelo. O impulso não é soberano sobre meu mundo. Minha raiva existe e é controlada, como disse, pela vaidade. O zelo pela minha imagem me domina mais do que ter feito psicanálise ou ter lido tanta filosofia. Não me sinto guiado pela virtude. Meu freio está na fragilidade do meu ego, que finge, pretende, encena e age com serenidade, na maioria das vezes.

De alguma forma, existe uma secreta admiração pela sinceridade transparente de alguém que muda física e psiquicamente, porque outra pessoa deu uma buzinada indevida. É como se essa pessoa não tivesse vergonha de ser

visceral e gritasse ao mundo: emita um som, e o meu mundo desmorona como Jericó diante das trombetas dos hebreus. Um perturbado é uma espécie de criança que fica emburrada diante da atenção dada ao irmão na festa de aniversário. Como os pequenos, alguns adultos parecem achar que mostrar carência e fraqueza em público é... legal. Eu morro de vergonha de berrar para todos que sou uma carne viva, sem pele, e um vento frio pode me fazer sentir dor. Há uma parte minha que admira a sinceridade na fraqueza de quem tem acesso de ciúme, em público, sem culpa de reconhecer que não se considera com atrativos suficientes para enfrentar a concorrência.

Volto ao tema: sou igual (ou pior) a todos os motoristas do mundo, a todos os maridos ou a qualquer outro profissional inseguro. Sou raivoso e cheio de complexos. Tenho medo e acho sempre que me abandonarão. Porém, no naufrágio do Titanic da espécie humana, eu me agarro à boia da minha vaidade, minha companheira fiel, vasta e segura. Fico à deriva, sim, temo a água fria, a morte e... não grito para não atestar que sou feito do mesmo lodo de todos os fracos e pusilânimes.

Reconhecer-se igual a todos é quase humildade. Saber-se pior é próprio da consciência dos santos. Minha vaidade é tão enorme que, freando minhas raivas e acessos, ainda me fornece uma narrativa de superioridade: “Viu? Não sou como esses que se descontrolam”. Assim, afundo, no mar gelado e patético da humanidade, como todo naufrago, mas... sem gritar. Diferentemente dos ruidosos, sou um imbecil silencioso e altaneiro. Afundo com total dignidade e estudada cenografia. Tenho esperança de, num dia, ficar sábio. O tempo está diminuindo...

A possuída

Ana viu o vídeo várias vezes. Observou detalhes com a atenção que seu treinamento de psicóloga pedia. Shirley estava sentada em uma cadeira de plástico. Agitava-se com força. O pastor a segurava, e outros membros da igreja reforçavam os gestos e as falas do dirigente. Havia gritos de “Fora, Satanás!” e “Saia em nome de Jesus!”.

Depois de um tempo longo, Shirley se acalmou e, finalmente, abriu os olhos. O oficiante anunciou que ela estava livre do inimigo. Eram ouvidos coros de “aleluia” e de “amém”. O exorcismo estava terminado.

Religião era a área de pesquisa de Ana. Ela tentava não julgar seu objeto. Buscava os melhores conceitos freudianos e lacanianos para lidar com a situação que acompanhava. Estava escrevendo sobre possessões. “Julgar atrapalha a análise e mostra apenas você, não o paciente” – ela aprendera o princípio em Antropologia Religiosa, durante um curso na USP.

Havia uma luta interna. A pesquisadora não acreditava em entidades metafísicas divinas ou infernais. Ao mesmo tempo, sentia que a tradição psicanalítica era dura com a fé religiosa e bastante permissiva com crenças irracionais dos próprios psicanalistas. Sorriu ao pensar em tantos colegas de trabalho para os quais uma boa sessão de exorcismo teria, pelo menos, o efeito de serem tocados por muitas mãos. Crítica, Ana pensava no seu lugar de fala (urbano, branco, acadêmico) e em seu olhar sobre a pessoa naquela cadeira de plástico. Tentaria entrar na gramática da possuída mais do que na de um teórico austríaco ou francês.

Havia uma questão narcísica, claro. Shirley, a ex-endemoniada, tinha sido libertada de uma entidade que, afinal de contas, tentara gente ilustre como Adão, Eva e, acima de tudo, Jesus. Ter Satanás no seu corpo era um upgrade imenso. Ela era alguém em uma disputa cósmica. Impossível não notar os efeitos hipnóticos da Bíblia que o pastor agitava em movimento pendular. Os gritos da comunidade funcionavam de forma tribal para derrubar uma barreira de racionalidade ou de intimidade. Shirley era o prêmio que dois grupos disputavam com força: o team Jesus e o team capeta. Tudo ali a elevava. O poder das mãos sobre o corpo dela tinha até certo caráter sexual.

Ana tomava notas para preparar o artigo sobre aquele exorcismo. Esbarrou na ideia de sentimento oceânico: o termo de Romain Rolland incorporado por Freud. Era a sensação de eternidade no instante, o mundo sem limites perceptíveis. Ali estava o prazer absoluto do bebê ou da memória de um ego primitivo e forte.

Naquele instante, a renomada pesquisadora percebeu que sentia tristeza pela intensidade da entrega de Shirley. Era uma inveja sofisticada que envolvia o sentimento oceânico, porém, era inveja. Sem julgamentos, empoderada, Shirley reinava na situação cercada de atenções da sua comunidade em um jogo que envolvia o Céu e o Inferno. Mãos humanas e planos divinos cercavam-na em um mar de atenções, no líquido quente do protagonismo. Entregue a todos, a possuída flutuava, majestosa, com a certeza de que a fé lhe dava a vitória final. Shirley estava possuída de si (no sentido positivo do termo). O grupo ao seu redor lutava contra o sintoma secundário: um espírito imundo.

Ana invejou a entrega no silêncio da sua sala naquele fim de tarde. Sentada em uma sofisticada poltrona de design dinamarquês, a psicóloga invejou a cadeira de plástico da igreja. Ela, Ana, passava anos analisando pessoas lentamente, minuciosamente, criteriosamente. Ali, em

quinze minutos, em um ritual teatralizado, as coisas tinham ocorrido diretamente.

Parece que o demônio tinha fugido do corpo vasto de Shirley e se alojado em Ana. Um espírito ardiloso tinha colocado a dúvida na profissional da mente. A psicóloga não tinha sido informada de que nunca se deve discutir com o Príncipe das Trevas: ele é mais astuto e tem mais argumentos. A vida dela pareceu racional e vazia. Ana experimentou uma profunda tristeza que contrastava com o entusiasmo de Shirley, ao fim do vídeo. Lembrando-se de um conceito de Rudolf Otto, Shirley tinha entrado em estado “numinoso”, a maré suave que invade o fiel diante do *mysterium tremendum*. Havia um vasto e direto mistério ali... Shirley tinha sido capaz de alcançá-lo. Ana, não.

Perturbada, a psicóloga saiu do consultório para buscar seu supervisor. Queria compartilhar com outro intelectual sua inquietação, talvez seu medo. Seria o caso de um remédio, talvez? Ana não conseguiu distinguir se estava possuída de algo novo ou se, finalmente, tinha sido abandonada pelo espírito seco e insistente da racionalidade. O corpo, sempre o corpo, tomou a própria decisão. Ela evitou os Jardins e dirigiu-se à Radial Leste, em São Paulo. Deu as costas ao endereço do seu supervisor-doutor e foi direto para uma pequena igreja com cadeiras de plástico. Lá, diante do pastor que ela reconheceu pelo vídeo, pediu, entre lágrimas, que ele a exorcizasse. O homem, gentil, atendeu ao desejo dela.

Depois de meia hora, ela se sentia diferente. O que tinha ocorrido? No céu dos psicanalistas, Lacan e Freud sorriam. Ana estava em paz no vasto oceano de uma nova vida. Agora, ela tinha esperança.

As palavras e nós

A língua é viva e pertence aos usuários. Regras consagradas mudam. A grande questão é que existe um equilíbrio desejável entre a tradição e o uso do Português, por exemplo. Sim, a língua não pertence apenas aos especialistas. É justo supor que ela também não é só minha.

Shakespeare inventou muitas palavras. Algum tradicionalista que invoque os grandes autores do passado, em relação ao inglês, deveria imaginar que clássicos eram, também, transgressores. Guimarães Rosa era um gênio da composição de termos não dicionarizados ou de usos linguísticos pouco usuais. Difícil saber se o autor do *Grande sertão: veredas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019) inventava ou apenas registrava oralidades e falas populares mineiras. Quando alguém me diz que temos de imitar os clássicos, sempre imagino que a pessoa saiba pouco da capacidade inventiva e rebelde de escritores de primeira linha.

Devo e posso adaptar os usos da língua ao momento atual. “Delivery”, abaixo da linha do Equador, não existia há poucos anos. Hoje, é termo necessário. Profetizo vida longa a “air bag”, “milk-shake”, “trailer” e “shopping center”. Num dia, podem vestir trajes adequados à última flor do Lácio. Assim ocorreu com os termos basquete, iate, uísque e xampu (grafo sem aspas ou itálico, porque eram anglicismos que foram adaptados). Eram convidados com passaporte estrangeiro; hoje, pertencem ao time verde e amarelo.

Os termos de origem francesa ou inglesa interagem sem um debate forte. A língua tropeça quando estamos falando dos novos usos de gênero. Usar o masculino, implicando

toda a espécie humana, é norma vigente há séculos. Reconheçamos: a norma nasceu de um mundo patriarcal e misógino. Evita-se o feminino não apenas como prática gramatical, todavia pela exclusão real das mulheres. Gramática tem gênero, ideologia e preconceito. É estranho querer manter uma norma da época de Dom Dinis (1261-1325), lendo um texto no seu smartphone contemporâneo. A língua não é de pedra, nem é de vapor. Ela não me pertence; ela não me ignora.

Gosto de usar “todas e todos” para abandonar o invisível do feminino. Não tenho raiva, mas ainda não consigo empregar regularmente “todes”. Acho exótico grafar *txdxs*, deixando o *x* como incógnita a ser preenchida pela identidade de cada pessoa.

Vamos refletir. Uma pessoa tem raiva porque vê “todes”. Alega que isso não existe. Se eu escrevi e alguns usam, existe. Porém, a mesma pessoa não apresenta raiva contra as outras mudanças. Vejamos. “Vossa Mercê” era usado apenas para os reis que concediam benefícios, mercês. O “vós” também era exclusivo de altos aristocratas. No fim da Idade Média, pelo uso, grandes comerciantes passaram a usar Vossa Mercê entre si. Na Idade Moderna, Vossa Mercê reduziu-se para “você”. Eclodem formas populares no Brasil como “vosmecê”. Claro: o uso do você encontrou vozes contrárias. Avancemos para o mundo da digitação. A forma sem vogais é quase consagrada: “vc”.

Que “você” seja uma palavra consagrada sem disputas, mas o uso de “todas e todos” despertar tantos debates é apenas sinal de que os irritados nunca estudaram linguística nem gramática histórica. Volto a dizer: eu estranho “todes”.

Em 2050, na prova de Redação no Enem, pode existir uma questão sobre os tempos primitivos quando um grupo impunha o masculino, subentendendo o feminino. Lembre-se disto: pelas normas atuais, Camões não seria aprovado em prova de redação.

Leio bastante sobre os debates gênero e língua. Há mais paixão do que conhecimento dos processos transformadores do nosso idioma.

Tenho de incorporar “shopping center” porque, até 1966, não existia o conceito contido nas palavras em inglês. Um novo modelo de compras implicou novo termo. Há duzentos anos, os homens comandavam tudo; as mulheres não tinham acesso ao voto nem ao estudo superior. O masculino dominava sobre o feminino, e o uso gramatical consagrava isso. Não é uma norma divina ou feita de aço: é uma convenção que correspondeu a um momento. O momento mudou, outros gêneros foram reconhecidos como possíveis (claro, já existiam). Você aceita todos os termos estrangeiros no seu computador, usa palavras variadas para novas ferramentas e, quando se trata de gênero, torna-se um purista estudioso da gramática, invocando a tradição que ignora em todos os outros campos.

Como eu respondi a uma senhora em uma palestra, que me exclamou: “Machado de Assis usava apenas todos!”.

Eu disse: “Sim, mas só admitiu homens na sua nova Academia Brasileira de Letras. Excluiu pessoas como a senhora”.

Continuei: “Machado não desejou mulheres no seu grêmio linguístico. A senhora reconhece valor no uso da palavra, mas quer ter a voz que teria sido negada na época? Uma coisa implicava a outra”.

Reconheço que tenho certos conservadorismos em português. Reconheço, ainda mais, que minha posição pessoal não faz a língua mudar. Se você usa “todes”, tudo bem. Se prefere fazer uma “feminagem” para evitar o termo homem em “homenagem”, sem problema. Cada um de nós tem uma velocidade específica diante do que é novo. Apenas devemos prestar atenção ao fato de que as mais diversas mudanças na língua são aceitas com tranquilidade por todas e todos. De repente, quando se trata de gênero, surge o ódio.

Tenho esperança de que você perceba: seu problema pessoal não está na gramática normativa, mas em outro lugar.

bloco cinco

Às vezes, Leandro! Às vezes, Karnal!



O título deste bloco tem uma associação proposital entre Leandro (a parte mais intimista, subjetiva) e Karnal (o cronista).

Na parte subjetiva, pessoal, as hipérboles são sempre presentes: o excessivo cuidado com os amigos, os convidados ao seu lar, a pontualidade e adoração à música clássica. O hiperbólico é um ingrediente muito especial na produção de quem busca criar textos criativos. Ao usar a expressão em sentido conotativo “Morra, Gloria Kalil!”, o autor não deseja o fim da vida da ilustre consultora de moda (como ingenuamente muitos pensaram à época).

O antônimo do exagero, o eufemismo, é outro importante recurso de linguagem de quem não quer seguir apenas o sentido primeiro das expressões. Em “O meu time”, as lembranças infantis são suaves e representativas do eufêmico.

Além dos recursos, ler cada nova palavra – buscando seu uso e significado – faz do contato textual com as últimas dez crônicas desta coletânea um riquíssimo aprendizado.

Por fim, é intenso o uso de símbolos, pela amizade com Contardo Calligaris; os pecados capitais, em “O pior de todos”, são personificados (recurso em que se veem características comportamentais humanas): “A ira é orgulhosa, assim como todos os outros defeitos”.

Escrever com criatividade é buscar dar outras vidas ao vocábulo; garantir novos sentidos.

O pior de todos

Há alguns anos, em um fim de tarde, com Contardo Calligaris, ficamos discutindo qual seria o pior pecado capital. Sim, nossos encontros esbarravam em questões assim. Éramos estranhos...

Eu fui mais ortodoxo: havia os erros de falta (como a avareza, que é caridade escassa) e os erros de excesso (como a gula, que é ausência da moderação e do sacrifício). Indiquei aqueles que impediam o olhar correto (como a inveja) e outros que expandiam o desejo (como a luxúria). Era uma leitura agostiniana a minha: só existe o amor; o pecado é, sempre, uma falta ou desvio do único sentimento real.

A vaidade é o primeiro e mais profundo pecado. Foi o erro de Lúcifer: achou-se belo, imaginou-se Deus. Segundo uma tradição fora dos textos canônicos, recusou-se a prestar homenagem a Adão, recém-criado. Caiu do céu como um raio.

Na verdade, eu iria além. A vaidade é o único pecado. Tudo deriva dela. A ira é quando eu acho que meus direitos foram desrespeitados. A base de toda irritação é vaidade: “Como foram ele ou ela capazes de fazer isso comigo?”. Pessoas verdadeiramente humildes não são atacadas de ira. Toda briga de bar ou política (hoje isso é indistinto) tem na base uma vontade de poder absoluto e respeito total. A ira é orgulhosa, assim como todos os outros defeitos.

Calligaris ouviu meus exemplos históricos e teológicos. Citou Lacan aqui e ali. A conversa tomou outro rumo. A tristeza era o pior pecado para meu terapeuta italiano. Hoje, chamamos de preguiça, porém, na origem, ele lembrava, falava-se em melancolia. Só depois a melancolia virou

preguiça. Santo Tomás usava o termo acídia: uma tristeza que nos provoca pesar. Como paixão, não é boa nem má. Pode ser positiva quando nos deprimimos diante do erro e do pecado. Fica equivocada se analisamos os bens espirituais.

Contardo explicou-se. O Evangelho é, em grego, a “Boa-Nova”. Sou amado por Deus, e Ele me oferece o tesouro dos ensinamentos de Jesus. Mais: a Segunda Pessoa da Trindade deu sua vida por mim. Todos os dias, o sol se ergue sobre a criação, e sou chamado a fazer parte dela. Tenho uma alma imortal e faço parte de um plano universal do Criador. Em tempo: a teologia clássica desconhecia a depressão como doença.

Contardo não era religioso, mas era italiano. O cheiro de incenso estava nas pedras da sua Milão natal. Eu o chamava de “anarquista melancólico”. Não sei se é o pior pecado, mas sinto tristeza – ainda hoje – pela perda do meu amigo Calligaris.

Contra a tristeza pecaminosa, recomendo exercitar a virtude teologal da esperança.

O grande teatro do mundo

Quando ofereço um jantar na minha casa, preparo com antecedência. Uma hora antes da chegada prevista dos convidados, a mesa está posta com todo o necessário. Coloco música ambiente adequada ao “clima” do evento. No Brasil, curiosamente, há pessoas que pedem que eu explique essa “ansiedade” em organizar. Em outros lugares do mundo, seria vista apenas como virtude de um bom anfitrião.

Frequento casas de amigos. Em algumas delas, sentar-se à mesa vira um exercício físico. “Ih, faltaram os guardanapos!”, e lá vamos nós em busca deles. “Alguém vai querer água com o vinho?” Essa é uma pergunta estranha. Sempre temos de servir água com o vinho. O sim coletivo desencadeia novo surto de busca de jarras, água e copos. O mais interessante, no próximo almoço, naquela mesma casa: a mesma pergunta será repetida, e o esquecimento não se tornou pedagógico.

A alma da etiqueta e a única regra inabalável para receber pessoas – deixar todos confortáveis, à vontade na sua casa. Os outros detalhes são secundários. Pode faltar um talher de peixe, mas jamais é permitido que desapareça o sorriso e a acolhida sincera.

Sobre minha ansiedade, explico que gosto de ficar conversando com as pessoas, e não vasculhando armários em busca de peças faltantes. É verdade. Aprofundando, existem outras questões complexas. Esquecer-me de algo parece que agride minha noção de ordem ou de previdência. Parece falta de estratégia e, no limite, improvisado amador. Tenho muitos amigos que não passam por essa experiência interna de arranhar seu superego nas falhas.

Existe uma hipótese incômoda: uma pessoa típica brasileira fica mais à vontade em um ambiente em que tudo está pronto, ou, para usar termo antigo, ajazado? A ordem exata e a cenografia teatral do título da obra de Calderón (que tomei emprestado para a crônica) seria uma barreira, um certo ar de arrogância até? Se entro em uma casa onde mais cadeiras devem ser buscadas em algum lugar, ou que os lugares à mesa não contemplam o número de convidados, isso desperta uma participação mais informal e, como tal, libera o superego de todo mundo? Que teatro agrada mais: aquele a que assisto como público, ou aquele em que ajudo a reescrever o roteiro?

Para um cenógrafo exigente como eu, a sociabilidade brasileira é um desafio. Ofereço um almoço, com lugares marcados. Um amigo querido diz que gostaria muito de trazer outra pessoa que deseje me conhecer. Cedo, sem entusiasmo. Um alemão ou um francês diriam não com facilidade. Evito. Consigo um lugar a mais para a mesa. Reorganizo tudo. Abro a porta e... surpresa! A amiga extra trouxe a irmã que também partilha... o mesmo desejo. Sorrio externamente, grito por dentro e transformo o palavrão da laringe em um audível: “Que bom receber vocês. Sejam bem-vindos!”. Ser gentil é mais importante do que respeitar meu TOC de ordem. Rapidamente, reorganizo a mesa já (re)organizada. Aqui foi fácil. Já tive desafios maiores – pessoas confirmando a presença, não aparecendo, mas outros, que não tinham confirmado, surgindo de forma natural.

Examinei outro modelo de sociabilidade. Convidado para um almoço com carnes assadas. Churrascos são refeições um pouco mais bárbaras (no sentido romano do termo). Minha surpresa: não havia uma mesa posta. Na hora de começar a servir, ninguém ocupou um lugar específico. As pessoas caminhavam com pratinhos, iam até a churrasqueira, pegavam caipirinhas e cervejas; de pé, comendo. Mesmo

assim, os donos da casa, com extrema simpatia, recebiam a todos. Foi uma descoberta social.

Seria possível receber para um almoço, sem ter – de fato – uma mesa? Havia um carrossel de pratos, copos e circulação contínua e, claro, extrema felicidade. Adaptei-me, alegre, e caminhei por vários grupos, em meio a corações de frango e carne enfarinhada. Terminado um longo tempo de consumo dos salgados, começaram a trazer ótimas sobremesas. No entanto, alguns não queriam doces e continuavam nas novas carnes que brotavam do fogo contínuo. Finalmente, quando uma parte dos convivas consumia café, havia quem estivesse (ainda) nos doces, enquanto outros (ainda) se concentravam na cerveja com carne. Houve um momento de sincronia em que todas as etapas de um almoço estavam ocorrendo: gente chegando, pessoas se despedindo; café, pudim, carne, farinha, cerveja; alguém já dormindo, em completa tranquilidade, no sofá. Achei fascinante! Aboliram-se as regras formais da narrativa, e o prólogo conviveu, sem obstáculos, com a conclusão: Morra, Gloria Kalil!

Entendi que o grande teatro do mundo tem muitos tipos de peças. Há o clássico formal e o teatro de *vaudeville*, ou, traduzindo à brasileira, o ballet e o teatro de rebolado.

O importante é sempre reforçar a única questão pétrea da arte de receber: que todos fiquem à vontade. No próximo almoço, decidi: esquecerei algo e pedirei ajuda. Meu conviva sorrirá com minha falha, e eu serei mais feliz com a esperança inglória de agradar.

É sina, Argeu

Rita até tentava. Ficava olhando o fogo, mas... o leite derramava-se no fogão quase todos os dias. Um segundo de distração e zás! A fervura subia, sujando tudo. Ela dizia ao marido: “É sina, Argeu!”.

A ideia de destino acompanhava sua trajetória. Um dia, uma amiga leu o resumo da história de Édipo para ela. Rita concordava, movimentando a cabeça, e dizia que era para ser assim. “Quando tem de ser, acontece.”

Era a força que pairava sobre Tebas e sobre São Paulo.

Ela tinha a sorte de pegar o ônibus no terminal. Do seu banco, via as pessoas se acotovelando nas paradas seguintes. Havia desespero por atrasos. Rita queria acalmar os afobados e dizer que, se fosse o destino de cada um, eles entrariam. Lugar no ônibus era sina...

Amiga fiel, comparecia a todos os velórios. Seu bordão era inevitável: “Foi câncer? Bala perdida? Facada? Tudo era o determinado. Tinha chegado a hora. Por que o desespero?”.

Sua ideia de destino tinha virado uma cosmogonia complexa – com exemplos e narrativas pedagógicas.

Ao acordar, todos nós deveríamos saber que o mundo nos jogaria de um lado para outro, apertaria muitos em um ônibus, e, outros, o mundo deixaria confortáveis em carrões. Apesar disso, se fosse para morrer, você poderia estar onde estivesse.

Rita era mais calma porque acreditava na sina estabelecida. Seu fatalismo não era pessimista. Para ela, observar o caráter necessário dos fatos era uma lei da física, mas não da teologia.

Argeu nunca aceitou a física-metafísica da esposa. Influenciado por um curso sobre empreendedorismo, falava de inovação e de pensar “fora da caixinha”.

A mulher dava de ombros e reafirmava: “Se for para enriquecer, acontece”.

De tanto ouvir a pregação do esposo, Rita teve a única rebeldia contra seu sistema. Decidiu ficar com a mão na alça da leiteira e evitar sua sina de derramar leite. Afastou o celular. Tomou um café forte, para focar e afastar o sono. Mirou o leite, como Galileu observava os astros. Ouviu um baque na cozinha. Disposta a tudo para agradar ao marido, permaneceu focada no fogão. De repente, um gemido a distraiu. Era Argeu no chão! Ele tinha acabado de sofrer um infarto fulminante. Ela o acudiu no instante em que o leite extrapolava os limites da panela. O marido morreu na cozinha, e o leite derramou-se.

No velório, ela respondia aos pêsames: “Era a sina do Argeu e a minha. Ele tinha de morrer, e o leite tinha de derramar-se”. Assim eram as coisas no universo fixo de Rita.

Alguns possuem esperança, sim, porém é algo do destino da pessoa...

Há lógica no mundo?

Existem dois enfoques básicos sobre a harmonia da natureza. Há os que observam os astros e a vida na Terra como uma imensa e coordenada “dança cósmica”. As marés sobem e descem, as abelhas colhem o que necessitam das flores, o Sol ilumina, a Lua reflete e, assim, todos vivem o teatro natural com direção, sentido. Geralmente, os adeptos da harmonia universal buscam e defendem que um autor, na verdade um Autor, com letra maiúscula, seria a única possibilidade para explicar tanta inteligência diluída nas plantas, nos animais. Os adeptos desse enfoque destacam a ordem de tudo, perfeitamente inserida com propósitos elevados.

No outro canto do ringue, há os que não realçam harmonia ou coordenação. A natureza é instável e amoral. Houve, só na Terra, cinco extinções massivas da vida antes do período atual. Há duzentos e cinquenta e dois milhões de anos, por exemplo, 95% da vida sumiu. Talvez meteoro ou atividades vulcânicas estejam na chamada “extinção do Permiano”. Não foi causada por humanos que ainda estavam muito longe da existência. Foi um fato natural que alterou toda a forma de vida por aqui. Foi a mais ampla, porém não a única das extinções em massa.

A novidade atual é que nós, humanos, estamos nos juntando aos ciclos desastrosos do passado para diminuir ou extinguir a vida.

Os que se lembram desses desastres mostram planetas e estrelas em colisão, meteoros devastadores, cometas terríveis, terremotos monstruosos e vulcões que arrasam

continentes. O *ballet* coordenado do primeiro grupo vira uma rave confusa, com batida policial.

Para o segundo grupo, que analisa colisões e desastres, se existe um autor ou Autor, ele seria, no mínimo, confuso; no extremo, cruel.

Um universo harmônico, coordenado, onde tudo encontra seu lugar ou um cenário de sucessivos desastres cósmicos? Você certamente conhece representantes das duas visões da natureza. Talvez elas coexistam no churrasco da família ou no seu grupo de WhatsApp.

Existe um problema anterior aos dois polos da questão: fazemos leituras antropológicas do mundo natural. Dizer que a natureza é boa (ou que o mar está furioso) é uma projeção humana sobre fatos naturais. O mar não é “bom” ou “ruim”, não tem acessos de fúria ou de tranquilidade: a água não age por causa de traumas de infância ou por influência da filosofia estoica. A água age porque houve movimentos tectônicos, mudanças de temperatura, ventos, atração da Lua etc. São equações físicas, químicas, e não psíquicas.

Imprimir sentimentos aos fatos naturais é uma estratégia de criar uma lógica universal a partir do humano. As forças da natureza nunca são morais, boas ou ruins. As placas tectônicas se movem, e a energia vai atingir seres vivos na superfície. Morrerão (ou não) gente boa e malvada, filhotes de coala fofos ou cobras venenosas. A parede que cai pode matar um bebê ou uma aranha. O tsunami afogará o bandido violento e o jovem engajado na luta pela justiça social.

Como o amoralismo universal da natureza nos desagrada! Gostamos de criar códigos artificiais com base em nossos valores que regeriam erupções vulcânicas e migrações de antílopes. Isso nos acalma como em uma festa onde os convidados chegam na hora, a comida é suficiente e boa, ninguém se excede na bebida, todos se divertem e, de forma educada, saem na mesma hora.

A gaivota que come a tartaruga recém-nascida é indiferente ao meu afeto pelos animais. E, se eu salvar a tartaruguinha, talvez condene a gaivotinha à fome.

Eu posso construir sobre qualquer base meu sistema ético. Posso defender a punição aos criminosos. Necessito torcer pelos bons e desejar a premiação aos honestos. Isso pode ocorrer aqui no mundo ou, ainda, posso imaginar um além – onde cada erro será castigado, e cada ação benemérita, recompensada. Isso acalmará minha consciência de forma a instaurar uma ordem simbólica favorável aos meus valores. Não é um erro, apenas um desejo tornado imaginário na floresta dos signos. O enredo não é da Natureza, porém meu. Minha mente é o supremo autor de qualquer ordem. Sou o talentoso criador de ficções que me acalmam. Minha angústia contra o império das coisas circunstantes pode se aninhar em sistemas morais. Os meteoros continuarão caindo sobre nós, e os terremotos acontecendo. Pessoas boas morrerão durante as pandemias, e canalhas sobreviverão. O contrário também ocorrerá porque a natureza não é boa ou ruim, ela apenas é.

No entanto, meu narciso e meu medo criarão lógicas e, dessa forma, saberei que o céu se abriu em um azul maravilhoso de primavera porque hoje eu tenho minha festa de casamento.

Agraciado pela proteção climática de algum maior, eu poderei casar em harmonia comigo, com as nuvens. Meu coração brilhará, como o sol lindo em outubro. Isso conforta mais do que supor que o jogo meteorológico não observou minha escolha matrimonial ou o aleatório dos meus compromissos.

O céu claro e seco que favoreceu minha festa prejudicou o agricultor ansioso pela chuva que daria uma boa colheita. O céu me ama, protege-me e, por um mistério, odeia o agricultor.

Por isso, se há uma lógica no mundo, é o fato de que sou o centro dele. Minha mente adora dizer “Faça-se a luz!”

mas também sou capaz de criar esperança. Um consolo...

Que homem irritante!

O som começava a fluir pela Sala São Paulo. Era algo celestial. Silvana estava feliz. A Sinfonia Alpina era, na verdade, em poema sinfônico de Richard Strauss. *Que orquestração...*, ela pensou! Aqueles momentos com a Osesp eram sua parcela de paraíso em vida.

Todo Éden tem a chance de vir com uma serpente. O homem ao lado de Silvana ficava olhando o celular.

Ele não sabe que é proibido?, ela pensava. *Deveria chamar alguém? Deveria dizer a ele que a luz incomodava?*

Ela tentou se concentrar na música sublime.

Ele prosseguia. Movimentava-se na cadeira, olhava o celular e... até roçou o braço no dela. Silvana deixou escapar um grunhido de insatisfação. “Por que ele está aqui?”

A música tinha chegado à parte preferida dela. Era o movimento chamado “O Cume”. Ela estava lembrando que aquilo estava sendo composto em plena Grande Guerra. O mundo queimava, e Strauss pensava na beleza da montanha. “Era uma lição!”, ela disse para si. Se o autor conseguiu ignorar a violência da Europa, ela conseguiria estar além do seu vizinho. Novamente, a jovem fechou os olhos e afundou-se no assento, na tentativa de abstrair-se daquela companhia desagradável ao seu lado. Por vários minutos, foram apenas ela, Strauss, o maestro Thierry e a Osesp.

Quando começou o movimento “Noite”, a peça já chegava a quarenta e cinco minutos. O homem se inquietava mais. O braço dele tocou no dela novamente. Silvana esteve quase a ponto de perder o controle.

“Por que ele não ficou em casa? Por que tinha vindo incomodar alguém que ama, de verdade, o legado musical?”

Richard Strauss observou as montanhas em paz, mas Silvana tinha de conviver com esse cara. O cérebro da ouvinte oscilava entre a raiva e a tentativa de concentração.

A composição se aproximava do fim. Os metais tinham vibrado, Silvana tinha ouvido até o vento que a música pedia. O maestro, Thierry Fischer, era suíço. Será que a sinfonia alpina tinha evocado algo mais forte nele? Era uma memória biográfica entremeada de sensibilidade musical? Tudo perfeito, sim, menos... o homem ao lado dela.

Fim! Palmas frenéticas! Ela se colocou de pé e saudou a obra tão bem executada. O homem irritante demorou mais a notar o término. O maestro voltou três vezes para receber a ovação. Por fim, o silêncio e a retirada da sala.

O homem ao lado de Silvana falou: “Vamos, amor! As crianças mandaram recado e querem pizza”. Silvana concordou. Estavam casados havia dezesseis anos. Ele era um bom pai. Ela tinha esperança de que, algum dia, o marido viria a gostar de música clássica.

Talento e gênero

Quando eu era adolescente, ouvi um professor fazer uma afirmação: “Quem mais cozinha no mundo são mulheres; os grandes chefs são quase todos homens. Quem mais costura, idem; os maiores estilistas são homens. O mesmo pode ser dito de todos os campos”. As frases continham muito preconceito, porém, há tantos anos, eu não tinha como responder.

Se eu pegar os livros de história da arte ou frequentar museus, concordarei com meu interlocutor misógino. O que eu não percebia naquela época é que museus e livros sofrem curadoria. As escolhas não são livres. A lista do que deve ser exposto ou publicado é marcada pela subjetividade. Eu desconhecia a produção social da memória. Hoje, compreendo que as avenidas das grandes cidades apresentam um número enorme de homens brancos que podem traduzir a ideia, falsa, de que a sociedade repousa sobre os ombros masculinos com pouca melanina. Na verdade, outros homens brancos procuraram pessoas similares a eles e deram os nomes a logradouros.

É assim também na arte. Por que me ensinaram tanto sobre Rodin, nos cursos de arte, mas quase nada sobre Camille Claudel? Por que meus cursos, muitos sobre barroco, esmiuçaram cada detalhe de Velázquez, Caravaggio, Rembrandt e nenhum de Artemisia Gentileschi? Na música, quantos ouviram Amy Beach, Ethel Smith ou Barbara Strozzi? Até minha amiga Olga Kopylova gravar, eu nunca tinha ouvido falar de Cécile Chaminade. Hoje, amo ouvir a música da compositora.

Eu não falo de um pensamento politicamente correto. Não invoco uma bandeira feminista. Não tenho lugar de fala para tais projetos. Falo de um processo de silenciamento indireto. Ninguém jamais nos dirá: “Vamos evitar falar de talentos femininos”. Isso é agressivo e desagradável. Pois é isto que estamos fazendo: insistindo em povoar, com homens brancos, o céu dos gênios.

Houve uma luta que pareceu menor a alguns. Era a existência de bonecas negras. Uma criança que apenas dispusesse de bonecas loiras e de olhos azuis tomaria aquilo como padrão de beleza único e necessário. Hoje, temos bonecas de muitas identidades étnicas. Isso é bom.

Poderia dizer, de alguma forma, que é um combate a uma certa política de cotas. Como assim? Quando eu olho nas vitrines das lojas de um país como o Brasil uma imensa coleção de bonecas caucasianas, criei cotas absolutas e excludentes. Existe o mesmo na arte: há cotas para homens brancos.

O filme *Antonia* (2018, Maria Peters) conta a história de Antonia Brico. No período entre a Grande Guerra e a Segunda, ela lutou para ser uma regente reconhecida. Apesar de estudar mais do que os outros alunos, apesar de ter que apresentar um desempenho acima da média, ela era excluída por... ser mulher. Com certeza, em 1925, deveria haver mais meninas do que rapazes estudando piano. Porém, na hora de profissionalizar alguém como pianista ou regente, o sistema se afunilava. Para cada Magdalena Tagliaferro ou Guiomar Novaes que brilharam com força nos palcos, há milhares de outras mulheres que foram barradas. Sim, podemos nos encantar com a potência sonora de Martha Argerich hoje, mas eu me pego refletindo sobre tantas outras que desistiram devido à nossa política invisível e eficaz de cotas masculinas. No campo das maestrinas, a política é ainda mais eficaz do que nos instrumentos individuais. Regência implica liderança e protagonismo: isso é sempre mais árduo para uma mulher no nosso mundo. Cite os dez maiores

regentes na sua memória. Você descobrirá que eles possuem alguma coisa em comum: o gênero masculino.

Há alguma solução? Eu diria que podemos insistir em mostrar a meninos e meninas casos de sucesso em todos os campos. Não se trata de criar cotas. Devemos quebrar o sistema de cotas já existente. Não se ataca Portinari ou Di Cavalcanti, apenas mostramos Tarsila, Anita Malfatti também. Há beleza enorme em Monet, Renoir e, juntamente, nos quadros de Mary Cassatt e Berthe Morisot. Se uma criança tivesse visto, desde cedo, os quadros de Laura Muntz Lyall, visto suas obras em museus e na escola; se tivesse sido exposta a ela, teria visto com mais simpatia o talento feminino? “Você, minha filha, pode ser o que desejar” é uma frase educativa.

As escolhas falam muito dos que estão com poder para fazê-las. Há 36 doutores na Igreja Católica; apenas quatro são mulheres. Quer dizer que a sabedoria divina flui mais com a testosterona? Não, isso indica que os eleitores são papas, bispos e cardeais homens, formados por teólogos homens e leitores de livros escritos por... homens. Confundir a verdade objetiva com a subjetividade do eleitor é um dos mecanismos preconceituosos ou machistas.

Para quebrar a vigente política oficial de cotas, pais, mães, educadores e educadoras necessitam de ações efetivas. Não é produzir uma consciência feminista: trata-se de quebrar uma falsa consciência do masculino que passa pela soleira da porta dos lares. Precisamos tirar o véu dos olhos das crianças. Tenho esperança!

O Brasil é de Jesus

Era inevitável, e os números anunciavam o processo há décadas. O censo indicava, a cada novo levantamento, o encolhimento da parcela de católicos. Sim, a religião oficial da Colônia e do Império não cessava de perder a fatia demográfica dominante. O Brasil era, ano a ano, mais evangélico.

O período de 2025 a 2035 foi decisivo. Pesquisas independentes revelaram que os católicos já estavam abaixo de 40%. O eleitorado evangélico cerrou seus votos nos candidatos exclusivos das igrejas reformadas. A virada no Congresso foi perto de 2032: 70 senadores declaravam-se ligados a alguma grande denominação pentecostal ou neopentecostal. Dois eram luteranos e um presbiteriano. Havia um ateu declarado. Poucos ainda se diziam católicos.

O avanço numérico e político resultou em novas leis. O feriado de 12 de outubro foi mantido, mas como “dia da criança brasileira”, e não mais como a festa de Nossa Senhora Aparecida. Começou um movimento de reorientação geográfica. O Cabo de Santo Agostinho (PE) foi rebatizado como Cabo Só Jesus Salva. A cidade de Santa Maria (RS) tornou-se, em 2033, a Cidade do Evangelho. A batalha dos nomes mais fortes foi em São Paulo. Por um tempo, dividiu-se o público entre os que chamavam de SÃO Paulo e aqueles que diziam que moravam na cidade do Apóstolo Paulo. Por fim, a Câmara dos Vereadores aprovou a mudança em 2054, a tempo de comemorar o quinto centenário da metrópole.

O pastor Samuel de Oliveira e Silva foi eleito presidente pela aliança O Brasil é de Jesus. Sua vice era a bispa Francisca de Almeida. As verbas publicitárias corriam para a

Rede Record e escasseavam na Globo e na Bandeirantes. As novelas bíblicas estavam cada vez mais elaboradas. Surgiu até um Big Brother da família cristã. O paredão era para quem tivesse praguejado ou se esquecido de orar.

As lojas elegantes de Ipanema no Rio ou da Oscar Freire em São Paulo passaram a vender a onda *fashion* evangélica. Aumentou a produção de ternos para homens. As roupas de praia passaram a utilizar mais tecido. Havia uma nova estética em ascensão.

O feriado católico de *Corpus Christi* virou o Dia Nacional da Marcha para Jesus. As ruas de todo o país foram tomadas de entusiasmados manifestantes. Em todos os campos, a vitória evangélica era visível. Alguns aderiram por convicção pessoal. Outros, especialmente políticos e empresários, entenderam que votos e verbas eram mais fáceis com participação em cultos. Como na vitória do Cristianismo no Império Romano, a nova crença crescia nos corações, nos cérebros e nos bolsos.

A bispa, que era vice do presidente Francisco, foi eleita após os dois mandatos do pastor. Surgiu uma constituinte, e o Brasil foi declarado oficialmente cristão. Quebrava-se o verniz da laicidade do Estado que a República tinha tentado. Os novos feriados nacionais eram religiosos: o Dia da Bíblia, o da Família Cristã e a Festa do Dízimo. Aboliu-se o Carnaval, substituído por animada micareta de Salmos. O Galo da Madrugada, no Recife, anunciava que Pernambuco também era de Jesus. Foi instaurado o concurso nacional de versículos e ganhava o aluno do Ensino Fundamental que mais soubesse passagens de cor.

A mudança universitária foi rápida. Sendo porta de acesso à função de pastor, o curso de Teologia virou o mais procurado. Em 2040, havia mais candidatos por vaga na USP para o Instituto Teológico da Universidade de São Paulo (criado cinco anos antes) do que para Medicina ou Engenharia Mecatrônica.

Grandes igrejas católicas iam sendo adaptadas para o culto evangélico. Foi comemorado o dia em que a Catedral da Sé de São Paulo virou um novo Templo de Salomão. A basílica de Aparecida removeu as obras do artista Cláudio Pastro e virou a Igreja da Família Evangélica.

O mundo artístico tinha mudado. Anitta tornou-se militante da Assembleia de Deus e seus shows com vestido preto comprido cantando louvores eram emocionantes. Pablio Vittar era, agora, Apóstolo Rodrigues da Silva. Seus depoimentos de como tinha encontrado Jesus a caminho de Campinas bombavam nas redes. Ele havia sido derrubado da garupa de uma moto e ficado cego com uma luz intensa. Batizado, recuperou a visão. O TikTok era de louvores, apenas.

O turismo passou a conviver com novos roteiros como “a caminhada de Abraão” que ia de Paraty a Tiradentes a pé. No caminho, encenações do sacrifício de Isaac e do encontro com Melquisedeque. As pousadas bíblicas, todas familiares, exigiam o certificado de casamento para hospedar um homem e uma mulher no mesmo quarto.

Não seria completo este relato histórico se eu não falasse do que ocorreu comigo. Depois de uma vida de ateísmo, aceitei ser batizado na Igreja Deus é Amor. A cena foi televisionada e alcançou muito ibope. Emergi das águas transformado e passando a rodar o Brasil narrando a mudança. Agora, aos 75 anos, percorro a nova Terra de Santa Cruz, sempre dando o testemunho como um João que viu um novo Céu e uma Nova Terra.

Meu piedoso leitor e minha pia leitora: minha breve ficção produziu esperança ou medo em vocês? É utopia profética ou distopia? Sonho ou pesadelo? Bem, tentem viver mais alguns anos e sejam felizes. Amém!

Carta ao jovem imperador

Todos sabem que, observando as margens plácidas do riacho Ipiranga, o jovem regente Pedro recebeu cartas do seu ministro e da sua esposa. Revelo hoje uma nova carta, escrita por um médium de São Paulo e que, por iluminação dos seus mentores espirituais, recebeu mensagem do além.

Depois de ter proclamado a independência em cena melhorada por Pedro Américo, o rapaz de 23 anos buscou um lenço na algibeira e acabou apalpando o documento ali deixado. Dizia o documento:

“Alteza: espero que não estranhe. Sei que o senhor foi educado em sólido catolicismo, porém outro príncipe declarou antes do senhor que havia mais mistérios entre o céu e a terra do que imagina a nossa filosofia. Recebi essas informações de espíritos desencarnados que falam comigo. A eles foi revelado parte do futuro e fui autorizado a fazê-lo ao senhor.

Hoje, sete de setembro, o senhor romperá os laços com o governo de Portugal. Haverá resistências na Bahia e em outros lugares, porém, o movimento terá êxito. Seu gesto ousado, no futuro, será feriado, ainda que o senhor preferisse seu aniversário como data de referência, 12 de outubro. Bem, a data de 12 de outubro também será importante, ligada ao dia de Nossa Senhora Aparecida, invocação que sua neta, a Princesa Isabel, dará muito importância.

O Brasil será ainda maior do que hoje. Vai incorporar novas áreas como o Acre ou regiões que pertencem ao governo do Paraguai. Após turbulências, haverá uma era de prosperidade com a ascensão do café. A letra do hino

nacional lembrará do dia de hoje de forma gloriosa, ainda que quase nenhum dos futuros cidadão consiga entender a análise sintática do texto. A partir desse instante, o sol da liberdade, em raios fúlgidos, brilhará no céu da pátria. Bem, brilhará, apagará, será reaceso e eclipsado muitas vezes. A liberdade sempre brilhará, porém as nuvens do autoritarismo rondarão sempre a terra que o senhor tornou livre hoje.

O senhor sempre será lembrado como o primeiro imperador. Daqui a duzentos anos, a data ainda terá significado. Curioso: uma parte daqueles que foram libertados do jugo das Cortes de Lisboa tentará, desesperadamente, voltar a Portugal e obter cidadania lá. Aliás, o senhor e seu futuro filho Pedro II também voltarão para lá em algum momento. Então, pense bem: se todo mundo vai voltar ou desejar voltar, não seria melhor manter o Reino Unido a Portugal e Algarves, como seu pai pensou há alguns anos? Facilitará o passaporte europeu daqui a duzentos anos! Abraços esperançosos de Leandro, médium de São Paulo”.

A face de tudo

Vemos formas familiares em nuvens no céu. A borra do café poderia indicar o futuro. Profissionais da área do comportamento identificam algumas características das pessoas a partir da leitura de manchas: o teste de Rorschach. De forma poética, aleatória, delirante ou científica, damos sentido ao que percebemos.

Vamos aprofundar. Algumas imagens enviadas do planeta Marte foram lidas como rostos. Identificar faces em tudo tem até nome na língua portuguesa: pareidolia. É um fenômeno psicológico. Procuramos formas prévias que facilitem o funcionamento da mente. Gostamos da repetição de padrões e somos pródigos em encontrar nossas referências em tudo. Pronto: agora você sabe que sofre, como todo ser humano, de pareidolia.

Exemplo? No hemisfério Norte do planeta Marte há uma região chamada de Cydonia Mensae. Quando a sonda da Nasa fez fotos da área, em 1976, apareceu um rosto nítido. Era a evidência de uma civilização marciana. Mais tarde, com maior nitidez, vimos que as interpretações eram um caso de pareidolia.

Em seu texto mais difundido (“O existencialismo é um humanismo”), Sartre adverte que somos nós que interpretamos os sinais a partir de desejos e questões prévias. Sofremos de uma pareidolia crônica.

As profecias são, sempre, autoconfirmatórias. Busco, no futuro, algo que comprove o passado. O exercício mais bizarro são as centúrias de Nostradamus. Textos fechados, sem sentido lógico e abertos à subjetividade. De repente, zás, surge um fato que poderia ser a profecia. Pronto, repete-se a

pareidolia permanente na busca de uma face possível a ser identificada. Profecias são como nuvens: as formas são determinadas pelo observador e variam de acordo com seu repertório, alcoolização, equilíbrio mental ou uso de *cannabis*. Detestamos o vazio de sentidos e de formas. Amamos ver rostos, sequências lógicas, profecias e coisas anunciadas. Gostamos tanto que os criamos.

Faço reflexões sobre a construção daquilo que chamamos, em história, de teleologia. A tendência é forte: criamos um sentido prévio para os acontecimentos, um lugar de destino, uma necessidade insuperável de apontar para um vetor lógico no emaranhado aleatório dos fatos.

Os exemplos ocorrem de forma natural ao estudar processos históricos. Os gregos foram fazendo reformas que conduziram à democracia: Sólon e Clístenes, por exemplo. Como eu sei que haverá uma democracia à época de Péricles, vou buscando a lógica que conduziu ao voto dos homens filhos de pai e mãe atenienses. Rejeito as outras coisas pois foco o rosto com sentido: a face democrática. É uma pareidolia do voto. Assim também vou reler o movimento de 1904/1905 na Rússia com prenúncio da Revolução de 1917. As batalhas de El Alamein ou Stalingrado são grandes viradas na Segunda Guerra a favor dos Aliados. Reforço a teleologia porque sei que a Alemanha nazista foi derrotada em 1945. Vou formando o rosto marciano que eu sei que ocorrerá no futuro. A frase do Primeiro-Ministro Churchill sobre a batalha no Egito mostra uma sabedoria que só podemos achar correta porque sabemos que a guerra levou à vitória dos Aliados: “Este não é o fim, não é nem o começo do fim, mas é, talvez, o fim do começo”. Aqui se misturam pareidolia e teleologia.

Gostamos de dar sentido às coisas. O vazio e o aleatório enchem a alma humana de pânico. Amamos profecias porque elas parecem indicar que, em algum lugar, existe um roteiro traçado e prévio. Talvez tenhamos a liberdade e o caos mais do que um sentido fixo e imutável. Se não escolhi e as

coisas aconteceram como deveria ser, posso reconhecer os rostos de Marte e da História. Tudo estava escrito, *maktub* universal, fatalismo consolador.

Pior: antes se estudava história porque ela permitira profetizar coisas. Haveria um sentido moral (defendido pelo romano Cícero), uma série de previsibilidades afirmadas pelo positivismo de Comte) ou poderíamos antecipar a lógica histórica e mudá-la: marxismo. O romano, o francês e o alemão ficariam abismados como os fatos superam nossa capacidade de estabelecer lógica ou leis imutáveis. Esperneie no túmulo, em Paris, do criador do Positivismo, ou em Londres, na tumba de Marx: as leis “imutáveis” continuam dependendo de interpretação permanente. Sim: situação de miséria extrema combinada com teorias de mudança social mais líderes revolucionários e um estopim imediato costumam se combinar em movimentos de derrubada de um governo ou até de uma revolução. Porém, a equação não é exata nem previsível.

Cada vez mais os vivos governam os mortos, dizia o pai do Positivismo na França. O problema é o acesso à mediunidade, porque os mortos falam e devem ser interpretados por seres com sangue quente cheios de sentimentos variados. Os mortos governam, sim, porém, os súditos governados, os vivos, são inquietos e infiéis. Diferentemente dos que jazem em tumbas, os que andam sobre a terra são marcados pela interpretação das ordens e exemplos dos falecidos. Sim, tudo é previsível, pena que ninguém consiga ler sem colocar seu universo sobre as profecias. A água é pura, os canos estão sujos. Temos esperança, apenas não sabemos se o futuro é bom. Para lidar com o medo, profetizamos rostos.

O meu time

Eu tinha cinco anos quando meu pai levou os quatro filhos para assistir a uma partida de futebol. O local? O Estádio dos Eucaliptos, em São Leopoldo (RS). O time? O Aimoré, que, bravamente, ainda batalha pelo futebol da minha terra natal.

Fiquei impressionado com os fogos de artifício e com o jogo, explicado pela voz didática do dr. Karnal. Na torcida, ouvi palavrões, algo interdito na minha casa. Fiquei impactado pela liberdade vocal do grupo que vociferava contra o time adversário. Uma pena que eu não me lembre, nem vagamente, de quem eram os filhos da p... que jogavam contra nós. Apenas soube, em tom bramado, que a mãe do juiz era uma mulher que ganhava a vida de forma ilícita e mediante contribuição financeira pelo uso do corpo.

A testosterona e o clima de enfrentamento deformavam o português pudico que era corrente na minha casa. Meu pai recriminava o palavrado, porém sorria, contradizendo a crítica com a atitude. Eu e meus irmãos entendemos, claro, que era errado insultar pessoas, porém poderia ser divertido concentrar toda a dor e frustração da existência no inimigo de campo. Não poderíamos repetir a escatologia recém-aprendida, apenas sabíamos que estávamos do lado correto da história.

Sempre que me perguntam por qual time torço, tenho de levar em conta que sou uma pessoa pública. Sim, pessoas muito mais amplas em influência declaram seus amores futebolísticos de forma clara e decisiva. Bolsonaro é palmeirense, creio. Corrijam-me os especialistas na biografia do ex-presidente. Dizem que seu nome de batismo veio de um jogador famoso. Lula vibra pelo Corinthians.

Cada um dos dois times deve levar a glória e o peso de ter torcedores assim.

Dizer que sou Flamengo decepcionaria a honrada torcida do Fluminense. Declarar-me fã do Atlético? Uma parte expressiva dos mineiros terá resistência ao meu ser. Santista? Há tanta gente com intolerância estomacal a peixe... Cada escolha exclui uma metade ideal e parece conter raiva. Não se pode amar sem declarar, de forma sutil, algum ódio.

Em terra de cruzadas de bola, ser cristão ou mouro vira identidade. Mais ainda: transforma-se em causa bélica. O futebol é um pouco a favor de um time e muito sobre ser contra outro. A camiseta é união, símbolo e veste de guerra.

O bravo Aimoré foi pioneiro e é permanente no meu coração. É o time da minha cidade de origem. O azul do uniforme sempre constituiu uma boa cor no meu imaginário. O rosto indígena encontra eco na minha alma de historiador. Por fim, secundário, mas notável: ninguém, absolutamente ninguém, fica ofendido quando eu digo que torço pelo Aimoré. Não há inimigos. Não se criam maniqueísmos rápidos. Quase sempre tenho de explicar de onde é o time. Falo feliz dele, do estádio e da minha primeira partida na infância.

No meu estado natal, a polarização não é recente. Lá, gremistas e colorados se enfrentam há décadas. A política gaúcha sempre girou em torno de chimangos e maragatos, faces de uma moeda antagônica e dependente. O Aimoré nunca fez parte de tais choques. É uma filiação doméstica reconhecida como válida e neutra.

Lembrei-me do simpático Papa Francisco. Ele torce pelo San Lorenzo. Em minha projeção fictícia, trata-se de uma versão argentina do Aimoré. Será que o jovem Jorge Bergoglio teve a mesma experiência que eu no chamado estádio do El Gasómetro? Se sua Santidade declarasse amor ao Boca Juniors, talvez houvesse mais ataques ao trono de São Pedro. Não! Já o vi ganhando camiseta do San Lorenzo

em plena praça de São Pedro. Ali, no coração da Cidade Eterna, o bispo supremo pode reinar nos corações do mundo católico torcendo por um time local.

Queria garantir à brava torcida do Aimoré: se um dia o destino me elevar ao trono máximo da Igreja Católica, prometo, no momento da entronização solene como sucessor de São Pedro, sob a roupa branca, que vestirei uma camiseta do Aimoré. Então, o mundo saberá que terminou o reinado do San Lorenzo e que a cabeça do bravo indígena aimoré estará lá no trono. As tabas ficarão em festa! Então, pelo poder da infalibilidade pontifícia, declararei que o Aimoré tem um título do mundial de clubes. E, assim, pelo poder supremo do Mestre concedido a Pedro (o que eu ligar na Terra será ligado no Céu e na sede do Aimoré), proclamarei a nova verdade. Nesse dia, por pressão papal sobre dois jogadores de países católicos, Cristiano Ronaldo e Messi, ambos passarão a jogar pelo Aimoré e o nome glorioso do time superará a fama do passado. E, claro, fechando a tríade, Neymar será visto desfilando pela rua Independência em São Leopoldo, temeroso de uma excomunhão ou um interdito pontifício. Abençoados pelo papa capilé (o gentílico da minha cidade é este: leopoldense ou capilé), o time dominará o cenário do futebol mundial. A marca vai ser comercializada em lojas pelo planeta. Haverá teses de doutorado sobre o fenômeno. Uma placa assinalará o lugar em que a criança assistiu ao primeiro jogo para, no futuro, coberto pelo poder pontifício, proporcionar o “milagre do Aimoré”. Há coisas que só pela fé, uma virtude teologal, como a esperança.